



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ENVELHE(SER) NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE SOBRE VELHICE, FÉ E
CARIDADE NA VILA VICENTINA JULIA FREIRE (JOÃO PESSOA-PB)**

JESSICA GLEYCE DOS REIS FELIX

Orientador: Prof. Dr. Elio Chaves Flores
Linha de pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

JOÃO PESSOA - PB

2018

**ENVELHE(SER) NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE SOBRE VELHICE, FÉ E
CARIDADE NA VILA VICENTINA JULIA FREIRE (JOÃO PESSOA-PB)**

JESSICA GLEYCE DOS REIS FELIX

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba em cumprimento as exigências para obtenção do título de mestre em História. Área de concentração em História e Cultura Histórica

Orientador: Prof. Dr. Elio Chaves Flores
Linha de pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

JOÃO PESSOA – PB

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F316e Felix, Jessica Gleyce Dos Reis.

Envelhe(ser) no Século XXI: uma análise sobre velhice,
fé e caridade na Vila Vicentina Julia Freire (João
Pessoa- PB) / Jessica Gleyce Dos Reis Felix. - João
Pessoa, 2018.

124 f. : il.

Orientação: Elio Chaves Flores.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

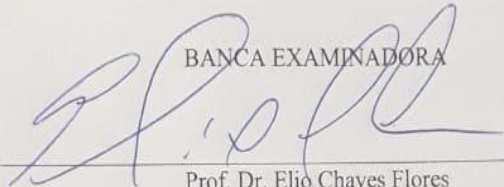
1. História da Velhice. 2. História Oral. 3. Memória.
I. Flores, Elio Chaves. II. Título.

UFPB/CCHLA

ENVELHE(SER) NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE SOBRE VELHICE, FÉ E
CARIDADE NA VILA VICENTINA JULIA FREIRE (JOÃO PESSOA-PB)

JESSICA GLEYCE DOS REIS FELIX

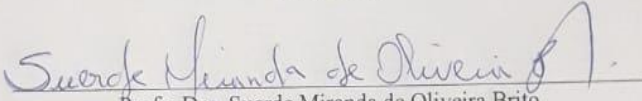
Dissertação de Mestrado avaliada em 31/08/2018 com conceito Aprovada


BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Elio Chaves Flores

Programa de Pós-graduação em História - Universidade Federal da Paraíba

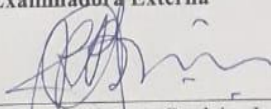
Orientador



Profa. Dra. Suerde Miranda de Oliveira Brito

Departamento de Arquivologia - Universidade Estadual da Paraíba

Examinadora Externa



Prof. Dr. Raimundo Barbosa Cordeiro Junior

Departamento de História - Universidade Federal da Paraíba

Examinador Externo

Prof. Dr. Damião de Lima

Pro Programa de Pós-graduação em políticas públicas, Gestão e Avaliação da Educação
Superior - MPPGAV/CE - Universidade Federal da Paraíba

Suplente Externo

Prof. Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto

Programa de Pós-graduação em História - Universidade Federal da Paraíba

Suplente Interno

AGRADECIMENTOS

Alguém já disse que a gratidão tem memória curta, e nesse processo de tentar traduzir em palavras o quão especiais são cada um dos que contribuíram com a minha jornada até esse momento, espero não ser traída e cometer o erro de negligenciar pessoas tão importantes, cada um do seu modo deixou uma impressão em minha vida e nas linhas que constituíram esse trabalho.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba pela oportunidade de crescimento e aprendizado a mim concedida, e em especial aos professores com quem tive a oportunidade de conviver no transcorrer das disciplinas, Carla Mary, Claudia Cury, Paulo Giovanni e Tiago Bernardon. Agradeço ainda a Geraldo pela solicitude, simpatia e paciência de sempre.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES pelo financiamento que possibilitou a realização de parte desta pesquisa.

Aos professores da banca examinadora presentes desde a qualificação, Martinho Guedes pela disponibilidade, leitura atenta e profícuas contribuições. Ao professor Raimundo Barroso, com quem tive a honra de conviver em algumas oportunidades durante o mestrado, foi de longe o maior exemplo de que grandeza e humildade podem estar unidas em uma só pessoa, gratidão por me acolher como agregada a Hélia e por enriquecer meu vocabulário, sempre que possível tento usar lisérgico e claudicante (piada interna). À professora Suerde Brito, que prontamente aceitou o convite para integrá-la, gratidão pela disponibilidade, afeto e gentileza de sempre. Agradeço principalmente ao meu orientador Élio Flores pela paciência, tranquilidade, confiança e liberdade concedida durante esses anos em que me acompanhou. Muito obrigada!

Agradeço também à Vila Vicentina Julia Freire, pela acolhida e permissão para o desenvolvimento da pesquisa em especial a Washington, Maria Alice, Marcelo, João Temóteo e Cacilda, que contribuíram de forma direta com a feitura da dissertação; o trabalho e a dedicação de vocês aos idosos são inspiradores; e não menos importantes aos próprios idosos pelo afeto, pelas partidas de dama e dominó, pelo tempo e por compartilharem suas histórias a cada novo encontro.

Aos colegas da turma 2016.1, Assis, Reynaldo, Rejane, Anicleide, Janyne, Gerlane, foi um prazer trilhar esse caminho com vocês, espero que não nos percamos uns dos outros ao

longo do tempo. Não poderia deixar de dedicar atenção particular a Vanusa detentora de toda minha admiração e carinho, e não menos importante as “misteriosas do sertão” Ellinha, essa criaturinha do coração gigante cuja amizade levarei para a vida. A Geilza, amiga querida, que parece mais comigo do que aqueles com quem mantenho vínculos genéticos, obrigada por rir das bobagens que eu falo (com frequência). Toda minha gratidão a Hélia Moraes, que foi sem dúvidas minha grande companheira nesses últimos anos dentro e fora da academia, das poucas certezas que trago comigo, uma delas é que sua amizade foi um presente de Deus na minha vida.

A Jorilene Barros ‘minha pessoa’, amiga e incentivadora há quase 10 anos. Aos Fernando, pela parceria e amizade. A Monica, amiga de infância com quem compartilho alegrias e contratempos do cotidiano. Aos amigos e companheiros de trabalho, Severino, Tiago, Bruno, Jéssyca Brena, Cléo, Léo, Veridiano, Thiago Mentor, Naco, Verônica e tantos outros que compõem a comunidade escolar João Monteiro da Franca, dividir as manhãs com vocês é um prazer. Agradeço também a Anacília Castro pela generosidade quando ainda em fase inicial deste trabalho mostrou-se sempre disposta a ajudar.

Por fim, apenas em ordem cronológica, mas não em grau de importância, agradeço a Deus e a minha família, Antônio (painho), Maria do Livramento (mainha) minha fortaleza e inspiração, Maria (vovó), Henrique (irmão), Kelly (irmã), Júlia e Adriano, vocês são meu porto seguro desde sempre e para sempre. Amo vocês.

RESUMO

A presente pesquisa intencionou discutir como se estabelecem as relações que permeiam o processo de envelhecer e ser velho no interior da Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), Vila Vicentina Julia Freire. Relações estas, entrelaçadas por uma série de elementos que compõem a trama social do referido espaço, como a fé e a prática da caridade. Neste contexto, os sujeitos que compõem e interagem no espaço delimitado, surgem como protagonistas das narrativas. São voluntários vicentinos, profissionais e idosos, que ao apresentarem as suas histórias de vida, caminhos que os levaram até a Vila Vicentina e perspectivas acerca do lugar e dos sentidos do envelhecer, nos oferecem recursos indispensáveis para pensar as relações, dinâmicas e representações que elaboram e significam o cotidiano. No que se refere ao aporte teórico e metodológico, nortearíamos nossas reflexões a partir de autores que dialogam com a História Cultural, como: as contribuições de Chartier (1990) e o conceito de *representações*, que serão profícuos na construção do texto; Michel de Certeau (2014) para pensar a instituição enquanto espaço praticado; Ecléa Bosi (1994) que lida com a memória de velhos; Le Goff (1994) e Halbwachs (1990) e suas reflexões acerca da memória; além de algumas pesquisas recentes nos campos da história e sociologia que tomam a velhice como eixo central de análises, entre elas, as de Cabral (2002), Cavalcanti (2013), Silva (2012) e Ramos (2008). A História Oral surge como procedimento metodológico principal, empregada a partir do cruzamento de fontes institucionais, com a legislação vigente que rege os direitos do Idoso no Brasil, bem como, os documentos que conduzem a atuação da Sociedade de São Vinte e Paulo, entre os quais, a Regra da SSVP, fontes essas indispensáveis ao desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-Chave: História da velhice. História Oral. Memória.

ABSTRACT

This research intends to discuss the relationships between the process of aging and being old established within the Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), Vila Vicentina Julia Freire. These relationships are intertwined by a series of elements, such as faith and the practice of charity, that make up the social web of the beforementioned place. In this context, the people who compose and interact in the limited space established are transformed into protagonists of the narratives. They are volunteers, professionals and the elderly who, by presenting their lives stories and paths – which led them to Vila Vicentina –, and their perspectives towards the place and the idea of aging, offer us essential resources to think about the relationships, dynamics and representations that are part of their daily lives. Regarding the theoretical and methodological contributions, we will guide our reflections from authors who converse with Cultural History, such as the contributions of Chartier (1990) and the concept of *representations*, which were useful in the construction of the text; Michel de Certeau (2014) to think of the institution as a worked place; Ecléa Bosi (1994) dealing with the memory of the elderly; Le Goff (1994) and Halbwachs (1990) and their reflections on memory. Also, we used some recent research in the fields of history and sociology that take old age as the central axis of analysis, among them Cabral (2002), Cavalcanti (2013), Silva (2012) and Ramos (2008). The oral history emerges as the main methodological procedure, promoted through the junction of institutional sources, which are indispensable sources for the development of the research, such as the current legislation governing the rights of the elderly in Brazil, as well as the documents that guide the Sociedade de São Vicente de Paulo, including the SSVP Rule.

Keywords: History of old age. Oral history. Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Fotografia do Visconde Ferreira de Almeida e busto em sua homenagem localizado na Casa São Luiz	p. 38
Figura 2-	Jornal O Globo Rio- Edições de 31 de maio e 1 de junho de 1996	p. 41
Figura 3-	Idosos, voluntários e funcionários da VVJF participam da Missa de celebrada no salão de eventos, no ano de 2017	p. 56
Figura 4-	Idosos, voluntários e membros da direção da VVJF na missa de lava pés celebrada no ano de 2013.	p. 57
Figura 5-	Entrada principal da VVJF e Capela Nossa Senhora da Conceição	p. 65
Figura 6-	Praça Diógenes e Luiza e corredor de acesso da VVJF	p. 68
Figura 7-	Corredor de entrada principal e rampa de acesso no ano de 2009	p. 69
Figura 8-	Passarela de entrada principal em novembro de 2017 e placa em homenagem a Maria Alice Celani	p. 69
Figura 9-	Solenidade de posse da diretoria no ano de 2013	p. 70
Figura 10-	Festa em comemoração aos aniversários e festejos de carnaval / fevereiro de 2018	p. 70
Figura 11-	Instalações em construção da VVJF	p. 77
Figura 12-	Jornal “A UNIÃO” – edição de 14 de junho de 2009	p. 97
Figura 13-	João Temóteo Neto, ao lado placa em sua homenagem, no bloco do prédio da administração	p.121
Figura 14-	Maria Alice Celani, ao lado de idosos residentes da VVJF	p.122
Figura 15-	Festa de carnaval e comemoração dos aniversários do mês	p.123
Figura 16-	Folder informativo VVJF	p.124

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-	Distribuição da população no Brasil segundo os grupos de idade (2010)	p.24
Gráfico 2-	Proporção de idosos de 60 anos ou mais idade, segundo as Grandes Regiões do Brasil – 2009	p.25

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade em João Pessoa (PB)	p.26
Tabela 2-	Dados comparativos do número de residentes e situação dos empregados do período de 1996-2005	p.73
Tabela 3-	Relação dos pseudônimos dos idosos dos idosos participantes com idade e período de residência	p. 92

LISTA DE SIGLAS

AIC – Associação Internacional de Caridades

ANG - Associação Nacional de Gerontologia

AVD - Atividades da Vida Diária

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

ECC - Encontro de Casais com Cristo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IAP - Institutos de Aposentadorias e Pensões

ILPI - Instituição de Longa Permanência Para Idosos

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPM - Instituto de Previdência do Município

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

PASEP - Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público

PIS - Programa de Integração Social

PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNI - Política Nacional do Idoso

SBGG - Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

SSVP - Sociedade de São Vicente de Paulo

SUS - Sistema Único de Saúde

UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

VVJF - Vila Vicentina Júlia Freire

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. A Velhice em perspectiva: discussões contemporâneas.....	21
2. PERCURSOS DA VELHICE INSTITUCIONALIZADA: CARIDADE CRISTÃ E A SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO.....	31
2.1. Das ruas aos asilos: o cuidado com o idoso e o estabelecimento de uma “cultura da caridade”	36
2.2. A Sociedade São Vicente de Paulo e o serviço dedicado àquele que sofre.....	47
3. POR TRÁS DOS MUROS DA INSTITUIÇÃO ASILAR: CONHECENDO A VILA VICENTINA JÚLIA FREIRE	63
3.1. Um percurso histórico da Vila Vicentina Júlia Freire: mapeando mudanças e permanências	64
3.2. “ <i>Só é velho quem quer, minha fia</i> ”: concepções de envelhecimento positivo na Instituição de Longa Permanência para Idosos.....	78
4. “VIVÊNCIAS NA VILA”: MEMÓRIAS E SUBJETIVIDADES DA VELHICE INSTITUCIONALIZADA.....	88
4.1. Trajetórias e narrativas: Ser velho e envelhecer na Vila	91
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
6. FONTES	109
7. REFERÊNCIAS	111
8. APÊNDICES	116
9. ANEXOS.....	124

1. INTRODUÇÃO

Nunca pensei na idade como se pensa numa goteira no teto que indica a quantidade de vida que vai nos restando (...) Fazia meses que previa que minha crônica de aniversário não seria o mesmo e martelado lamento pelos anos idos, mas o contrário: uma glorificação da velhice.

Gabriel Garcia Marquez

Noventa anos. Esta é a idade que tem o solitário e não nomeado personagem da obra *Memórias de minhas putas tristes* (2015) do ilustre escritor latino-americano Gabriel Garcia Marquez, também conhecido como “Gabo”, quando inicia a sua jornada por aquele que acaba se tornando, talvez, seu mais intenso, único e sincero romance. A partir da história de um improvável relacionamento entre a adolescente virgem, Delgadina, agenciada pela cafetina Rosa Cabarcas e o ancião que ao longo da narrativa descreve, em tom pouco entusiástico, embora não desinteressado, a sua trajetória marcada pela luxúria em inúmeras aventuras sexuais com prostitutas nos bordéis colombianos em meados do século XX. O autor promove uma série de reflexões acerca das múltiplas faces da velhice, tão comumente estigmatizada e associada a estereótipos negativos.

Nos meandros deste enredo, um hino à sensibilidade, que a uma primeira vista pode causar certa estranheza aos leitores; o livro traz à tona com naturalidade um acervo de temas que parecem antagônicos e proibidos quando falamos dos velhos e da velhice, a exemplo da sexualidade do protagonista, tão ativa quanto em outras fases de sua vida. Neste sentido, em certa medida, a obra nos oferece como outras narrativas literárias¹e, não apenas do referido autor, a possibilidade de pensar e analisar o imaginário social construído acerca destes assuntos, além de uma gama de questões que os circundam e estão presentes em nosso cotidiano.

Do mesmo modo que na história de Gabo, pensar o lugar destes sujeitos na contemporaneidade se faz necessário; não apenas e meramente porque representam uma parcela numerosa da população, mas, sobretudo, porque para além dos percentuais

¹ Em *O amor nos tempos da velhice*: perdas e envelhecimento na obra de Gabriel Garcia Marquez (2013), Jamille Cocentino, utiliza o discurso literário enquanto recurso metodológico presente na obra *O amor nos tempos de cólera*, do referido autor, para analisar tanto as perdas, dificuldades e êxitos vivenciados nesta fase da vida, quanto para discutir os diversos processos subjetivos sociais e individuais relacionados à mesma. A autora sustenta que a dimensão ficcional da obra não significa um rompimento com a representação da realidade, tendo em vista que uma das preocupações da literatura também é expressar as possíveis dimensões dos conflitos humanos. Ver: COCENTINO, 2013, p. 25.

demográficos apresentados nos censos, os mesmos foram histórica e socialmente silenciados e a concretude de suas existências além de (re)elaborar o panorama social, apresenta uma complexidade muito maior de interrogações do que supomos.

Ao longo de nossas trajetórias acadêmicas inúmeras vezes somos interpelados a explicar as nossas escolhas e o interesse pelo objeto de pesquisa, afinal, pressupõe-se que algo ou alguém tenham motivado as inquietações que movem o pesquisador. Essa tarefa, à primeira vista, pode aparentar ser desnecessária ou até superficial para alguns, mas reitera a sua importância a cada linha que se tece nas páginas em branco de um trabalho como este. Nesta perspectiva, confluímos com o que nos aponta Michel de Certeau (1982), sobre as múltiplas nuances que compõem a operação historiográfica, pois, as marcas de nossas inquietudes, o lugar social e de pertencimento institucional sempre estarão intrínsecos à nossa escrita.

Interseção. Ponto onde há o cruzamento entre duas linhas ou superfícies. Talvez essa seja a palavra ou expressão mais indicada para explicar os trajetos percorridos até aqui e que confluem para um lugar comum: o diálogo com a velhice. Ainda durante a graduação, a participação em projetos de pesquisa e extensão² voltados à investigação da história do corpo e da beleza no Brasil, suscitaram as questões que balizam nossas problematizações acerca do que é ser idoso e de seu lugar nas sociedades e culturas contemporâneas. As mesmas resultaram na produção de um trabalho de conclusão de curso cuja discussão priorizou a reflexão acerca da presença/ausência dos corpos velhos no discurso midiático, mais especificamente em duas revistas de circulação e alcance nacional.

Em paralelo, a experiência com atividades voluntárias em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), situada no Alto das Populares na cidade de Santa Rita³, possibilitou atribuir uma dimensão humana ao trabalho que se desenvolvia. Isso porque, o exercício da alteridade, realizado através da escuta, fez ascender certo fascínio pelas histórias de vida daqueles idosos, que embora estivessem em situação de vulnerabilidade social, mantinham alegria expressa em suas narrativas. Estas que eram geralmente permeadas

² Projeto de pesquisa: “Histórias do Corpo e da Beleza no Brasil a partir dos enunciados das revistas femininas”, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Edna Maria Nóbrega de Araújo, financiado através do Edital Universal 14/2009 da Universidade Estadual da Paraíba.

³ O referido bairro conta com duas instituições dedicadas ao trabalho com idosos: a Associação Promocional do Ancião - D. Licota Carneiro da Cunha Maroja, fundada no ano de 1985, com sede de suas atividades na Rua Doutor João Pimentel, s/n; e a Casa do ancião Maria Ribeiro de Lima, instituição sem fins lucrativos que atualmente abriga cerca de 78 idosos e pessoas em situação de risco.

por um tom nostálgico sobre os feitos de um passado longínquo e, ao mesmo tempo tão próximo, rememorado em momentos de lucidez e entusiasmo.

Desta maneira, tendo em vista a proximidade de vínculos afetivos existentes com os indivíduos que viviam no lugar mencionado e as dificuldades estruturais para o desenvolvimento da pesquisa, optamos por escolher outro local com trabalho semelhante e partimos em busca de um novo objeto, até encontrarmos a Vila Vicentina Julia Freire (VVJF), ILPI⁴, situada no bairro da Torre, na cidade de João Pessoa-PB.

A instituição foi fundada em meados do século XX, e tem como principal responsabilidade o cuidado com o idoso residente nas diversas dimensões das suas vidas; assessorando-os nos aspectos de saúde física, mental, material, moral e também religiosamente. É uma entidade civil, de direito privado, filantrópica e sem fins lucrativos, que foi declarada de utilidade pública através de leis específicas⁵, tanto nos âmbitos municipal e estadual, quanto no federal.

Após a aprovação do projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do CCS-UEPB e a prévia autorização dos membros diretores da Instituição, passamos a frequentá-la regularmente a fim de conhecer o seu cotidiano, as pessoas que trabalham, residem ou apenas transitam no espaço. O intuito era perceber as respectivas funções que desempenhavam, como também para estabelecer quais as reais necessidades, os critérios de seleção dos sujeitos participantes e a metodologia que posteriormente seria adotada. E, assim definir, os melhores caminhos para o desenvolvimento da pesquisa.

Tendo em vista o percurso delineado, a presente pesquisa tem como objetivo discutir como se estabelecem as relações de alteridade que permeiam o processo de envelhecer e ser velho no interior da ILPI, Vila Vicentina Júlia Freire, considerando uma série de elementos que compõem a trama social do seu espaço, como a fé e a prática da caridade. Destarte, os sujeitos que compõem e interagem no espaço delimitado surgem como protagonistas das narrativas, são voluntários vicentinos, profissionais e idosos, que ao apresentarem as suas histórias de vida e perspectivas acerca do seu lugar, nos oferecem recursos indispensáveis

⁴ Segundo Camarano e Melo (2010, p. 74), o termo se trata de uma adaptação da expressão *Long-Term Care Institution* utilizado pela Organização Mundial de Saúde – OMS. Atualmente também é o termo oficial da legislação brasileira que versa sobre os direitos do idoso, todavia, a utilização de expressões como lar, casa, abrigo de idosos/ancião ou o próprio termo asilo, ainda é bastante frequente no cotidiano e em pesquisas de diferentes áreas. Vale ressaltar que no transcorrer do texto, as diferentes nomenclaturas serão utilizadas.

⁵Leis: nº 9.487/2001; nº 7.106/2002 e Portaria Federal: 3.940/2009. Ver: Brito et al, 2015, p. 158.

para pensar as relações, dinâmicas e representações que elaboram e (res)significam o cotidiano.

Os sujeitos selecionados e entrevistados no primeiro momento da pesquisa são voluntários vicentinos. Membros ativos da Sociedade de São Vicente de Paulo e integrantes da direção geral da Instituição, que ocupam ou ocuparam cargos importantes na administração, como: presidentes, tesoureiro e vice-presidente. Sendo um destes, ocupado por uma idosa residente há cerca de 10 anos. Sujeitos cujas trajetórias se assemelham no tempo e trabalho destinados à pessoa idosa, dedicados quase que integralmente ao serviço na VVJF. Narram a sua vivência, significados das experiências de fé e caridade, alegrias, desafios e perspectivas acerca da velhice e das relações que estabelecem com os idosos e uns com os outros. Em consonância, as entrevistas com os idosos seguem a mesma dinâmica e constituem parte extremamente relevante ao desenvolvimento deste trabalho. Encaminhadas de forma mais livre, o significado das experiências em suas trajetórias de vida vão sendo delineadas na medida em que a narrativa toma forma. Neste sentido, os complexos exercícios da memória também se tornam alvo das nossas discussões.

Embora tenha passado por momentos de suspeição quanto à sua capacidade para a produção de conhecimento científico, a história oral já consolidou o seu espaço. Sobretudo, no âmbito das ciências humanas e sociais. Entretanto, é necessário pontuar que trabalhar com a mesma enquanto procedimento metodológico e fonte, demanda do pesquisador uma postura diligente tendo em conta que estará em constante diálogo com as subjetividades dos sujeitos participantes da pesquisa. Assim sendo, as contribuições de Verena Alberti (2005) Meihy e Holanda (2015) e Ecléa Bosi (1994) serão extremamente significativas na condução do percurso metodológico e nas discussões acerca da memória dos velhos enquanto ferramenta possível para compreender a formação de noções como pertencimento ao grupo ou identidades coletivas; bem como, para pensar as narrativas destas histórias de vida enquanto alternativa para a construção do conhecimento histórico.

No que diz respeito ao recorte temporal, tomaremos como marco inicial a década de 1990, mais especificamente o ano 1994, tendo em vista a instituição de uma política nacional consolidada com a criação da lei 8.842, cuja finalidade é garantir a seguridade dos direitos sociais do idoso⁶. Torna-se necessário pontuar que dialogaremos com outras temporalidades,

⁶Como aponta Cabral (2004), alguns autores têm trabalhado com dois cortes de limite inicial do envelhecimento sendo o mais alto de 65 anos. Todavia, para fins da pesquisa, utilizaremos a noção legal vigente no país, o Artigo 2º da Lei nº 8.842, segundo a qual, considera idoso, a pessoa maior de sessenta anos de idade. Vale ressaltar que

na medida em que julgamos ser fundamental, mesmo que sucintamente, historicizar a instituição que tem 74 anos de existência. A fim de compreender melhor as mudanças no espaço e nas práticas cotidianas nele instauradas. Também tomamos a década citada para perscrutar de forma mais precisa tais transformações, devido a maior facilidade de acesso a fontes que as elucidem quanto aos relatos dos sujeitos que as testemunharam. Em acordo com a metodologia da história oral, estaremos sempre em contato com os exercícios múltiplos da memória. Por conseguinte, em consonância com o que salienta Albuquerque Jr. (2007, p. 89) consideramos que “para ser historiador como para ser poeta é preciso não estar alheio a nada é preciso estar envolvido pela vida estar envolvido com as pessoas e as coisas”.

Ao iniciar a pesquisa com os voluntários vicentinos, optamos por nortear os nossos questionamentos a partir de entrevistas temáticas, realizadas em momentos distintos com cada um dos participantes. As entrevistas aparecem de forma pontual e fragmentada no texto, intencionando respaldar as nossas percepções com base na sua importância narrativa e simbólica. Torna-se válido salientar que mesmo direcionando a pesquisa por este percurso metodológico, as histórias de vida do primeiro grupo de depoentes emergem de maneira natural. Afinal, como aponta Alberti (2005, p. 38), debruçando-se sobre um tema ou sobre um indivíduo específico, tanto na história oral temática, quanto na história oral de vida, o pesquisador estabelecerá uma conexão com o método biográfico, isto é, invariavelmente a entrevista perpassará pela história de vida, memória e experiências da pessoa entrevistada.

A VVJF é habitualmente frequentada por voluntários e realiza parcerias com diversas instituições, entre as quais, figuram universidades e faculdades particulares de João Pessoa e região metropolitana. Há a prestação de serviços variados e o desenvolvimento de atividades com os idosos residentes, grande parte em forma de estágios nas áreas da saúde, como enfermagem, geriatria e fisioterapia, ou ainda, em projetos específicos por tempo determinado. Nesse contexto, situou-se o Projeto de extensão⁷ coordenado por professores do curso de graduação em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba. Cujo objetivo primordial consiste em preservar a memória institucional, sendo responsável pela seleção, organização, acondicionamento do acervo documental e fotográfico da VVJP. Atualmente o projeto também é responsável pelo registro e divulgação nas mídias sociais dos eventos e

ao longo do texto optamos por utilizar as nomenclaturas, *velho* e *idoso*, para referirmo-nos aos sujeitos institucionalizados.

⁷ Projeto de extensão: *Memória da Vila: preservação do acervo fotográfico de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos*, cota 2012-2013; e, *Preservação da Memória Institucional: o caso do arquivo iconográfico da Vila Vicentina Julia Freire*, que integrou o Probox, cota 2013-2014, ambos sob coordenação da Profa. Dra. Suerde Brito.

demais atividades da Vila e já resultou em alguns trabalhos acadêmicos, que também constituíram profícua contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.⁸

Mesmo tendo as entrevistas como principais fontes da pesquisa, recorreremos a outro *corpus* documental, composto pelas fotografias, materiais de divulgação, relatórios, além dos documentos que regem a atuação da Sociedade de São Vivente de Paulo, entre eles a Regra da SSVP, já em sua 30ª edição, publicada no ano de 2007. Além destes, algumas matérias jornalísticas veiculadas em jornais paraibanos, as mesmas também aparecerão de forma pontual. Consideramos que estas fontes podem oferecer mecanismos para pensar e compreender mudanças, permanências e transformações vivenciadas ao longo da história da instituição, assim como os fundamentos que orientam a prática do carisma vicentino nas vidas dos voluntários.

Torna-se essencial salientar que o texto que aqui toma forma é o resultado de um exercício de reflexão em processo de constante amadurecimento sobre a questão da velhice, do processo de envelhecimento e das diversas particularidades que a envolvem. Por conseguinte, embora alguns elementos essenciais ainda orientem os nossos questionamentos principais e nossas posturas teórico-metodológicas, o nosso olhar também vem se transfigurando na medida em que deparamo-nos com novas leituras e experiências práticas do envelhecer.

Em suma, vale ressaltar que a concepção de uma pesquisa como esta, cujo caráter interdisciplinar é inerente, não seria possível sem o apoio nos pilares da História Cultural, cujo arcabouço teórico-metodológico nos fornece as ferramentas necessárias para discutir a problemática em questão.

Para pensar as questões relacionadas à pesquisa, tomaremos de empréstimo algumas concepções e posicionamentos de teóricos e pesquisadores indispensáveis à temática, entre os quais figuram Guita Grin Debert (2004, 2012), estudiosa das questões que englobam a velhice e o envelhecimento no Brasil; Roger Chartier (1990) e o conceito de representações; Michel de Certeau (2014) para pensara instituição enquanto o espaço praticado; Ecléa Bosi (1994) que lida com a memória de velhos; Le Goff (1994)e Halbwachs (1990) e suas reflexões acerca

⁸Resultado direto da experiência extensionista é o trabalho intitulado: *Proposta de seleção e descrição de fotografias para o repositório digital Vila Vicentina* Julia Freire, de Anacília Corrêa Castro (2016), que aborda as características da fotografia enquanto documento para a preservação da história e memória institucional, propondo um modelo de descrição fotográfica com vistas ao aperfeiçoamento daquele já existente no repositório digital da VVJF.

da memória; além de algumas pesquisas recentes nos campos da história e sociologia que tomam a velhice como eixo central ou secundário de análises, entre elas, Cabral (2002), Cavalcanti (2013) e Ramos (2008). No que se refere à postura metodológica, como foi citado anteriormente, nos apoiaremos nas observações apontadas por Meihy e Holanda (2015) e Alberti (2005).

Dito isto, resta-nos apresentar a sistematização pensada para a estruturação do texto propriamente, tentando delinear minimamente uma trajetória de escrita com sentido para as discussões pertinentes à pesquisa.

O primeiro capítulo, intitulado: **“Percursos da velhice institucionalizada: a caridade cristã e a Sociedade de São Vicente de Paulo”** intencionou discutir a partir de entrevistas dos voluntários vicentinos e dos documentos de formação da SSVP, como a relação entre religião, fé e caridade cristã está inserida no cotidiano da instituição perpassando pelo exercício de historicizar o processo de institucionalização da velhice e a influência da igreja católica no mesmo.

O segundo capítulo, intitulado: **“Por trás dos muros da instituição asilar: conhecendo a Vila Vicentina Júlia Freire”** objetivou historicizar a instituição asilar para elencar as mudanças e permanências estruturais ao longo dos anos e nas maneiras de conceber e administrar a velhice e os corpos velhos. Para tanto, utilizamos as fontes institucionais e os depoimentos coletados. Pretendeu-se discutir também como a perspectiva de “envelhecimento positivo” se faz presente no cotidiano dos sujeitos que compõem o espaço.

No terceiro capítulo: **“Vivências na Vila Vicentina: memórias e subjetividades da velhice asilar”** procuramos aprofundar as trajetórias de vida dos idosos residentes, cuja condição de saúde física e mental possibilitou a participação na pesquisa, intentando perceber quais as representações culturais que os mesmos elaboram acerca da velhice e do processo de envelhecimento que experienciam. Buscamos entender também, quais os caminhos que os tornam os “velhos da vila”, como conferem sentidos, atribuem significados e praticam o espaço; além de como estabelecem interações e relações de sociabilidades.

1.1. A Velhice em perspectiva: discussões contemporâneas

As últimas décadas no século XX e início do XXI demarcaram a ascendência e relevância da História Cultural enquanto modalidade historiográfica. Conceitos, sujeitos/objetos, temas e métodos outrora negligenciados, apresentam-se como possibilidades para as análises concernentes ao fazer do historiador. Ao discorrer sobre o percurso da disciplina nesse contexto, que em alguns momentos chama de “uma história cultural da história cultural”, o historiador inglês, Peter Burke (2008), indica as suas principais fases, autores, obras, inovações, problemas e particularidades. Não obstante, entre as principais características que se destacam no bojo da História Cultural, o diálogo com diversos outros campos do conhecimento é consenso tanto entre os estudiosos que a praticam, quanto entre aqueles que se dispuseram numa tentativa de conceituação da mesma. Como o autor afirma: “A história Cultural [...] é multidisciplinar, bem como interdisciplinar, em outras palavras, começa em diferentes lugares, diferentes departamentos na universidade - além de ser praticada fora da academia” (BURKE, 2008, p. 170).

Outro importante historiador, o francês Roger Chartier(2009),ao discutir a chamada “instituição histórica”, em sua obra *A história ou a leitura do tempo*, posiciona no cerne do debate sobre a prática do historiador, a questão do lugar social. Entendido na perspectiva de Certeau, na dualidade entre permissão e interdição, já que o mesmo tanto possibilita, quanto inviabiliza pesquisas e análises; influenciando na produção de discursos específicos em detrimento de outros. Tais lugares acabam por indicar os próprios objetos da história, nas palavras do autor: “Em cada momento, a instituição histórica se organiza segundo hierarquias e convenções que traçam as fronteiras entre os objetos históricos legítimos e os que não o são e, portanto são excluídos ou censurados” (CHARTIER, 2009, p. 18).

Isto posto, os velhos e a velhice não se configuram como exceção, estando inseridos nesse movimento de ampliação das possibilidades, proporcionado pela história cultural. Entretanto, não podemos negar que a historiografia que versa sobre estes temas ainda é incipiente. Sendo assim, assiduamente faremos uso das profícuas contribuições e diálogos com outras ciências humanas e sociais com ênfase na Sociologia, Psicologia e Antropologia.

No transcorrer das últimas décadas do século XX e início do XXI estamos assistindo a profusão de discursos sobre a velhice. Os corpos envelhecidos e o processo de envelhecimento em si, transformaram-se em temas de interesse dos mais variados segmentos da sociedade, sejam em sua percepção enquanto mercado consumidor, como alvo de políticas

públicas específicas ou ainda devido às significativas mudanças no caráter demográfico do país. O que se verifica é uma espécie de ruptura na chamada “conspiração do silêncio” social conferido aos velhos, como aponta Simone de Beauvoir em sua obra: “A velhice: a Realidade Incômoda”, ainda na década de 1970. Em consonância, como sugere Guita Grin Debert (2012, p. 15), expoente fundamental nos estudos sobre a velhice no Brasil, estaríamos passando por um processo de (res)significação da velhice, que engloba tanto uma socialização progressiva em suas formas de gestão, quanto pelo que nomeia como processos de reprivatização.⁹

Para a autora, a velhice que outrora esteve reservada aos espaços privados e familiares, foi transformada em uma questão de caráter público e, portanto, necessitava de um conjunto de orientações singulares que passam a ser determinadas pelo aparelho do Estado e outras organizações. Neste contexto, surgem saberes específicos, como a Gerontologia,¹⁰ que formam profissionais especializados e indica maneiras para lidar com as perdas do envelhecer, produz-se o idoso enquanto categoria cultural para designar um grupo teoricamente coeso e homogêneo que institui uma nova configuração à geografia social.

Vale ressaltar que a percepção desta fase da vida, enquanto etapa diferenciada do desenvolvimento humano, que demanda intervenções específicas, é relativamente recente, e reflete-se em diversos segmentos, inclusive no âmbito da academia, que no transcorrer das últimas décadas vem-se gradativamente conferindo espaço ao tema. Todavia, a construção de representações culturais acerca dos sujeitos que carregam as marcas do envelhecimento e dos diversos lugares/espaços que ocupam, ainda predomina no imaginário social de forma negativa. No caso específico deste trabalho, o lugar em questão é uma ILPI ainda majoritariamente rotulada de maneira simplista e equivocada, comumente vista como depósito para o abandono daquele que não produz mais.

O que parece ter se tornado consenso é que analisar a velhice e suas novas formas de gestão, apenas a partir de tais questões, é deixar à revelia a oportunidade de uma reflexão pormenorizada acerca de uma série de processos que conferem legitimidade e expressividade

⁹ Para a autora, dentro desse movimento de socialização, também está inserida a perspectiva a que toma a velhice enquanto uma responsabilidade individual. Neste sentido, cada sujeito durante a vida estaria encarregado de construir as possibilidades de um envelhecimento positivo. Ver: DEBERT, 2004, p. 15.

¹⁰ A Gerontologia estuda o processo de envelhecimento humano em suas dimensões biológica, psicológica e social, tendo duas teorias principais: Teoria do desengajamento e Teoria da atividade. Campo científico e profissional dedicado às questões multidimensionais do envelhecimento e da velhice, tendo por objetivo a descrição e a explicação do processo de envelhecimento nos seus mais variados aspectos. É, por esta natureza, multi e interdisciplinar. Na área profissional, visa à prevenção e a intervenção para garantir a melhor qualidade de vida possível dos idosos até o momento final da sua vida. Ver: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Disponível em: <http://sbgg.org.br/espaco-cuidador/o-que-e-geriatria-e-gerontologia>

aos sujeitos senescentes. Como salienta Minayo (2011, p. 10), a desconstrução dos estigmas que rondam a velhice, se faz cada vez mais necessária. Afinal, numa perspectiva antropológica, as designações “velho” e “idoso” não constituem uma categoria de análise homogênea e singular. Pois, existe uma série de fatores, particularidades que influenciam diretamente no processo de envelhecer. Diferenças que vão desde o gênero, etnia, situação socioeconômica; ao fato do indivíduo ser habitante de ambientes rurais ou urbanos, o tipo de trabalho que desempenha durante a vida, enfim, até as próprias condições genéticas e de saúde física e mental.

Nesse cenário, se faz necessário falar dos aspectos demográficos, pois, em grande medida, é um dos fatores que impulsionam as discussões sobre envelhecimento nos dias atuais. Em diversos países, a diminuição das taxas de fecundidade, natalidade e o aumento da expectativa de vida e envelhecimento da população, são um fenômeno inegável. O Brasil não constitui uma exceção, apresentando um movimento sistemático e contínuo no crescimento do número de idosos. Diversos estudos e pesquisas vêm mostrando que essa mudança de panorama demográfico do país produz consequências não apenas nos planos social e cultural, mas também econômico. Tendo relação direta com uma série de transformações vivenciadas no transcorrer do século XX, que em suas primeiras décadas, apresentava expectativa de vida inferior aos 35 anos.

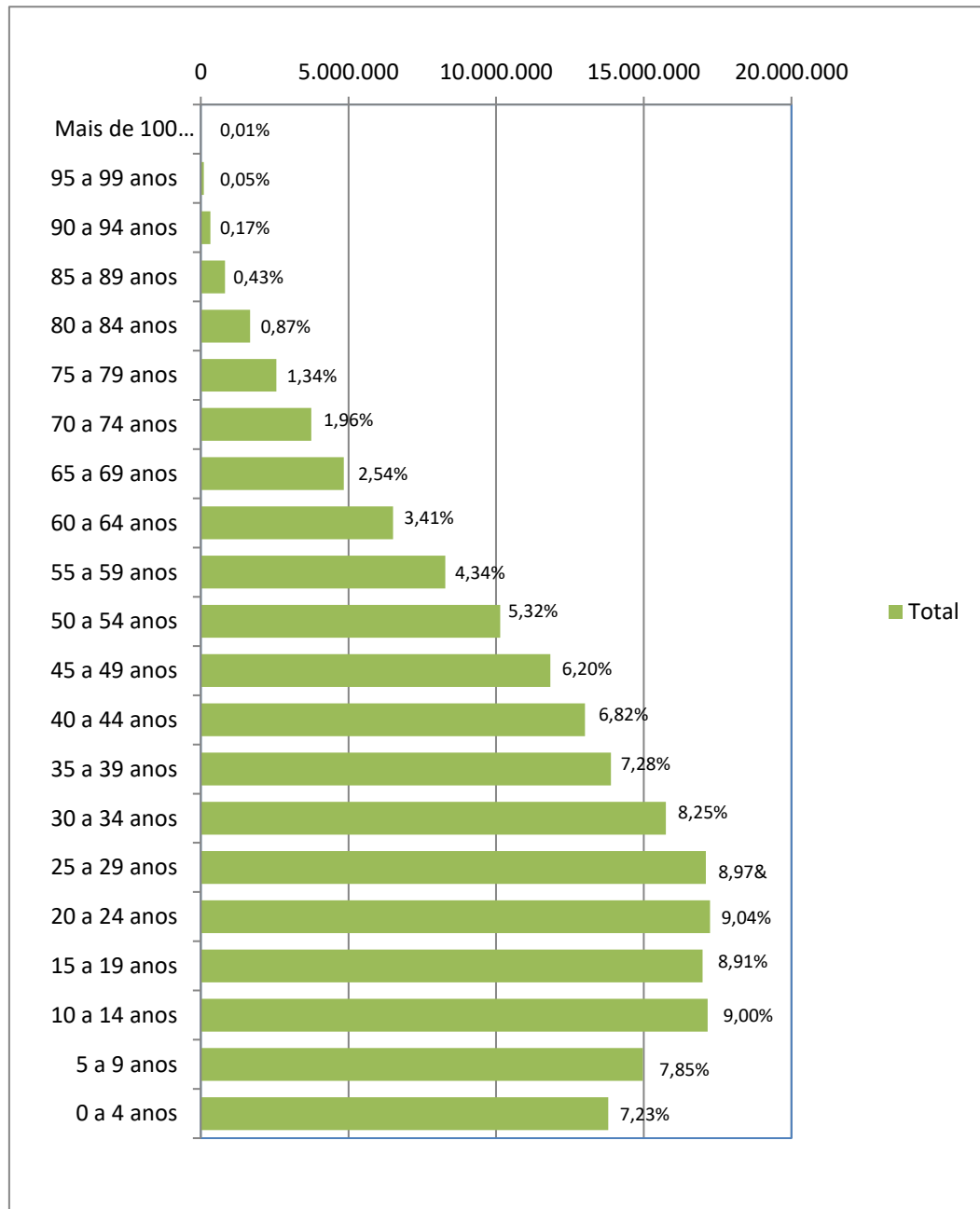
Para mensurar tal crescimento, de acordo com estimativas oficiais de pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, a expectativa de vida da população brasileira ensaiou um ganho de 2,6 ao passar de 66 anos, em 1991, para 68,6 no ano 2000. No ano de 2010, essa expectativa já girava em torno dos 73 anos e o país contava com uma população de idosos que estava em torno dos 22 milhões de pessoas, o que corresponde a um percentual equivalente a 11,3% da população total, superando diversos países europeus. Tal configuração não é muito diferente quando nos reportamos às regiões. No caso específico do Nordeste, 3ª colocada no quadro geral, esse número está por volta dos 10,5%, como pode ser verificado nos gráficos.

No âmbito do Estado da Paraíba¹¹, a esperança de vida ao nascer, que na década de 1980 não ultrapassava os 57 anos de idade, atingiu a casa dos 72,3 anos, em

¹¹Segundo a Pesquisa Grandes Regiões e Unidades das Federações: Esperança de Vida ao nascer segundo projeção populacional: 1980, 1991-2030 – Ambos os sexos. Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de População e Indicadores Sociais - COPIS. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica - GEADD Projeto UNFPA/BRASIL (BRA/02/P02) - População e Desenvolvimento.

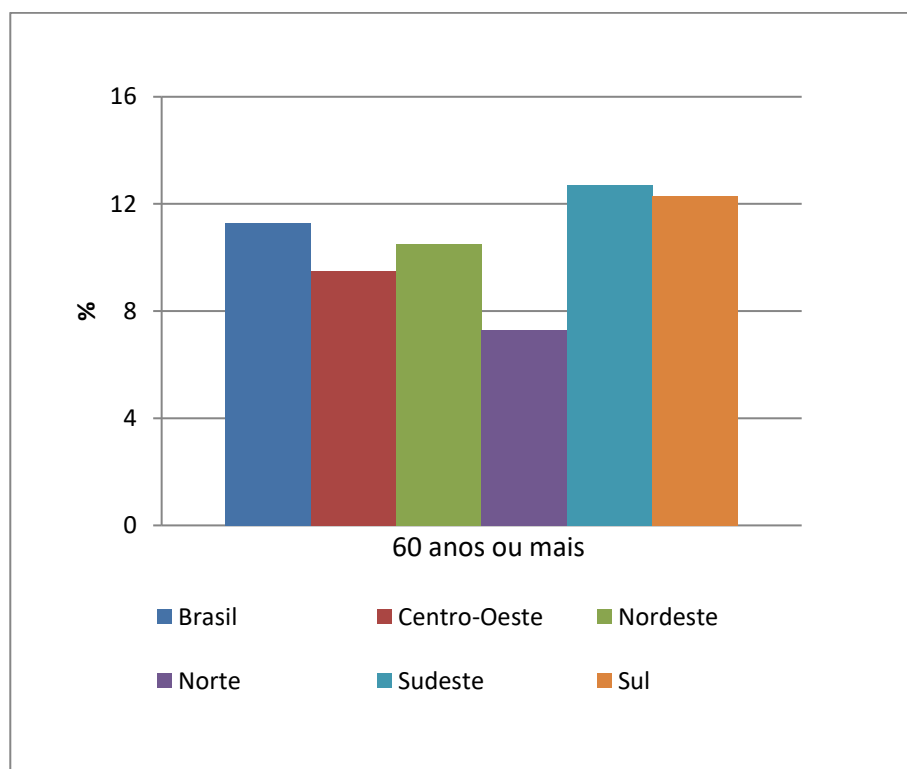
2013. Apresentando o terceiro maior crescimento no Brasil no transcorrer das três últimas décadas, com estimativas de alcançar os 76,3 anos, em 2030.

Gráfico 1- Distribuição da população no Brasil segundo os grupos de idade (2010)



Fonte: IBGE, Censo 2010.

Gráfico 2- Proporção de idosos de 60 anos ou mais idade, segundo as Grandes Regiões do Brasil – 2009



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

A Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios (PNAD), realizada em 2009, aqui utilizada como fonte, oferece alguns dados significativos para analisar as reais condições do idoso no país. Os homens contabilizam um percentual total de 44,2%; enquanto as mulheres correspondem à maioria da população, o que representa cerca de 55,8%, sendo que 64,1% destas, ocupavam a posição de pessoa de referência no domicílio, o que demonstra como a figura da avó¹² ainda exerce grande influência na configuração familiar de muitos lares brasileiros.

No que se refere aos níveis de escolaridade, mais de 50% tem menos de 4 anos de estudo e apenas 57,9% dispõem de aposentadoria pela previdência social, dos quais, 43,2% possuem renda domiciliar per capita de até 1 salário mínimo. Isso leva a crer que os proventos

¹² Contribuição relevante que estabelece relação com a temática é a pesquisa intitulada “Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos etários”, de Keila Queiroz e Silva Ramos (2008), que intenciona discutir, a partir de uma pesquisa-ação em escolas públicas das cidades de João Pessoa e Campina Grande, qual o papel das mulheres detentoras de “corpos velhos” na formação de crianças e adolescentes de famílias pobres. A fim de entender como se dão as relações intergeracionais no seio destas realidades parentais.

oriundos da aposentadoria são base do sustento de grande parte destas famílias. Com relação à chamada “incapacidade funcional”, que considera a habilidade do idoso no caminhar a distância de 100 metros, provocando dificuldades para a realização de afazeres da vida cotidiana, constatou-se que fatores como gênero e renda per capita têm grande influência nessa questão.

Entre as mulheres, a dificuldade de caminhar 100 metros é 15,9% superior aos homens, embora tenha que se levar em consideração que a expectativa de vida feminina também é maior que a masculina. No que tange à renda, há uma relação de inversão proporcional. Quanto maior a renda, menor a declaração de incapacidade, ponto cuja explicação plausível, encontrada na Síntese dos Indicadores Sociais de 2010, está no fato de que rendas elevadas possibilitam a obtenção de serviços de acompanhamento e equipamentos de apoio de melhor qualidade, além de uma inserção social exponencialmente mais ativa.

Quanto à cidade de João Pessoa, o censo do IBGE do ano de 2010 também oferece informações acerca da sua composição demográfica. No referido ano, o número total de habitantes da capital paraibana girava em torno dos 715 mil, dos quais, se encontravam na faixa etária considerada como população idosa, ou seja, entre os 60 e 99 anos, aproximadamente 75 mil pessoas. Número este que corresponde a 10, 6% da população total do município, sendo a maioria do sexo feminino. Tal percentual está apenas um pouco abaixo quando nos reportamos ao Estado da Paraíba como um todo, cujo índice estaria por volta dos 11, 9 %.

Tabela 1- Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade em João Pessoa (PB)

Faixa Etária	Homens	Mulheres
90-99 anos	565 = 0,2 %	1.442 = 0,3 %
80-89 anos	3.106 = 0,5 %	6.402 = 0,9 %
70-79 anos	8.166 = 1,1%	13.854 = 1,9 %
60-69 anos	17.165 = 2,4 %	23.935 = 3,3 %
50-59 anos	29.903 = 4,1%	38.038 = 5,3 %
40-49anos	45.058 = 6,2%	54.246 = 7,5 %
30-39 anos	54.764 = 7,5%	63.350 = 8,8 %
20-29 anos	67.232 = 9,2%	74.015 = 10,2 %
10-19 anos	59.678 = 8,2%	59.886 = 8,3 %
0-9 anos	52.146 = 7,25%	50.560 = 7 %

Fonte: IBGE, Censo 2010.

Ao desenvolver um estudo sobre idosos em grupos de convivência nas classes populares paraibanas, Benedita Cabral (2002, p.4) notabiliza que foi a percepção da velhice enquanto um problema social, que impulsionou a implementação das políticas públicas voltadas ao idoso. Em um movimento que prioriza as perdas do processo de envelhecer, os parâmetros de classificação etária surgem como problemática essencial e nos fazem questionar quais os critérios que estabelecem quem são os idosos/velhos enquanto categoria.

Discorrendo sobre esta questão, Cabral cita a famosa obra de Philippe Ariès (1981), tida como referência para os estudos sobre temáticas que envolvem a criança e a família. Bem como, para pensar como os processos de periodização da vida são construídos e modificam-se historicamente. Ariès, por exemplo, ao retomar autores medievais, explica como a concepção de ciclo da vida já esteve relacionada às noções dos ciclos da natureza em um sistema de classificação etária que não apresentava rigidez. Em contrapartida, a modernidade foi acompanhada pela emergência de fases intermediárias entre a infância e a vida adulta, como a adolescência, com processos de transição definidos mais claramente.

De acordo com Gusmão (2003, p. 17), infância e velhice seriam alvos de olhares tortuosos, tendo em vista que se situam no liame entre passado e futuro tornando seu presente enigmático em certa medida. Suas imagens são o reflexo do outro, do diferente, que paradoxalmente o pensamento ocidental já tentou absolutizar ao negligenciar o fato de que diferentes sujeitos e culturas constroem diferentes universos; tanto para a velhice, quanto para a infância; a partir das singularidades implícitas em seu desenvolvimento individual e coletivo.

É assim de modo geral que a infância se apresenta como sendo aquilo que ainda não é – representada pela criança e seu mundo- e a velhice por aquilo que é a realidade futura de cada um e de todos- a velhice e seu mundo como realidade temida e que precisa ser retardada como fato real (GUSMÃO, 2003, p.19).

Para Debert (2012, p.18), vivenciamos na contemporaneidade uma multiplicação de estágios intermediários de envelhecimento, tendo como pressuposto que a aposentadoria não significa mais necessariamente uma passagem direta para a velhice, emergem uma série de eufemismos que atribuem sentidos diversos a tais fases como a “meia-idade”, “melhor idade”, “terceira-idade” e a “aposentadoria ativa”.

Em síntese, esses estudos explicitam como os processos de cronologização da vida em classificações etárias¹³, estão inseridos em uma densa rede de fatores que devem levar em consideração o contexto social, econômico, cultural e histórico de sua formação. Pensar essas transformações nas fronteiras das idades também implica analisar as suas motivações e consequências, levando em consideração, como salienta Bourdieu (1983, p. 112), que as separações entre as idades são construções arbitrárias. Para o autor, essas classificações entre as idades fixam limites e estipulam ordens e lugares exclusivos para cada grupo, nesse sentido, as relações entre eles também são constituídas por disputas.

Cada campo [...] possui suas leis específicas de envelhecimento para saber como se recortam as gerações é preciso conhecer as leis específicas de funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por essa luta[...] Isto é muito banal, mas mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável (BOURDIEU, 1983, p. 113).

Em concordância com tais processos de classificação, no Brasil, é no contexto da década de 1990, que surgem com maior amplitude e expressividade as políticas específicas voltadas ao idoso. Embora, como aponta Cabral (2002, p. 3), alguns programas e iniciativas tenham sido instituídos no país, inclusive na Paraíba, em períodos anteriores. Nessa conjuntura, a própria institucionalização da aposentadoria por idade, atribui novos significados às noções de velhice, considerando o percurso histórico até a sua consolidação.

Segundo Correa (2009, p. 45 apud HADDAD, 1986), as preocupações com a aposentadoria no Brasil remontam o início do século XX, mais especificamente o dia 24 de janeiro de 1923, quando foi instituído o decreto nº4.682, conhecido como Lei Elói Chaves (nome dado em razão da autoria do projeto). Esta que determinava a criação de uma Caixa de aposentadoria e pensões para os empregados de cada empresa ferroviária. O decreto é considerado como o ponto de partida da Previdência Social no Brasil, em 1926, estendido aos portuários marítimos, com a criação da Lei nº5.109. Na década seguinte, são criados os Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs), direcionados a algumas ordens profissionais específicas como bancários, industriários e servidores do Estado ¹⁴.

Na década de 60, são criadas e aprovadas a Lei Orgânica da Previdência Social e seu regulamento geral, responsáveis pela unificação da legislação referente aos IAPs. Na década

¹³As pesquisas de Cabral (2002) e Debert (1999) abordam de forma mais aprofundada, como tais processos constituíram-se ao longo da história, englobando a discussão acerca da noção de gerações.

¹⁴ Respectivamente: Decreto nº24.615, de 9 de julho de 1934; Lei nº 367, de 31 de dezembro de 1936; e Decreto-Lei nº 288, de fevereiro de 1938.

70, outras importantes modificações são instauradas na legislação previdenciária do Brasil, como as leis que criaram os Programa de Integração Social (PIS) e o Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PASEP). Além do decreto que permitiu a estruturação do Ministério do Trabalho e Previdência Social, como também a inclusão de classes de trabalhadores antes negligenciados, como os domésticos e trabalhadores rurais, com a regulamentação do PRÓ-RURAL. De acordo com Cabral (2004, p.6), ainda nesta década acontecem por todo o país diversos seminários regionais promovidos pelo Ministério da Previdência e Assistência Social.

Incumbidos de identificar a situação do idoso no Brasil, esses seminários resultaram na promoção de um encontro nacional, sobre o qual foram produzidos os relatórios que subsidiaram posteriormente as diretrizes essenciais para a Política Nacional do Idoso. A percepção da velhice enquanto um risco social, considerando o aumento demográfico da população de idosos – agora aceitos enquanto atores políticos -, aliada a uma cadeia de movimentos reivindicatórios da sociedade civil, entre os quais, se integram os aposentados que se proliferavam na década de 80; além do contexto internacional¹⁵ de ampliação dos debates acerca do envelhecimento, alicerçaram as conquistas incluídas na Constituição de 1988.

Embora não tenha grandes desdobramentos práticos enquanto política pública para este segmento da sociedade e apresente uma série de lacunas, essa constituição pode ser considerada como marco na história dos direitos dos idosos. Pois, atribuiu a família, ao Estado e a sociedade, a responsabilidade na garantia da dignidade dos mesmos. Como aponta Silva (2008, p. 160), “O aposentado não é somente o sujeito incapaz para o trabalho, mas também o sujeito de direito, detentor de privilégios sociais legítimos, cujo reconhecimento lhe permite reivindicar benefícios em nome de uma categoria”.

Em 1994, com a criação de uma Política Nacional do Idoso e do Conselho Nacional, instituída através da Lei nº8.842, se inaugura um olhar diferenciado sobre o processo de envelhecer e ser velho na sociedade brasileira. Novos direitos sociais aparecem no texto, numa perspectiva que prioriza a manutenção da autonomia, integração e participação social destes sujeitos. O transcorrer desta década é acompanhado pela emergência de iniciativas em

¹⁵Em 1982, foi realizado na cidade de Viena, a Assembleia Mundial sobre o envelhecimento. Evento no qual foi delineado um plano de ação internacional sobre o envelhecimento, com respectivas sugestões aos países participantes. Seguindo o fluxo das preocupações internacionais, o Brasil seguiu as proposições da ONU e instituiu o ano Nacional do idoso, em janeiro de 1982 (Correa, 2009, p. 49).

âmbitos locais que reverberam por todo o país. O que vem a resultar na instituição do Estatuto do Idoso, no dia 1º de outubro de 2003, pela Lei Federal nº10.741, que se ocupa tanto dos direitos fundamentais: como a vida, a saúde, a educação, o trabalho, o lazer, a cidadania, a liberdade; como instaura políticas específicas, como as medidas de proteção para as múltiplas formas de violência das quais o idoso é vítima frequente.

Estas duas últimas legislações também nortearão as nossas análises ao longo da dissertação. Tendo em vista que (res)significam as práticas de cuidado e assistência, formas de conceber e gestar por todo o país. Ao adentrar no espaço da ILPI pesquisada, também pretendemos identificar e discutir, a partir dos depoimentos, se existe e qual o impacto/recepção que o conjunto de processos citados tem no cotidiano da instituição e dos sujeitos nela inseridos.

2. PERCURSOS DA VELHICE INSTITUCIONALIZADA: CARIDADE CRISTÃ E A SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

A idade é isto: o peso da luz
com que nos vemos.

*Mia Couto*¹⁶

Nos estudos mais recentes que englobam as temáticas relativas à velhice e ao envelhecimento, o reconhecimento da pluralidade de sentidos que os termos compreendem é praticamente uma unanimidade. Sujeitos diversos atribuem signos, constroem representações e estabelecem relações sobre, para, e com os velhos e a velhice, completamente heterogêneas. As ILPI's não estão isentas deste processo. Os espaços privilegiados que concentram em seus limites internos, aqueles que carregam as marcas do tempo circunscritas em seus corpos e mentes, e onde transitam aqueles que cuidam e gestam, também estão impregnados de significados e práticas que se transformam historicamente com a influência de fatores externos e internos a eles.

Neste sentido, conhecer minimamente a história das instituições asilares no Brasil e a sua composição na contemporaneidade também se faz necessário. Pois, nos auxiliará no exercício de pensar como a mística da caridade cristã se consolida enquanto tônica na concepção de amparo e cuidado com os velhos que habitam a Instituição de Longa Permanência para Idosos, Vila Vicentina Julia Freire, e várias outras espalhadas por todo o país. Todavia, vale ressaltar, como pondera Silva (2012, p. 38), que as noções de solidariedade e caridade podem ser analisadas sob a atuação de outras perspectivas que regem o trabalho institucional e/ou voluntário. Como por meio da concepção de dádiva¹⁷, que se desdobra na obrigatoriedade tripla do dar, receber e retribuir, e que não está essencialmente vinculada à prática caritativa com viés religioso.

¹⁶ Poema “O espelho”, do escritor moçambicano, na obra, *Idades, Cidades, Divindades* (2007).

¹⁷ Neste trabalho, Silva (2012, p. 36), recorre à noção de dádiva para pensar questões como solidariedade social, reciprocidade e moral. Tal perspectiva foi utilizada no estudo referencial de Marcel Mauus, “Ensaio sobre Dom e Dádiva”, de 1925, onde foram analisados rituais realizados por tribos indígenas “arcaicas”. Cujas práticas de troca de objetos, considerados dons/dádivas, não estaria diretamente relacionada à busca pelo lucro. Mas, ao relacionamento entre os indivíduos que a praticam, sendo o vínculo, por conseguinte, o mais importante entre aqueles que recebiam os bens.

Em seu trabalho, onde analisa as práticas de senhoras voluntárias, integrantes da Associação Internacional de Caridades (AIC), no “Projeto Alegrar”¹⁸, a autora considera que a conexão entre as noções supracitadas são subsídios relevantes para se pensar as ações de voluntariado preponderantes nas instituições asilares da sociedade atual. A partir de meados da década de 1960, há uma proliferação de organizações voluntárias, especialmente vinculadas à religião, empenhadas em reduzir as desigualdades sociais através de práticas assistencialistas e de caridade.

Para Martins (2007, p. 1), esse tipo de trabalho voltado ao assistencialismo, foi e tem sido estimulado por determinações do capitalismo e pelas políticas neoliberais, com o objetivo de aumentar as condições de dependência e precarização de setores mais desfavorecidos da população. Ainda segundo a autora, o trabalho voluntário no caso do Brasil, estaria secularmente ligado à igreja. Desde a colonização, através dos padres jesuítas, as orientações estariam alicerçadas em princípios da ética cristã, estabelecendo a doação como uma maneira de alcançar a salvação da alma. Ao citar Ladin (2000), a autora pontua:

O catolicismo implantado no Brasil não foi apenas religião de Estado. Caracterizou-se igualmente pela prática do chamado catolicismo popular, permeado de tradições medievais ibéricas, que veio para cá com os colonos e se desenvolveu através de uma grande quantidade de agentes leigos não articulados entre si, os quais se encarregavam dos trabalhos religiosos diante de um campo clerical reduzido e segmentado. É o catolicismo dos santos padroeiros, das devoções, das festas, dos santuários... e é exatamente nesse campo que o “indivíduo vai encontrar as associações voluntárias como irmandades e confrarias, através das quais tem acesso aos serviços sociais, ao lazer, à convivência social (LADIN, 2000, apud MARTINS 2007, p. 2).

As formas de institucionalização dos sujeitos ao longo da história vêm ganhando espaço em pesquisas de diferentes áreas do conhecimento humano. Estudos não apenas nos campos da saúde, mas das ciências humanas e sociais, têm contribuído de maneira significativa nas análises de aspectos múltiplos acerca da historicidade, funcionamento e dinâmicas que regem as instituições. A existência da concepção da chamada “Instituição total”, que na perspectiva de Goffman (1961), é entendida como “local de residência e trabalho de um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da

¹⁸ A associação Internacional de Caridades foi fundada no Brasil, no ano de 1854; já o núcleo da cidade de Campina Grande - PB surgiu apenas em 1935 e constitui um grupo feminino, leigo de orientação católica e, em sua maioria, consideradas de classe média e com certo grau de instrução acadêmica. Desenvolveram trabalhos em diversos segmentos desfavorecidos da cidade, como em crianças, doentes e grávidas. Cada um deles formado por um determinado número de voluntárias, o Projeto Alegrar é o grupo que atua exclusivamente com idosos inseridos na Instituição de Longa Permanência (SILVA, 2012, pp. 16-17).

sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (GOFFMAN, 1961, p. 11), contribuiu de maneira fortuita para o desenvolvimento de vários estudos sobre o tema, entretanto, não implica necessariamente em um enquadramento fechado e sem variações de todas as formas institucionais desse conceito.

Segundo Benelli (2014, p. 64), existiriam cinco categorias de Instituições Totais. Os *asilos* para idosos, assim como as casas para cegos ou órfãos, por exemplo, estão no grupo de instituições criadas com o objetivo de cuidar de pessoas tidas como inofensivas ou incapazes. Já os hospitais para doentes mentais ou leprosários constituem uma categoria de instituições arquitetadas para abrigar pessoas consideradas um perigo não intencional e que não têm condições de cuidarem de si mesmas. A terceira categoria é destinada aos sujeitos considerados ameaças intencionais. Nestas instituições, o bem-estar das pessoas segregadas não figura como uma das preocupações básicas de seus criadores. Estão inclusas neste último grupo, as cadeias e penitenciárias, objetos de estudo de grandes intelectuais como Michel Foucault, que as analisa em sua obra *Vigiar e Punir*, lançada no Brasil em 1987. A quarta e quinta categoria correspondem àquelas instituições construídas com o intuito de organizar e realizar, de maneira adequada, tarefas específicas, estabelecimentos reservados tanto para instruções religiosas; quanto para servir como retiros do mundo exterior. No centro destes grupos, estão, respectivamente, os quartéis e escolas internas, assim como os mosteiros, conventos e outras formas de clausura.

No caso específico das instituições asilares, vale frisar que o nível de “totalidade” da mesma, também deve levar em conta o grau de dependência de seus residentes. Para isso, como sugerem Pasinato e Kornis (2010, p. 39), é preciso identificar quais as dificuldades ou limitações para a realização de Atividades da Vida Diária (AVD) que o idoso possui. A definição envolve tanto os aspectos instrumentais, quanto funcionais. A primeira delas diz respeito à capacidade de realizar tarefas mais complexas do cotidiano, como cuidar do próprio dinheiro ou fazer compras, por exemplo; a segunda diz respeito às atividades mais básicas, como tomar banho, ir ao banheiro ou comer. A perda desta última resulta invariavelmente na privação concreta e/ou total da independência do indivíduo. Nesses casos, onde o grau de dependência é maior, a imposição vertical de uma sequência de regras e atividades diárias da “instituição total”, se apresenta de maneira mais contundente. Os horários de medicação, higienização, alimentação, deslocamento, repouso e lazer do sujeito institucionalizado são completamente controlados por outros sujeitos (ROZENDO; JUSTO, 2007, p. 31).

Rozendo e Justo (2007), ao analisar os efeitos da institucionalização da velhice na vida de sujeitos, também recorrem a Goffman (1961) e apontam como um dos principais efeitos decorrentes do processo de entrada no asilo, o que o autor chama de perda e “mortificação do eu”. No qual as histórias particulares e pessoais dos indivíduos são diluídas gradativamente por práticas padronizadas de conduta e convívio com os demais membros do espaço. Para os autores, a “institucionalização desencadeia um processo de demolição das referências históricas e culturais do sujeito junto com seu afastamento do mundo exterior” (ROZENDO; JUSTO, 2007, p. 31). Ao adentrar na instituição, o indivíduo seria destituído de algumas disposições sociais que contribuíram para a construção e consolidação da consciência que ele tem de si.

Nesta perspectiva, os sistemas de admissão nas instituições são elucidativos. Tendo em conta que é bastante corriqueira, no primeiro momento, a elaboração de fichas cadastrais onde são descritos fatos e características dos sujeitos; onde as fotografias são produzidas e anexadas; bens e objetos pessoais são catalogados; e um processo de higienização é realizado, banho, barbas, cabelos e unhas são cortados; seguindo um roteiro de reificação/coisificação dos indivíduos em consonância com outras ferramentas de inserção/incorporação institucional. Para Goffman (1961, p. 26), estes “processos de admissão talvez pudessem ser denominados ‘arrumação’ ou ‘programação’”. Já que, ao ser encaixado no espaço, o novo residente se permite ser ajustado como um objeto que pode ser inserido na máquina administrativa do local, que vai ser transformado progressivamente pelas operações do cotidiano.

Todavia, é válido ressaltar que embora ainda signifique um relevante subsídio para pensar a constituição do espaço asilar, o conceito de “Instituição Total” não atinge ou contempla a densa e heterogênea rede de representações, significações e práticas do espaço; além das relações de alteridade e sociabilidade que são tecidas no interior da ILPI. Pois, existem diferentes elementos, particularidades, que extrapolam essa definição geral. Como sugere Cavalcanti (2013, p. 58), no cenário atual da Paraíba e do Brasil, os sujeitos que ocupam o espaço do asilo, sendo eles idosos, voluntários ou funcionários, não mantêm o isolamento e a segregação “típicos dos asilos modernos”. Ao contrário, continuam estabelecendo vínculos com a sociedade e são permeados por discursos e práticas culturais por ela pregados.

As novas diretrizes e saberes que gestam a velhice na contemporaneidade, como a geriatria e a gerontologia, e os paradigmas do envelhecimento positivo, com a valorização das identidades e sociabilidades, são preceitos cujo grau de aceitação pelos membros dirigentes da VVJF e de outras instituições é bastante considerável, ao menos no discurso.

Essa existência e persistência dos vínculos culturais e políticos entre as instituições asilares e os valores da sociedade em geral e a comprovação de que os asilos não são ilhas, isoladas e atemporais, é denotada pelo fato de que essas instituições se relacionam de forma efetiva com as novas ordens e diretrizes nas formas de gestar a velhice (CAVALCANTI, 2013, p. 58).

Em suas pesquisas em instituições asilares, por exemplo, Debert (2012, p. 99) aponta a existência de uma natural predisposição do observador/pesquisador para enxergar a velhice. A primeira delas refere-se a uma perspectiva negativa, que encara o asilo como a “concreção dramática da solidão e do desprezo”. Os espaços asilares seriam, portanto, como nomeados por Norbert Elias (2001), verdadeiros “desertos de solidão”. Já a segunda perspectiva, mais otimista, proclama as vantagens do envelhecimento e confere um caráter especial aos idosos, como sujeitos livres das angústias que atormentam os mais jovens, livres da ânsia pela produtividade e possuidores de uma grande sabedoria adquirida com o passar dos anos. Entretanto, ainda segundo a autora, um olhar um pouco mais atento após o primeiro contato com uma instituição deste tipo, extingue essas primeiras impressões pautadas no senso comum. Viver no asilo não significa necessariamente a experiência em completude da solidão, tampouco um momento de desprendimento das angústias, anseios e valores considerados como típico de sujeitos mais jovens. Estaria talvez situada na intersecção entre essas duas perspectivas.

Debert (2012) complementa que o asilo é um espaço onde surpreende a quantidade de conflitos e divergências; tanto dos residentes entre si, quanto entre residentes e os funcionários, sendo muito comuns relatos e reclamações de uns sobre os outros, acusando-se mutuamente de despertar insônia, palpitação e outros sintomas. Estes desentendimentos são notadamente compreendidos pelos sujeitos que compõem o corpo técnico e administrativo como um problema que deve ser solucionado. Geralmente devem seguir duas orientações, uma delas visando conceder dignidade à velhice, onde o velho é o guardião do saber exclusivo daqueles que viveram longos anos; a outra focada no “abandono”, a fim de criar uma espécie de solidariedade entre os idosos, “baseada na comunhão de destinos dadas pela idade cronológica” (DEBERT, 2012, p. 101). Não obstante, esses elementos de conflito

também demonstram a ampla e complexa rede de dinâmicas e sociabilidades que se configuram no interior da instituição.

Outro indício empírico que confirma a impossibilidade de enquadrar definitivamente as ILPI's como "Instituições Totais", no sentido Goffminiano, se verificou a partir do desenvolvimento da pesquisa, onde pudemos observar a liberdade de circulação concedida tanto aos idosos independentes, quanto aos familiares e visitantes da sociedade em geral; que, embora com horários e algumas regras pré-determinadas, têm acesso ao interior da instituição e estabelecem interação e comunicação com os idosos, funcionários e demais sujeitos que compõem o espaço. Fator este que foi de extrema relevância para o desenvolvimento da pesquisa, a liberdade de trânsito concedida por seus diferentes espaços, possibilitou uma observação mais contundente e uma inserção maior no cotidiano da mesma. Realidade semelhante ao que parece, também é encontrada em outras instituições do país, já que de acordo com informações do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)¹⁹, cerca de 21,2% das ILPI's que responderam à pesquisa, também se declaram abertas.

2.1. Das ruas aos asilos: o cuidado com o idoso e o estabelecimento de uma "cultura da caridade"

A criação da primeira Instituição destinada em caráter exclusivo aos idosos no Brasil remonta o final do século XIX, mais especificamente nos idos de 1890. Nomeado como Asilo São Luís para a Velhice Desamparada, funcionou na Cidade do Rio de Janeiro e como aponta Groisman (1999a, p. 71), sua fundação pode ser considerada um marco na história da velhice e das ILPI's no país. Considerando-se a relevância da iniciativa para a época, pois, até então o critério etário não era utilizado para separar sujeitos considerados incompatíveis com o espaço urbano que se delineava e que por consequência deveriam ser excluídos e marginalizados.

A população de pobres, mendigos, doentes mentais, desempregados, crianças órfãs ou abandonadas que perambulavam pela cidade era indesejada e até então tinham como destino o Asilo de Mendicidade ou Albergaria, que com o passar do tempo mostra-se com capacidade insuficiente para atender as demandas da população "marginal" das ruas do Rio de

¹⁹ Fundação Pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da presidência fornece o suporte técnico e institucional às ações governamentais. Possibilita a formulação de políticas públicas e programas de desenvolvimento. Os comunicados do IPEA têm por objetivo antecipar estudos e pesquisas mais amplas, com uma comunicação objetiva e sintética. São elaborados pela assessoria técnica da presidência do instituto e por técnicos de planejamento e pesquisa de todas as diretorias do IPEA.

Janeiro (ARAÚJO et al., 2010, p. 253). Com uma estrutura inspirada nos estabelecimentos penitenciários da Europa, é construído um novo asilo cuja direção ficou ao encargo do médico Freitas Henrique. Essa administração, embora tenha passado por algumas interrupções, foi marcada pela tentativa de harmonizar o tratamento dado aos internos, com o saber médico do período, ordenando o espaço de acordo com os saberes higienistas.

A função de separação, posteriormente também foi incumbida à Santa Casa de Misericórdia, que na tentativa de organizar as enfermarias e separar a população de doentes e miseráveis que ocupavam o hospital, designa um setor do Asilo de Santa Maria, que abrigava órfãos, para receber as velhas em situação de invalidez. Todavia, vale salientar que esse processo não assinala o início do processo de institucionalização da velhice, pois, as senhoras em questão foram alojadas, mas já se encontravam institucionalizadas (GROISMAN, 1999b, p.186).

De acordo com Groisman (1999b, p.183), a passagem do século XIX é, portanto, marcada pelo desejo de categorizar os sujeitos entregues à “mendicância”. Separá-los por sexo, idade, patologias, validez ou invalidez para o trabalho. Em um cenário de ascensão da filantropia higienista, os espaços institucionais que foram historicamente administrados por religiosos, a partir de uma perspectiva cristã de caridade, passam então por algumas transformações. Como é o caso no Hospício Nacional, cuja responsabilidade da direção é retirada das mãos de uma ordem de freiras, após estas sofrerem duras críticas por parte dos psiquiatras do período. Nota-se, portanto, uma certa disputa entre os dois tipos de saberes.

A atuação da medicina social em relação aos sujeitos considerados recuperáveis para o desenvolvimento de algum tipo de trabalho se dá de forma mais intensa. Sendo que, algumas categorias, como os vadios, loucos, jovens e presos constituem um público a quem são destinados práticas singulares com “o processo de medicalização das prisões e o surgimento do hospício”; para Groisman (1999b, p. 184), mesmo que de maneira diferente, esses espaços continuaram mantendo o status de “instituições de caráter social”.

O responsável pela criação do “Asilo São Luís para a Velhice Desamparada”, foi o Visconde Ferreira D’Almeida²⁰, um notável homem de negócios conhecido na sociedade

²⁰ De acordo com informações disponíveis no site oficial da instituição, agora denominada “Casa São Luiz - Instituição Visconde Ferreira D’Almeida, a intenção inicial do Visconde era a proteção de alguns funcionários de sua fábrica de tecidos, São Lázaro, abrigando-os em uma chácara comprada no bairro do Caju. Posteriormente, com um crescimento substancial, passou a receber idosos da sociedade como um todo; o nome da instituição foi dado em homenagem ao rei São Luís IX, que governou a França no século XIII e ficou

carioca por desenvolver ações para a população menos afortunada. Posteriormente, a administração passou a contar com amplo apoio religioso, através das freiras franciscanas que se tornaram as cuidadoras dos asilados; com o apoio social através das doações da comunidade carioca e o auxílio governamental através de subsídios do Estado para a manutenção da Instituição. Para ter-se dimensão do desenvolvimento alcançado, em 33 anos de existência o asilo expandiu a sua capacidade funcional em quase seis vezes, o número inicial passou de um total de 45 leitos, em 1892, para 260 em 1925.

Figura 1: Fotografia do Visconde Ferreira de Almeida e busto em sua homenagem localizado na Casa São Luiz



Fonte: <http://www.casasluiz.com.br/csl/index.php/5074-2>. Acesso em: 7 mar. 2018.

conhecido pelo excessivo zelo religioso e obediência aos ensinamentos divinos. Atualmente, a Casa São Luiz tem uma estrutura formada pelos prédios Santa Clara, São Luiz, São Joaquim, José Manoel Lebrão, Peixoto e Dona Eugênia, distribuídos em uma área de cerca de 18 mil metros quadrados. No transcorrer de algumas gerações de administração familiar, a instituição passou por um processo de remodelação e ampliação. No ano de 1990, foi comemorado o Centenário da Instituição, o Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Dom Eugênio Sales, rezou a missa na Capela São Luiz, seguida da exposição “A Casa São Luiz através do Século”, realizada na Casa França Brasil, no centro do Rio de Janeiro. No ano de 2004, a Embaixatriz Regina Beatriz Bernardes Bittencourt, sobrinha de Ruth Ferreira D’Almeida, faleceu após 18 anos na presidência da Casa São Luiz, sendo substituída pela sua filha, Maria Antonia Bernardes Regis Bittencourt.

Ao desenvolver pesquisa a partir dos jornais²¹ que circulavam no contexto supracitado, Groisman (1999a, p.71) ressalta como o processo de institucionalização foi extensivamente divulgado nesses canais de notícia e fomentaram a construção de um imaginário social e de representações diferenciadas para a velhice²². O incentivo à filantropia e os benefícios que a grandiosa obra trazia para a sociedade, também foram exaltados de forma incessante, afinal, a velhice e algumas de suas consequências indesejáveis como as doenças, a pobreza e a mendicância, ganhavam um lugar delimitado na cidade. Assim, o asilo se estabelece como uma prática de controle social, como possibilidade de demonstração de virtude perante a sociedade e também como uma política assistencialista.

Chegava ao fim o século XIX. O Rio de Janeiro era palco de uma série de transformações de ordem política e econômica: a intensa imigração, a abolição da escravatura, a proclamação da república, etc. É nesse cenário que uma nova instituição surgiria: o Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada. A separação da velhice desamparada das outras categorias sociais pode ser situada, por um lado, em relação a um movimento onde as ações de assistência, inspiradas pela filantropia higiênica, buscavam uma maior especialização. Desse modo, os diferentes tipos urbanos seriam classificados e separados segundo características que lhes seriam próprias: crianças para os asilos de órfãos ou instituições congêneres, loucos para o Hospício Nacional, vadios para a Casa de Correção e, finalmente, velhos para o asilo de velhos (GROISMAN, 1999b, p. 187).

Em contrapartida a este momento, o autor atenta para o fato de que este *boom* de visibilidade, no que se refere às instituições, se deu apenas no início do século, quando a concepção do asilo ainda era tida como novidade. Nas décadas subsequentes constata-se novamente certo silenciamento ou negligência com a matéria, que só irá figurar no leque das preocupações sociais na última metade do século XX. Todavia, é importante salientar que o surgimento do asilo de velhos é um elemento fundamental para a reflexão sobre o movimento que separa a velhice das demais categorias etárias.

²¹ O autor pesquisou exemplares das publicações entre os anos de 1896 e 1922, são elas: Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Gazeta de Notícias e PAIZ.

²² Segundo o autor, a oposição os sujeitos mendicantes “bons e maus”, entre aqueles que mereciam suporte e os que mereciam repressão, foi um dos aspectos que inspirou a formação de imagens para a velhice asilada. Sendo necessário comover e convencer a população de que os velhos eram dignos de uma assistência específica já que não eram responsáveis por sua condição de vulnerabilidade e desamparo. Era muito comum nas manchetes dos jornais pesquisados, a utilização de expressões metafóricas que elucidassem o sofrimento e o drama da velhice, como, por exemplo: “Náufragos da vida”, iniciando um processo de “desculpabilização” dos velhos e que coloca o asilo como o lugar para o socorro merecido desses sujeitos. Outro discurso que aparece de forma recorrente nesses periódicos apresenta os velhos como pessoas naturalmente virtuosas, a velhice é destituída dos aspectos profanos para se tornar santa.

Segundo Cavalcanti (2013, p. 194), nesse período existia uma presença retraída dos poderes públicos no cotidiano desses asilos, que se auto gestavam e organizavam a sua dinâmica interna sem maiores interferências. Entretanto, a emergência de novos saberes começa a ganhar *status* e legitimidade, assim pressionam os mesmos para um movimento de reelaboração das perspectivas e práticas que são desenvolvidas no dia a dia dessas instituições. Esse processo de visibilidade quanto à institucionalização da pessoa idosa, se deu em grande medida a partir do escândalo da Clínica Santa Genoveva²³ no Rio de Janeiro, em meados dos anos 90, onde morreram mais de 100 idosos internados, inflamando a opinião pública na busca pela punição dos culpados, tidos como aproveitadores que enriqueceram ilicitamente, já que a instituição, de natureza particular, também detinha financiamento concedido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mas oferecia serviços e condições consideradas desumanas aos idosos.

Em uma série de matérias publicadas durante os meses de maio, junho e julho de 1996, nos principais jornais em circulação do país, o Caso da Santa Genoveva foi amplamente explorado. Segundo a investigação dos repórteres do jornal O Globo Rio, somente no mês de maio a taxa de mortalidade da clínica chegou a 54, contabilizando os dois meses anteriores o número chegaria a 84, um total considerado absurdo para qualquer serviço de saúde. Dado estes obtidos segundo os livros de registro de óbito averiguados pela comissão de deputados e representantes do governo estadual e municipal que vistoriou a clínica.

A partir das primeiras denúncias, os olhos da imprensa e da sociedade se voltaram ao caso. A manchete principal do dia 1º de junho de 1996, do referido jornal, destaca: “Clínica dos horrores: Idosos estão abandonados em seus leitos, sujos de fezes e sem controle sobre os medicamentos”. Ao longo do texto se lê: “Agarrado ao portão principal da Clínica em Santa Teresa o barbeiro aposentado Cesar Augusto dos Santos de 74 anos, procurou repórteres. Queria pedir socorro: - Estou com medo de morrer (...) O medo está estampado nos olhos dos 300 pacientes, a maioria composta por idosos”. O que se segue no transcorrer dessa cobertura é a descrição minuciosa das condições de funcionamento e dos maus-tratos a que eram submetidos os idosos internados. Situações que iam desde a falta de cuidados com a higiene básica e alimentação, até a troca de leitos sem o devido acompanhamento dos prontuários, idosos com diarreia aguda há mais de 10 dias e vários corpos encontrados no interior da

²³ Acerca do tema, ver Groisman (1999), que desenvolveu pesquisa sobre o caso da clínica a partir das notícias veiculadas na época. O autor pontua que o caso é considerado um divisor de águas nas discussões acerca do “problema” da institucionalização da velhice.

clínica, alguns guardados há dias e outros inclusive em sinal de decomposição. Assim é descrito o necrotério, como o ponto alto do “circo de horrores” da Santa Genoveva.

Uma caça às bruxas pelos culpados se instala e desencadeia inclusive a demissão voluntária do diretor médico, Roberto Dias. José Mansur e Eduardo Espínola, proprietários da clínica são apontados como os grandes responsáveis pela tragédia, condenados pela mídia e pela sociedade respondem judicial e criminalmente pelo caso. A edição de 1º de julho de 1996, do jornal a Folha de São Paulo, destaca: “Preso há cinco dias no 23º BPM (Batalhão de Polícia Militar), no Leblon (zona sul), o médico e empresário Eduardo Spínola, 49, afirma que são falsas as acusações”. Entretanto, é necessário assinalar, como afirma Groisman (1999b, p.167), que a rápida “resolução” da catástrofe não pode anuviar o principal problema que a Santa Genoveva descortinou, que seria pensar qual o papel e responsabilidade dos órgãos do governo no cumprimento e fiscalização das políticas de saúde e entidades que prestam serviços à população.

Figura 2: Jornal *O GloboRio*- Edições de 31 de maio e 1 de junho de 1996



Fonte: <http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/reportagens/crimes-contra-idosos-8836097> Acesso em: 10 mar. 2018

A consolidação da Política Nacional do Idoso (PNI), no contexto desses acontecimentos, para Cavalcanti (2013), vai intensificar o discurso de que é obrigação dos

órgãos do governo garantir o investimento em programas alternativos para o asilo; e que o deslocamento do idoso deveria ocorrer apenas em situações onde há comprovação da sua vulnerabilidade ou ainda quando o seio familiar não é capaz de comportá-lo. Ademais, a aceleração do processo de privatização do setor, adicionado a certo estacionamento das instituições de assistência filantrópica, colocou a institucionalização dos idosos em um lugar de suspeição no imaginário social.

A lei de nº 8.842, datada de 4 de janeiro de 1994, regulamentada pelo decreto nº 1.948 de 3 de julho de 1996, teve diversas entidades técnicas e civis como a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), a Associação Nacional de Gerontologia (ANG) e a Ordem dos advogados do Brasil (OAB), como notáveis articuladores para a sua consolidação (ALCÂNTARA, 2016, p. 360). Ratificando valores presentes na Constituição Federal de 1988, a PNI deposita sobre a família, a sociedade e o estado, a responsabilidade sobre os direitos do idoso no que se refere à cidadania, dignidade, autonomia, integração e participação efetiva na comunidade. Conforme Cavalcanti (2013, p.195), não é por acaso que a PNI reitera em um dos incisos do seu 4º artigo, que os órgãos do governo devem investir em formas alternativas de participação e convívio do idoso. Bem como, priorizar atendimento ao idoso através de suas próprias famílias em detrimento do atendimento asilar, excetuando-se apenas os idosos que não possuam condições que garantam a sua própria sobrevivência. Além disso, a nomenclatura e a própria noção de asilo, parecem seguir o sentido oposto das novas diretrizes instituídas sobre o cuidado do idoso. Instâncias do saber autorizado recomendam um novo vocabulário que incluem “Instituições Geriátricas ou Gerontológicas” e a própria “Instituição de Longa Permanência para Idosos”.

De acordo com Camarano et al. (2010, p. 187), em países do hemisfério sul, a residência em Instituições de Longa Permanência para Idosos não é uma prática usual, o que em certa medida atribui-se a existência de uma percepção geral na sociedade de que morar em um asilo significa o rompimento com os vínculos afetivos e os laços familiares. Normalmente, atribui-se a ida para a instituição por situações de desamparo, esquecimento ou violência, negligenciando o fato de que muitas vezes o idoso estabelece outras formas de participação social e interação na nova casa.

Para Camarano e Sharfstein (2010, p. 166), a construção destes estereótipos e estigmas negativos, são alguns dos fatores explicativos da baixa oferta de instituições nesta modalidade no Brasil. Para se ter ideia, segundo dados oficiais do IPEA, divulgados no ano de 2011,

através do Comunicado nº 93²⁴, sobre as “Condições de funcionamento e infraestrutura das Instituições de Longa Permanência para Idosos”, apenas 28,8% dos municípios brasileiros possuem instituições para este público no país. Dos quais, cerca de dois terços estão concentrados na região Sudeste e apenas 6,6% são públicas ou mistas o que até a data de divulgação da pesquisa, totalizava 218 instituições asilares, 65,2 % filantrópicas, como é o caso da Vila Vicentina Julia Freire e 28,2% são privadas. Segundo este levantamento, somente 0,5% da população idosa do país reside nessas instituições, o que representa um número aproximado de 85.000 pessoas distribuídas nas pouco mais de 3.000 ILPI's do território nacional.

Sobre as características de estrutura física das instituições, a pesquisa levou em consideração três aspectos: área construída, número de leitos e espaços disponíveis. De modo geral, mesmo havendo certos níveis de variação, o resultado apontou uma ocupação adequada dos terrenos; sendo que mais de 90% afirmaram possuir espaços comuns aos residentes, como refeitórios, jardins, pátios, salas de TV e jogos. 50% dispõem de capela ou sala ecumênica, muito comum em instituições ligadas a ordens religiosas, a exemplo da VVJF e da Sociedade de São Vicente de Paulo. No que se refere ao gasto médio por residente, se obteve o valor de R\$ 717,91, número que varia bastante de acordo com a região na qual está situada a instituição, a natureza administrativa e os serviços oferecidos ao idoso.

Embora os cuidados informais no âmbito da família, geralmente personificado na figura feminina do lar - filha, mãe e esposa -, ainda sejam prevaletentes na realidade brasileira, a necessidade do cuidado formal²⁵ ou modelos *sui generis*, parece cada vez mais evidente. Haja vista as mudanças nas dinâmicas sociais, relações de trabalho e mercado, diminuição das taxas de fecundidade e natalidade, entre outros fatores, que modificam as configurações das tramas familiares e por consequência o lugar do idoso nesse contexto.

No Brasil ainda não há um conceito definitivo do que são as Instituições de Longa Permanência para Idosos, o que favorece a sua associação com instituições de saúde ou totais (CAMARANO et al., 2010, p. 190). Todavia, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, as ILPI's podem ser definidas como:

²⁴ Este comunicado específico tem como objetivo levantar informações para o cálculo dos indicadores das condições de funcionamento, de infraestrutura, de custos das instituições de longa permanência brasileiras, bem como dos recursos com que contam, como financiamentos públicos, subsídios e parcerias. A fim de elaborar um perfil dos seus residentes. Um dos subprodutos da pesquisa é um cadastro com o nome e o endereço das instituições.

²⁵ Pensamos o cuidado formal na perspectiva de Camarano e Mello (2010) enquanto o cuidado que implica no atendimento integral ao idoso, seja em hospitais-dia, centro-dia, ILPI's ou no cuidador domiciliar formal.

Instituições governamentais e não governamentais de caráter residencial destinada a domicílio coletivos de pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos, com ou sem suporte familiar em condições de dignidade, liberdade e cidadania, ou seja, são domicílios coletivos que oferecem moradia, cuidados e algum tipo de serviço de saúde caracterizando-se como instituições híbridas (IPEA, 2011, p. 4).

Essa função híbrida, mencionada no comunicado 93, corresponde à necessidade dos cuidados de longa duração situarem-se na convergência entre as redes de assistência e de saúde e seus múltiplos desdobramentos para além da questão de habitação. No Brasil o número de Instituições de Longa Permanência para Idosos e outras obras de caráter social cuja administração, participação e/ou colaboração em alguma esfera seja vinculada a uma manifestação religiosa é significativo, em especial ligada ao cristianismo, mais especificamente à Igreja católica. Como fora mencionado anteriormente, a presença do catolicismo na sociedade brasileira e sua influência em diversos campos, remonta o período colonial e sobrevive até a contemporaneidade, tendo consequências diversas em diferentes momentos históricos.

Neste sentido, a prática da caridade e a cultura assistencialista, difundida entre seus fiéis, não caracterizam uma exceção e se configuram como princípios basilares e afirmadores de sua profissão de fé. Todavia, Silva (2008, p. 2) aponta para a necessidade de pensar a ação caritativa a partir de algumas perspectivas, tanto enquanto instrumento genuíno de uma expressão religiosa, quanto como instrumento de fiscalização e controle dos sujeitos que não usufruem dos bens disponíveis para a comunidade; além da apropriação do Estado para se eximir da responsabilidade sobre a população.

Retomando esta discussão, ao apresentar o processo de instalação do Instituto São Vicente de Paulo, em Campina Grande, município do Estado da Paraíba, Cavalcanti (2013, p. 115) perpassa as suas análises por uma historicização dos processos e conexões que as tradições assistenciais vicentinas que despontam na Europa do século XII e se espalham pelo mundo, inclusive pelo Brasil, estabelecem com as concepções práticas circunscritas na velhice e no transcorrer deste exercício aponta como os discursos religiosos eclesiais são modificados ao longo do tempo, entrando em confluência com os variados modelos de gestão de envelhecimento em voga em determinado momento.

Em consonância ao tomarmos o exercício da caridade enquanto uma manifestação religiosa, admitimos que a mesma representa um conjunto de ideias, crenças e práticas que

serão reproduzidas pelos indivíduos em meio ao cotidiano de uma determinada realidade social, geralmente marcada por problemas e conflitos em diversos âmbitos. Sendo assim, caridade e religião não constituem categorias distantes do contexto histórico em que se inserem, pois, reagem e acompanham os movimentos que se desenrolam nos campos político, social, cultural e econômico (SILVA, 2008, p. 2). Assim, as igrejas fundamentadas a partir de seus princípios morais, éticos e de sua função social responsabilizam-se pelo auxílio moral e espiritual dos carentes ou menos afortunados de bens.

De acordo com Lanza e Silva (2010, p. 42), a chegada das congregações masculinas e femininas, como as Irmãs da Caridade, vindas da Europa na segunda metade do século XIX, contribuiu para a consolidação de um perfil católico diferente do até então vivenciado no período colonial e imperial brasileiro. Postura que se estendeu às organizações católicas populares e leigas, como as confrarias, irmandades e associações. O projeto de “bom cristão” difundido de formas diferentes através dos “carismas” de cada congregação mobilizou uma educação voltada à caridade, generosidade e benevolência que deve ser seguida por todos os cristãos.

A partir do início do século XX, a Igreja Católica passa a discutir de forma mais contundente questões de caráter social e nota-se uma divisão entre grupos com uma visão mais conservadora e outros que acreditavam no poder e dever de transformação da igreja. Ao mesmo tempo, essa mística da caridade que se vivenciou durante muito tempo, passa por um processo tímido de laicização no início da década de 1930, inserido no projeto modernizador²⁶ de Getúlio Vargas, passando a ter condição semelhante à de política pública. Posteriormente, com a crescente propensão de parte do clero para aproximar-se das classes desfavorecidas, é criada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, e se evidencia o cisma entre setores dentro da igreja.

No transcorrer da década de 60, por sua vez, conforme Lanza e Silva (2010, p.43), a igreja católica vivencia, a partir do Concílio do Vaticano II, uma série de transformações que demonstram certa abertura ao diálogo com o mundo, tendo em vista, por exemplo, a intensificação das relações diplomáticas do Pontificado com diversos líderes políticos importantes. A convocação deste “evento”, durante o pontificado de João XXIII²⁷, vai reconfigurar tanto as

²⁶ Sobre o impacto desse projeto na Paraíba e, mais especificamente, na cidade de Campina Grande, ver: Cavalcanti (2013).

²⁷ Angelo Giuseppe Roncalli, o João XXIII teve um dos pontificados mais curtos da história, que durou entre os anos de 1958 e 1963, tendo como lema principal: “obediência e paz”. Pertencente a Ordem Franciscana Secular,

diretrizes e estruturas eclesiais quanto as práticas pastorais até então vigentes. Já que uma de suas orientações primordiais consistiu no incentivo à participação mais efetiva dos professantes da fé católica na sociedade. Além disso, estabeleceu mudanças importantes discutindo as dimensões do que é ser Igreja, com a passagem do exclusivismo católico ao diálogo ecumênico e inter-religioso, bem como a passagem para uma nova relação dos membros do clero entre si e com o povo, que prega não a usual sacramentalização, mas a evangelização integral do sujeito, seguindo um modelo de igreja-comunidade, igreja do povo de Deus que acolhe e convoca os pobres a fazer parte dela.

Por consequência, nesse contexto ocorre o aumento da atuação de segmentos do catolicismo nas discussões político-sociais em todo o país. Além destes fatores, a ascendência da Teologia da Libertação e das experiências das Comunidades Eclesiais de Base(CEBS) que eclodem nas décadas seguintes, também contribui para a instauração de novas práticas de caridade e assistência aos pobres que influenciam vários setores, recomendando uma gradual “substituição” do assistencialismo puro e simples por uma ação política efetiva na defesa dos sujeitos marginalizados. Neste quadro, insere-se inclusive o movimento de católicos leigos da Sociedade de São Vicente de Paulo, cujo trabalho com o segmento dos idosos será amplamente reconhecido.

Tendo em vista as informações apresentadas de forma sucinta acerca do papel da igreja na assistência e amparo a pobreza, do surgimento e das condições de funcionamento da ILPI's no Brasil, o presente capítulo também visa discutir a realidade específica experienciada pelos voluntários vicentinos da Vila Vicentina Julia Freire; a partir dos preceitos difundidos pela Sociedade São Vicente de Paulo, para compreender como se engendram as relações entre fé e caridade, que subsidiam o cuidado com o idoso residente na instituição. Para tal,

ficou conhecido como o “Papa da bondade”, por sua postura conciliadora e benevolente; considerado um papa de transição, devido a avançada idade, no início de seu pontificado surpreendeu ao convocar o Concílio do Vaticano II, em apenas dois meses. João XXIII escreveu oito encíclicas, que possuem um caráter mais pastoral do que dogmático, entre as quais estão "*Mater et magistra*", publicada em 1961 e a "*Pacem in terris*", publicada em 1963, ambas engajadas com questões relacionadas a paz, dignidade e respeito aos direitos humanos, discorrendo sobre questões complexas dos período, como desarmamento, imigração, condições de trabalho e exploração, cooperação entre as nações, etc. No campo referente aos direitos do homem, por exemplo a “Pacem in terris”, expressa seu caráter social ao decretar: 11- E, ao nos dispormos a tratar dos direitos do homem, advertimos, de início, que o ser humano tem direito à existência, à integridade física, aos recursos correspondentes a um digno padrão de vida (...) Segue-se daí que a pessoa tem também o direito de ser amparada em caso de doença, de invalidez, de viuvez, de velhice, de desemprego forçado, e em qualquer outro caso de privação dos meios de sustento por circunstâncias independentes de sua vontade.¹⁹ Semelhantes direitos comportam certamente a exigência de poder a pessoa trabalhar em condições tais que não se lhe minem as forças físicas nem se lese a sua integridade moral, como tampouco se comprometa o são desenvolvimento do ser humano ainda em formação. Quanto às mulheres, seja-lhes facultado trabalhar em condições adequadas às suas necessidades e deveres de esposas e mães. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals.index.html>

perpassaremos pelo exercício de historicização da SSVP e de rememoração e elaboração narrativa dos sujeitos vicentinos, que constituem um elemento significativo em nossa tentativa de análise.

2.2. A Sociedade São Vicente de Paulo e o serviço dedicado àquele que sofre

No transcorrer de uma trajetória de inserção em instituições asilares, tomar os velhos/idosos residentes como sujeitos protagonistas do espaço, não dificilmente, nos faz negligenciar ou invisibilizar outras presenças marcantes que o compõe. Sujeitos que por necessidade, escolha profissional, pessoal ou por outros motivos vêm suas vidas seguirem curso no espaço do asilo. Envelhecem e acompanham o envelhe(ser) de outrem, significando e construindo representações e narrativas sobre este lugar tão complexo, adensando a teia/emaranhado de símbolos, discursos e práticas que são tecidas no seu interior.

Em sua incursão por espaços asilares em Campina Grande, Cavalcanti (2013) recorre a outro trabalho no campo da história e atenta para a frequente naturalização da velhice enquanto lugar da memória. A partir da tese de Agra do Ó (2008), onde o autor analisa uma literatura memorialística nordestina²⁸, do final do século XIX e início do XX, discute como determinados saberes e dispositivos corroboram para a construção de imagens e/ou de uma identidade para o indivíduo velho como um grande reproduzidor de recordações do passado, com um talento genuíno para se tornar um contador de histórias.

Pautados nesta observação, no caso específico desta pesquisa, não estamos renunciando às inúmeras possibilidades que as narrativas dos idosos podem nos oferecer, mas apenas atrasando o encontro com essas vozes. Pois, confluímos com Ecléa Bosi(1994), quando afirma que “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda. Repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela

²⁸Os letrados nordestinos analisados na pesquisa, são respectivamente: Julio Bello, Pedro da Cunha Pedrosa e Graciliano Ramos, cujas obras são todas produzidas na passagem do século XIX ao XX, ou ainda, na primeira metade deste último. Busca-se analisar como tais autores, também comprometidos com a construção histórica da região Nordeste em detrimento da antiga repartição Norte e Sul, significaram a partir de si mesmos e dos seus personagens as experiências do envelhecimento, sejam elas no passado ou no presente de suas narrativas, pontuando a “invenção” de uma chamada “Era do Ouro da velhice”. Segundo Agra do Ó, a partir de meados do século XIX, a emergência de uma nova figura identitária, a qual se convencionou denominar velhice, foi determinada por alguns eventos e condições específicas; nesse contexto de modernização da sociedade capitalista, ocorre um deslocamento no que se refere à imagem do velho. Pois, ao passo que se naturalizava o discurso de experiência universal dos seres humanos e se consolidava a crença de que nas sociedades tradicionais, o respeito pelo sujeito avançava ladeado com os números da idade, quando na prática também se instauravam novas regras de sociabilidade capitalistas e urbanas (Ver: AGRA DO Ó, 2008, p. 13).

desaparição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte” (BOSI, 1994, p. 22). Todavia, por ora, julgamos necessário pensar a instituição a partir da ótica vicentina daqueles que dirigem a VVJF.

Nesta passagem pela instituição pesquisada, convergimos com Cavalcanti (2013), quando aponta que, “[...] recordar, narrar, memoriar, se inscrever no ato de oralizar e biografar sua existência é, antes de tudo, humano e cultural, não é exclusividade dos velhos.” (CAVALCANTI, 2013, p. 54). Portanto, o espaço que aqui se configura é destinado à narrativa dos voluntários vicentinos que contam as suas trajetórias até o encontro com a VVJF. A importância da fé e da vivência do carisma vicentino, refletido no cuidado e dedicação à pessoa idosa; as representações que elaboraram acerca da experiência da velhice e do processo de envelhecimento, ou seja, inúmeras questões que se entrelaçam e sobre as quais tentaremos discutir. Em consonância com esses pressupostos, pensar a cultura da caridade religiosa cristã, no espaço da Vila Vicentina, é um exercício que perpassa invariavelmente por uma reflexão acerca do surgimento da Sociedade de São Vicente de Paulo e a sua tradição no amparo e cuidado com aquele que sofre.

A Sociedade de São Vicente de Paulo é uma organização civil de homens e mulheres, leigos e leigas, dedicada ao trabalho cristão de caridade, presente em cerca de 150 países. Criada em 1833, na França, por um grupo de jovens universitários católicos e um senhor que intencionavam minimizar o sofrimento das pessoas em condição de vulnerabilidade e fortalecer a fé de seus membros. Fundada no Brasil, em 4 de agosto de 1872²⁹, conta com mais de 150 mil confrades e consocias, que mantêm diversas instituições como escolas, creches, projetos sociais, lares de idosos, além de famílias necessitadas. Internacionalmente é membro da Organização das Nações Unidas e também faz parte do Conselho Econômico e Social (Ecosoc).³⁰

São Vicente de Paulo é considerado o seu patrono. Nascido em uma família de pobres camponeses, na França no final do século XVI, iniciou a vida sacerdotal ainda jovem, tendo em vista que esta era uma das formas de se alcançar certa segurança, estabilidade econômica e prestígio social no período. Após alguns anos dedicados à vida religiosa, o Padre Vicente de Paulo percebeu o estado de miséria em que se encontravam a grande maioria da população do

²⁹ No Brasil, a primeira conferência foi batizada de São José.

³⁰ Informação disponível no site oficial da Sociedade de São Vicente de Paulo no Brasil. Ver: <http://www.ssvpbrasil.com.br/>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

campo francês e optou por dedicar a sua vida à evangelização, ao cuidado e serviço aos pobres, acreditando que para ser de fato fiel a Jesus Cristo era necessário servi-los.

Com esta finalidade, tendo já a cidade de Paris como residência, em um contexto de instabilidade política e inúmeros problemas sociais. O Pe. Vicente fundou a Congregação da Missão e a Companhia das Filhas da Caridade, a partir daí, desenvolveu junto aos seus companheiros missionários, padres, irmãos e irmãs da Congregação, além de pessoas comuns, uma abundante ação caritativa³¹. Reconhecido como o patrono dos anciãos e/ou o santo da caridade, foi canonizado no ano de 1737. A conferência da Caridade, realizada no ano de 1844, resolveu homenageá-lo tornando-o patrono da obra e atribuindo o seu nome à instituição: Sociedade de São Vicente de Paulo.

Por sua vez, Antônio Frederico Ozanam, beatificado³² pelo papa João Paulo Segundo, em 1997, é considerado o principal fundador da SSV. Estudante, professor de direito e literato, é um dos grandes responsáveis pela expansão das conferências da caridade, influenciando inúmeras pessoas à conversão ao catolicismo e a manutenção de uma vida espiritual pautada na fé e na ação caritativa. Junto a Ozanam, também estavam na primeira reunião da SSV: Auguste Le Taillandier, Jules Delvaux, Paul Lamache, François Lallier e Félix Clavée, que, também são considerados fundadores reconhecidos na Regra da SSV. Este encontro aconteceu na sede do jornal *A Tribuna Católica*, propriedade de Emanuel Bailly. O ano de 2017 marca os 400 anos do chamado Carisma Vicentino, 10 anos antes no Brasil, foi relançada a Regra da SSV³³, que estabelece:

³¹ Segundo Cavalcanti (2013, p. 118), no ano de 1653, de acordo com informações eclesiais, o Padre Vicente de Paulo ficou conhecido por amparar e proteger todos os tipos de infortunados, fundando na cidade de Paris, a “Casa de Santo nome de Jesus”. Destinada ao acolhimento de pobres e velhos, sendo que a grande obra da ordem vicentina foi a construção do Hospital Geral de Paris, que recebeu cerca de 200 anciãos e mendigos.

³² Um dos trechos da homilia do santo padre, durante a missa de beatificação de Frederico Ozanam, afirma: “Frederico Ozanam amava todos os necessitados. Desde a sua juventude, tomou consciência de que não bastava falar da caridade e da missão da Igreja no mundo: isto devia traduzir-se num empenho efetivo dos cristãos no serviço dos pobres. Estava assim em sintonia com a intuição de São Vicente: «Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus, mas que isto aconteça com os nossos braços e com o suor do nosso rosto» (*São Vicente de Paulo*, XI, 40). [...]Ele observa a situação real dos pobres e procura um empenho cada vez mais eficaz, para os ajudar a crescer em humanidade. Compreende que a caridade deve levar a trabalhar pela reparação das injustiças. Caridade e justiça caminham a par e passo. Tem a coragem lúcida dum empenho social e político de primeiro plano numa época agitada da vida do seu país, pois nenhuma sociedade pode aceitar a miséria como uma fatalidade, sem que a sua honra não seja atingida”. In: XII jornada mundial da juventude 79ª viagem apostólica de João Paulo II – paris - Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1997/documents/hf_jpii_hom_19970822_paris.html. Acesso em: 03 de julho de 2017.

³³ A Regra da SSV já sofreu diversas alterações ao longo de sua história, a última edição entrou em vigor, em 15 de janeiro de 2007, por deliberação de uma reunião plenária do Conselho Nacional do Brasil. Isso, após a realização da 10ª Assembleia Plenária da SSV, pelo Conselho Nacional, no ano de 2004, onde foi votada a alteração do Regulamento da SSV no Brasil, que após um processo de análise foi homologado pela Seção Permanente do Conselho Geral Internacional, órgão diretivo da Confederação Internacional da SSV. O texto

A vocação dos membros da Sociedade, chamados vicentinos, é seguir Jesus Cristo, servindo aqueles que precisam, e desta forma dar testemunho do seu amor libertador, cheio de ternura e compaixão. Os confrades e consócias mostram a sua entrega mediante o contato pessoa a pessoa. O vicentino serve com esperança (SSVP, 2007, p. 16).

Segundo este documento, a SSVP é detentora da maior rede de Instituições de Longa Permanência para Idosos do Brasil, prestando serviços à população idosa em centenas de municípios, em todos os Estados, inclusive na Paraíba, onde entre os principais está a Vila Vicentina Julia Freire. A SSVP é formada por Unidades Vicentinas que constituem sua estrutura hierárquica administrativa e estão vinculadas diretamente umas as outras, organizadas da seguinte maneira: as Conferências são ligadas aos Conselhos Particulares, ambos de âmbito local; os conselhos particulares e Obras Unidas estão conectados aos Conselhos centrais, de âmbito restrito a uma parte de determinada região, estes Conselhos centrais estão ligados aos Conselhos Metropolitanos e estes por sua vez ligados ao Conselho Nacional do Brasil.

No caso da Vila Vicentina Júlia Freire - Obra Unida³⁴ - está vinculada ao Conselho Metropolitano de João Pessoa, que como indica um dos membros dirigentes: “[...] apesar do nome, ele abrange todo estado da Paraíba e o estado de Rio Grande do Norte, então nós temos os conselhos centrais de João Pessoa, conselho de Natal, conselho de Campina Grande e o conselho de Caicó, todos fazem parte do Conselho Metropolitano de João Pessoa”.³⁵

Embora a SSVP mantenha os laços estreitos com a Igreja Católica, ela é juridicamente autônoma no que diz respeito à sua existência. Isso implica dizer que a sua forma de organização, as atividades que desenvolve, a escolha de seus dirigentes responsáveis, as formas como são geridos os seus recursos e patrimônio, regras que estabelecem. Enfim, todo

atual é dividido em quatro partes: I- Regra da Confederação Internacional da SSVP, II- Estatutos da Confederação Internacional da SSVP (e Requisitos básicos para os Regulamentos Nacionais). III- Regulamento da SSVP no Brasil e IV- Orientações complementares, Anexos, Modelos, Informações, Orações e Hinos.

³⁴ Existem atualmente duas obras unidas na área territorial do Conselho Metropolitano de João Pessoa, a VVJF e o Abrigo São Vicente de Paulo, fundado em 1932, na cidade de Serra Branca, agregado diretamente com o Conselho Central de Campina Grande. A instituição teve como primeiro presidente Antônio Antão, durante um período de 6 meses; posteriormente, Antonio de Sousa o sucedeu por 30 anos; atualmente a presidência está a cargo da consócia Maria de Lourdes Oliveira e mantém 23 pessoas internas. Disponível em: <http://www.ssvpcmjpp.org/obrasunidas>

³⁵ MELO, Marcelo Paulino. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, maio de 2017. 1 arquivo gravado. 64 min. No período de pesquisa Marcelo Paulino ocupava o cargo de tesoureiro e assessor jurídico da Vila Vicentina Julia Freire, e também já havia sido diretor da instituição durante um mandato de 4 anos.

o governo interno não necessita de aprovação das autoridades eclesiais da paróquia ou arquidiocese.

Aqui em João Pessoa, nós temos uma casa que é dos religiosos de São Vicente os quais faz parte o padre Cleto que é quem nos atende espiritualmente, agora o seguinte: a SSVP é uma instituição composta por leigos católicos, nós somos católicos, mas não fazemos parte da hierarquia da igreja católica, ou seja, nós somos pessoas comuns católicas, mas que não necessariamente devemos obediência total à hierarquia católica, claro que devemos obediência ao Papa, mas não estamos subordinados ao bispo e nem aos vigários paroquiais (MELO, 2017).

Essa relação de autonomia da Sociedade de São Vicente de Paulo para com a hierarquia da Igreja Católica, pode ser verificada em algumas situações específicas. Embora a VVJF conte com uma capela em seu terreno, é geralmente o vigário da paróquia o responsável pelo comando de todas as atividades pastorais situadas em sua região geográfica, neste caso a capela Nossa Senhora da Conceição, há alguns anos, também é administrada pelo padre do santuário da Paróquia São Judas Tadeu, onde apesar das missas celebradas aos domingos contarem com a participação dos residentes e demais integrantes da VVJF, para a realização de qualquer evento como um velório ou celebração de corpo presente, o presidente ou responsável legal da instituição necessita da autorização do padre.

A admiração pela figura de São Vicente de Paulo é consoante entre os voluntários entrevistados da Vila Vicentina, que reiteram a todo instante de suas falas e gestos, o desejo de se assemelharem a ele, na vida dedicada à missão caritativa. Para tornar-se consocia³⁶ ou confrade na SSVP, é necessário antes de qualquer aspecto, professar a fé católica. Além de, ter realizado o sacramento da Primeira Comunhão e participar das conferências durante um período determinado. A finalidade é conhecer a missão da SSVP e auxiliar no trabalho com as famílias assistidas. No caso dos sujeitos pesquisados, como pode ser observado nos depoimentos, todos já são confrades há mais de quatro anos e antes de estarem propriamente inseridos na Sociedade de São Vicente de Paulo, já atuavam em outros ramos de serviço pastoral na Igreja Católica. Sendo alguns deles, por exemplo, em momentos distintos de suas vidas, consagrados a Maria, catequistas de crisma ou Primeira Eucaristia, participantes de núcleos do Encontro de Casais com Cristo (ECC), etc.

³⁶A utilização de termos diferentes quanto ao sexo, para se referir aos membros da Sociedade de São Vicente de Paulo, só é feita em português. Não existe nas demais línguas oficiais da SSVP, a saber: inglês, francês, espanhol e mandarim-chinês.

Apesar da gente ser da época de jovens de formação católica, de grupo de jovens, eu sou congregado Mariano. Digo eu sou porque não existe o ex congregado mariano é uma vocação, uma dedicação a Maria Mas (...)ai esse período todo afastado quando nós fizemos o encontro de casais com Cristo nos foi apresentado a Sociedade São Vicente de Paulo depois nos pós encontros, e nós ficamos ali sempre namorando a Sociedade São Vicente de Paulo. (MELO, 2017)

Eu digo: “Vamos criar um grupo de criança!” – De catequese de primeira eucaristia ou uma espécie de infância missionária? Não. Era um grupo que a gente ensinava de tudo né? Era um grupo educacional. E a gente que era responsável... a finalidade era... a finalidade do grupo era educação cidadã. E eu comecei com esse grupo. Eu tinha um amigo meu que era Mário, e Mário a gente foi pra comunidade Boa Esperança e lá eu consegui catorze crianças (CARDOSO, 2017).³⁷

Eu pertenci a congregação salesiana, assim oratório de Dom Bosco, colégio salesiano...eu era aluno e era catequista do oratório de Dom Bosco, quando eu era garoto ainda, chamavam catequista, era aquele que catequizava os meninos levava p missa, eu catequizava por exemplo a criançada pra levar pra o oratório, O oratório de dom Bosco tanto ele tinha de criança como tinha também das pessoas que trabalhavam, exemplo pedreiro, carpinteiro, esse pessoal que não sabia ler, ensinava a noite (TIMÓTEO NETO, 2018).³⁸

A exceção é Maria Alice Celani, que se tornou vicentina após chegar a Vila Vicentina Julia Freire. Paraibana, natural de Santa Rita-PB, 84 anos, residente há cerca de 10 anos, chegou de forma voluntária. Relata que não queria dar trabalho à família, mesmo tendo dedicado grande parte de sua vida ao cuidado aos 10 sobrinhos (informação verbal), vice-presidente da instituição, representante dos idosos, mulher forte, chamada de mamãe, madrinha e avó por muitos que habitam o mesmo espaço que ela.

Durante a infância e juventude pobre, vivida em sua maior parte na cidade onde nasceu, Maria Alice se dedicou ao trabalho doméstico e às costuras que fazia por encomenda, para ajudar a mãe doente. Frequentou pouco a escola, não chegando a completar o primeiro ciclo do ensino fundamental, mas foi o suficiente para aprender a ler e escrever um pouco. Recorda com nostalgia os bailes da mocidade, que aconteciam no extinto Clube Santa Cruz de Santa Rita. Atualmente, ostenta com orgulho o cargo que ocupa e afirma fazer valer a sua autoridade no que se refere às atividades da instituição, que chama de casa. Possui um ateliê,

³⁷ CARDOSO, Washington do Nascimento. Entrevista concedida a pesquisadora Jessica Gleyce dos Reis Felix, maio de 2017. João Pessoa. 1 arquivo gravado. 34 min. Washington atualmente ocupa o cargo de presidente da Vila Vicentina Julia Freire

³⁸ TIMÓTEO NETO, João. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, junho de 2018. 1 arquivo gravado. 48 min e 56 seg. João Timóteo ocupou os cargos de Tesoureiro e Presidente da Instituição em três gestões.

onde passa a uma parte do tempo fazendo consertos e ajustes em roupas para os demais residentes, a quem se refere em tom fraternal, como família. Observa o preparo das refeições, atividades que no período de pesquisa realizava com menor frequência devido aos problemas de saúde e foi também, por um determinado espaço de tempo, uma das responsáveis pelo recebimento das doações, especialmente, na ausência dos demais membros da direção.

A chegada de Maria Alice na instituição é narrada pelos demais sujeitos participantes da pesquisa e que compõem a Vila Vicentina como um divisor de águas em sua história. Logo na entrada, a passarela principal que dá acesso aos quartos, ao refeitório e ao salão de eventos, fornece um indício para pensar o tamanho da sua representatividade na instituição, já que seu nome está estampado e suspenso em uma placa na parede da passarela. Na gestão anterior a de Marcelo Paulino, no período de 2009 a 2012, cuja direção era de responsabilidade do Senhor José Arimatéia, Maria Alice já ocupava o cargo de relações públicas. Segundo ela e outros depoentes, graças à sua capacidade/facilidade de comunicação, era e é o rosto da Vila, as aparições na TV em campanhas para arrecadação de donativos e afins foram e continuam sendo uma de suas atribuições, partilhada no período de pesquisa com outra idosa residente.

Jean Duvignaud, ao assinar o prefácio para a edição da famosa obra de Maurice Halbwachs (1990, p. 14), *A Memória Coletiva*, destaca como o autor aponta a impossibilidade de pensar o problema da localização da lembrança, se não a partir de quadros reais, referenciais para os exercícios da memória. Pontua que a evocação do depoimento apresenta sentido apenas quando relacionada ao grupo do qual faz parte. Neste sentido, a memória individual e rememoração pessoal estão entrelaçadas às diversas “malhas de solidariedade”, com as quais o sujeito interage e não fogem da existência social. A reunião de tais elementos, que se manifesta em forma de lembrança, se exprime posteriormente através da linguagem.

Isto posto, para Halbwachs, a memória se configura como um artifício que demarca os elementos constituintes das identidades de uma comunidade: “Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque na realidade nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1990 p. 26). Sendo assim, as afinidades, os laços de afeto e amizades e as trajetórias comuns, marcadas pelas vivências cotidianas com as alegrias e intempéries de um grupo, são os princípios que formulam a memória comunitária. Nesta perspectiva, no âmbito da história oral, grupos como os

voluntários vicentinos, tornam-se portadores de uma “comunidade de destino”, de uma coletividade afetiva de pertencimento mútuo.

O historiador francês, Pierre Nora (1993), ao sistematizar as suas reflexões acerca das diferenças entre a história e a memória, define a história como o ato de reconstruir sempre em incompletude aquilo que já não é; a memória por sua vez, “é a vida” e está em um movimento constante de transformação, é dinâmica na medida em que suscetível a diversos usos e manipulações, caminhando sobre a linha tênue da lembrança e do esquecimento.

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cena censuras ou projeções (NORA, 1993, p. 9).

Neste exercício de rememoração, Maria Alice realiza com clareza e organização das ideias, ao discorrer sobre os caminhos que a levaram até a Vila, bem como, sobre outros momentos de distintas fases, atribui a sua solteirice à predestinação, vontade divina para que em seus últimos anos pudesse desenvolver o seu trabalho na Vila Vicentina. Afirma concretizar o seu papel de mãe cuidando de seus companheiros e que parece ser legitimado tanto por seus pares, quanto pelo corpo de funcionários, vicentinos e frequentadores mais assíduos, como evidencia em sua fala:

Eu acredito muito assim no destino. Eu fui noiva, depois que completei cinco anos [refere-se ao tempo de noivado], enxoval pronto, mas não era esse... não era essa a missão. Eu tenho assim, a minha missão era cuidar dos meus sobrinhos, eu acredito sabe. Eu acredito que eu tenho muita fé em Jesus, em nossa senhora, que a minha missão era essa: cuidar dos meus sobrinhos e depois vir pra cá pra cuidar deles, os idosos. (CELANI, 2017)³⁹

Este discurso da predestinação igualmente está presente nos relatos dos demais vicentinos, atrelados à noção de recompensa e satisfação pessoal, aos benefícios e as “graças” alcançadas. Enfim, às transformações nos diversos âmbitos de suas vidas são sempre narradas com entusiasmo. Também é observado como o modelo de cultura familiar, inspirado na sagrada família impera, consagrados a Maria e devotos de diversos santos da Igreja Católica,

³⁹ CELANI, Maria Alice. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, maio de 2017. 1 arquivo gravado.78 min.

como São Bento e São José, os membros dirigentes, com os seus respectivos parceiros e parceiras, são todos unidos em matrimônio e participam ou participaram de grupos como os círculos dos Encontros de Casais, vivendo juntos a missão e o carisma vicentino na Vila.

A experiência de fé baseada na oração, no louvor e adoração, sem uma ação efetiva na vida dos pobres, não tem sentido na ordem vicentina. Oferecer a sua vida ao serviço na caridade cristã, através das práticas de cuidado, afeto e promoção da dignidade do outro, é pungente no encontro com a “santidade” de São Vicente de Paulo e Frederico Ozanam. As indagações sobre a fé desvinculada da ação são o principal ponto de crítica dos vicentinos a outros seguimentos da igreja e está presente no discurso dos sujeitos entrevistados:

Do que adianta ficar meu senhor e meu Deus batendo no peito e as vezes até participar da comunhão a pessoa comungando do corpo eucarístico que está presente no pão, e eu creio firmemente nisso, mas ele está presente em cada um de nós, quando a gente sai da missa, quantas pessoas que saem do templo de qual denominação cristã for, e está esse mesmo cristo ali de fora disfarçado de pobre, de mendigo, de desesperado com a mão estendida me pedindo socorro, e a gente passa ao lado, de quê que me serviu isso? De que me serviu aquele Cristo eucarístico que a pessoa recebe que olha e acha que está em comunhão com Deus? A gente ouve às vezes as pessoas falando, o que acho extremamente equivocado que é “eu recebi Jesus no meu coração” “eu aceitei Jesus como meu salvador” sim, e o que você tá fazendo com isso? Sabe o que você tá fazendo com a luz do evangelho que recebeu? Tá prevista em uma das parábolas, Cristo diz: “Você recebe a luz pra colocar debaixo catre? (catre é uma cama) Ou coloca no mais alto da casa?” então você recebeu a luz do Espírito Santo, você recebeu o evangelho, você recebeu Cristo, você vai trancar dentro do seu coração ou vai colocar em cima de sua cabeça pra servir e levar essa luz pra os outros? Ou como tá na base do carisma vicentino, que é a leitura do capítulo 25 do evangelho de São Mateus que é a descrição do apocalipse que diz: “Tive fome me destes de comer, tive sede me destes de beber, estive maltrapilho e me vestiste, fui peregrino, fui viajante e tu me abrigaste, fui doente, fui preso e tu me visitaste” e aí uma pessoa que está sendo julgada e vira assim e diz: “Senhor quando foi que eu fiz isso? Eu não me lembro de tê-lo abrigado, de tê-lo vestido, de tê-lo alimentado eu não me lembro de tê-lo feito nada disso” e aí o Deus do universo fala assim “Cada vez que fizeste isso a um dos meus pequeninos, foi a mim que fizeste” (MELO, 2017).

Esta noção de que o serviço dedicado aos pobres é o serviço dedicado a Deus e através deste se alcança a salvação, também é vivenciada e verificada, tanto nas celebrações da palavra que ocorrem no tempo comum, quanto nas celebrações eucarísticas especiais do ano litúrgico, realizadas no interior da instituição. Nas missas de Lava Pés e demais ritos da semana santa (ver figuras 3 e 4), por exemplo, é comum que os membros da direção e demais voluntários vicentinos representem simbolicamente personagens bíblicos, colocando-se em

situações que denotem semelhança com a figura do Cristo, como modelo de subserviência e simplicidade, características supervalorizadas no catolicismo.

Naturalmente os idosos que professam a fé católica e desejam participar ativamente dos rituais litúrgicos, são direcionados ao salão de festas onde ocorre boa parte das celebrações. Todavia, é possível observar que essa presença é majoritariamente feminina. Poucos homens tem o hábito de participar destas celebrações, embora a maior parte também se autodenomine católico, os mesmos preferem ocupar os espaços paralelos, mantendo a sua rotina de descanso ou entretenimento, como as conversas, lanches e jogos. Nas imagens, podemos identificar voluntários vicentinos, visitantes, funcionários e idosos participando de duas missas celebradas em dias distintos da Semana Santa, realizadas no interior da instituição todos os anos, com abertura no Domingo de Ramos.

Na primeira delas (fig.3), realizada na quarta-feira das trevas, acompanhado de um vicentino o padre se dirige aos idosos e distribui a eucaristia/comunhão. Na segunda imagem (fig.4), acontece a celebração que corresponde à quinta-feira santa, onde os vicentinos, assim como os sacerdotes de todo o mundo, cumprem a tradição católica, ao lavar os pés dos idosos, estão reproduzindo o ato de humildade de Jesus para com os seus apóstolos; nesta ocasião, também são abençoados os santos óleos que serão utilizados na unção de pessoas enfermas. Tais circunstâncias, além de constituírem um momento de celebração, louvor e profissão de fé, também são um espaço de encontro e sociabilidade com os seus comuns.

Figura 3: Idosos, voluntários e funcionários da VVJF participam da Missa de celebrada no salão de eventos, no ano de 2017.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Figura4: Idosos, voluntários e membros da direção da VVJF na missa de lava pés celebrada no ano de 2013



Fonte: Acervo digital – Fanpage VVJF

Cavalcanti (2013, p. 120), recorrendo a Freyre (1974), problematiza como esse *ethos* caritativo constitui um dos ingredientes que inauguram o modelo de bom cristão no Brasil. Baseado no seguimento dos carismas das diversas congregações e irmandades existentes no país, tais ordens promovem uma pedagogia da caridade e bondade que deve ser seguida por todos os fiéis, com o objetivo de não se expor a consequências negativas de uma vida desviante dos bons preceitos. Segundo a autora, embora essas ordens assistenciais já existissem tanto na Europa quanto no Brasil, desde os séculos XVI, as motivações e objetivos de suas vindas foram diferentes nestes momentos históricos. A chegada da ordem vicentina, em meados do século XIX, estava em consonância com a perspectiva que vislumbrava a manutenção de um equilíbrio social no espaço urbano incompatível com a pobreza, conectado a uma aspiração para moralizar e cristianizar os hábitos e costumes da população.

Neste sentido, os diversos ramos da família vicentina⁴⁰, como a SSVP aqui em questão, a Associação Internacional da Caridade (AIC) e a Companhia das Filhas da Caridade, são parcialmente responsáveis por engendrar no cotidiano da população, novos

⁴⁰ Segundo a Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), instituição católica, composta por homens consagrados ao serviço missionário dos pobres, e, parte da Congregação da Missão, sociedade de vida apostólica fundada por São Vicente de Paulo, no século XVII, na França; a expressão *família vicentina* se refere ao conjunto de congregações, organismos, movimentos, associações, grupos e pessoas que, de forma direta ou indireta, prolongam no tempo o carisma vicentino. Sejam eles fundados diretamente por São Vicente de Paulo ou encontrem nele a fonte de sua inspiração e dedicação a serviço dos pobres. A família vicentina possui mais de 165 grupos, sendo que 23 deles se encontram no Brasil. Disponível em: <http://www.pbcm.com.br/o-que-e-familia-vicentina/>. Acesso em: 20 jul. 2017.

discursos e práticas acerca do cuidado com o idoso necessitado. No âmbito da Paraíba, mais especificamente no município de Campina Grande, por exemplo, a ordem Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo é responsável, desde a década de 1930, pela administração do Instituto São Vicente de Paulo. Um complexo que abriga uma escola, quadra, espaço para educação profissionalizante, capela, sede da Associação das Voluntárias da Caridade de São Vicente de Paulo além de Instituição de Longa Permanência para Idosos, onde trabalham apenas duas das religiosas que lá residem (SILVA, 2012, p. 51).

Transitar na ILPI é trafegar também por alguns temas circunscritos em sua atmosfera. Neste sentido, escapar a questões como a solidão e o temor da morte, não pode ser uma opção considerada. Segundo Elias (2001, p.85), a condição dos velhos e moribundos nas sociedades industrializadas, é notadamente marcada por uma separação simbólica acentuada. Isolados gradativamente do círculo social, da família e dos conhecidos, experienciam a solidão junto com a falência das capacidades motoras e cognitivas. Para o autor, nestas sociedades, a velhice é enxergada como proximidade iminente com a morte. E esta, por sua vez, é um problema pertinente aos vivos, sendo que a forma como é encarada diz muito acerca das práticas e visão de mundo dos sujeitos que a observam, significam e narram. Não se configura, portanto, como um problema para aqueles que partiram.

Seja a morte mitologizada ou não, com as ideias de passagem para uma vida reservada à eternidade no inferno ou no paraíso, ou ainda, de transformação e ascendência espiritual. O fato é que no espaço de uma instituição asilar, como foi mencionado, velhice e morte parecem temas indissociáveis. Tal percepção/condição pode ser identificada nas falas dos sujeitos que transitam no espaço da ILPI:

Trabalhar com idosos é você trabalhar com despedida, deixa eu te dizer, é muito complicado, a média de falecimentos nesta instituição historicamente era de 7 a 11 por ano; o ano passado, meu último ano de presidente, e o ano que nós atingimos o maior grau de saúde, de alimentação, de tudo, nessa instituição ao longo dos seus 73 anos, atingimos o grau de excelência que, poxa, foi reconhecido pela ONU, mas nesse ano de 2016, nós nos despedimos de 17 amigos aqui. Muito doído, muito doído mesmo, 17 pessoas faleceram em 2016, e no ano dos mais altos índices de tudo que você pensar da área de saúde. Quem somos nós pra querer ter comando sobre esse tipo de coisa? *Mas trabalhar com idoso assim é você ter certeza que cada dia pode ser uma despedida.* É aquele negócio, parafraseando o Renato Russo “é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, porque se você parar pra pensar, na verdade não há”. *Então todos os dias pode ser uma despedida.* (MELO, 2017, grifo nosso.).

O discurso que apresenta a Vila Vicentina como uma extensão de suas casas é consonante entre os vicentinos e a perda dos residentes também é narrada como a perda de um parente, ente familiar querido, com os quais convivem em período quase integral e que é sempre relembrada no último domingo do mês, tanto na missa, quanto na celebração dos aniversários. Em seu depoimento, um dos voluntários relata a dificuldade de lidar com esse processo de despedida dos idosos:

Olha essa pergunta ai, dá uma travada viu?! Dá uma travada. Porque olhe, os nossos idosos a gente tem tanta afinidade com cada um deles que eles passam ser da nossa família [...]então a minha maior tristeza é quando abre uma vaga porque essa vaga ela só reascende quando a gente, infelizmente quando a gente perde um idoso, mas, mas por outro lado a gente fica feliz porque foi um dever cumprido, nós, eu tive ultimamente, veio um pessoal do jornal, e eu falei assim: que na minha gestão eu não queria mais idoso muito doente, nem acamado, nem com Alzheimer[...]Olhe, eu gosto do idoso quando ele chega aqui novinho, ele é maior de idade de sessenta anos, mas ele chega aqui com a cabeça boa, ele chega saudável né? Tá certo tem suas limitações, suas patologias num é? “eu sou diabético, eu sou hipertenso, eu tomo meu remediozinho controlado e eu tô bem” ai eu falei pra ela: “Sabe por quê? Porque quando o idoso ele entra aqui, nessa instituição pela qual eu sou gestor, eu quero dar ao idoso dignidade, qualidade de vida, acolhimento, amor, carinho e por cima de tudo inclusão social, 80% por parte da família e 100% pela sociedade, que eles perdem, perdem, e 100% da sociedade eles perdem mesmo”.⁴¹

Lidar com a morte e outros aspectos, aparentemente inerentes, quando se trata da velhice no espaço da instituição, parece requerer uma série de códigos de conduta que embora não estejam circunscritos em manual, fazem parte do cotidiano desses sujeitos que a tratam e vivenciam. Neste sentido, consideramos substancial pensar a dimensão sociológica da noção de *habitus* e sua instrumentação relevante. Por conseguinte, no caso específico desta pesquisa, utilizamo-lo para compreender como se constrói uma rede de discursos, valores e práticas que, em certa medida, aparentam-se uniformes e são compartilhados entre os vicentinos que se mantêm em constante formação através de reuniões e conferências da SSVP. Bem como, por meio das atividades religiosas no interior e exterior da instituição. Tais práticas visam, não apenas, a manutenção da rede de caridade através do serviço ao outro, sujeito carente e necessitado mantido pelos vicentinos, mas busca, sobretudo, vigorar a fé cristã dos seus membros.

⁴¹CARDOSO, Washington do Nascimento. Entrevista concedida a pesquisadora Jessica Gleyce dos Reis Felix, Maio de 2017. João Pessoa. 1 arquivo gravado.56 min. Washington atualmente ocupa o cargo de presidente da Vila Vicentina Julia Freire.

Reconhecidamente um dos maiores intelectuais do século XX, o sociólogo Pierre Bourdieu, possui uma vasta obra cuja contribuição teórico-metodológica ainda reverbera em inúmeros estudos nas ciências humanas e sociais. Em várias destas, se dedica a discussão da conceituação do *habitus*. Como esclarece o próprio Bourdieu, a noção de *habitus* já foi utilizada em diversos contextos, por inúmeros intelectuais⁴², com intenções teóricas semelhantes entre si, todavia, “[...] é possível compreender o recurso à noção de *habitus*, um velho conceito aristotélico-temista que repensei completamente como uma maneira de escapar dessa alternativa do estruturalismo sem sujeito e da filosofia do sujeito” (BOURDIEU, 2004, p.22). Segundo Setton (2002), o *habitus* emerge como um conceito apto para conciliar a suposta contraposição entre o mundo exterior e a realidade subjetiva individual dos sujeitos.

Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas no social e estruturantes nas mentes, adquirido nas e pelas experiências práticas e condições sociais específicas de existência constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano (SETTON, 2002, p. 63).

Vale salientar que além de desfazer com a concepção dualista⁴³, que opõe indivíduo e sociedade, Bourdieu (2004, p. 98) sublinha que embora o *habitus* enquanto um “sistema de disposições para a prática” ofereça elementos ou uma base para a tentativa de “prever” condutas em circunstâncias específicas. Não pode ser tomado como mecanismo garantidor da regularidade destas condutas, afinal “o *habitus* está intimamente ligado com o fluido e o vago. Espontaneidade geradora que se afirma no confronto improvisado com situações constantemente renovadas, ele obedece a uma lógica prática, a lógica do fluido [...] que define a relação cotidiana com o mundo” (BOURDIEU, 2004, p. 98).

Sob esta perspectiva, é necessário assinalar que não estamos apontando a existência definitiva de um *habitus* vicentino, mas consideramos o conceito importante para pensar como este conjunto de representações, acerca do carisma de São Vicente de Paulo, reverbera em uma série de discursos e práticas destes voluntários, algumas sobre as quais discorreremos e que são vivenciadas no interior de Vila Vicentina Julia Freire, a fim de perceber como estas repercutem diretamente na construção de significados para a velhice e o envelhecimento.

⁴²O autor cita, por exemplo, Hegel, Husserl, Weber, Durkheim e Mauss. Ver: BOURDIEU (1990, p. 24.). Em artigo intitulado, “Esclarecer o *habitus*”, o Professor Loic Wacquant também elabora uma reconstituição da gênese da noção de *habitus*, a partir dos trabalhos do autor.

⁴³ Ver: WACQUANT, 2007, p. 67.

Pautada nisto, a SSVP além da regra possui também um “Código de Conduta Ética do Vicentino e da Administração da SSVP”, que deve ser aplicado como aponta o seu quinto artigo, por todos os associados, voluntários, dirigentes, conselheiros, funcionários, parceiros, fornecedores e terceirizados da SSVP. Tal código foi instituído pelo Conselho Nacional do Brasil da Sociedade de São Vicente de Paulo e instrui o vicentino a agir de acordo com os princípios norteadores da consciência vicentina, não permitindo que as suas ambições pessoais e materiais se sobressaíam em relação às finalidades sociais do trabalho voluntário, em especial, quando o confrade ou consocia ocupam cargos de direção nas obras assistidas pela SSVP. Afinal, ser Vicentino exige uma série de posicionamentos que estejam em confluência com os princípios morais e éticos da sociedade como um todo; haja vista, que “os princípios éticos que orientam a atuação do vicentino, também fundamentam a imagem da SSVP, como entidade cristã sólida e confiável”. ⁴⁴

Este documento, além de explicitar quais são as condutas consideradas harmoniosas com as diretrizes da ética vicentina, tem como objetivo essencial minimizar a subjetividade de interpretações acerca dos princípios morais da SSVP. Constitui dessa forma, um verdadeiro guia de orientação comportamental dos vicentinos em diversas esferas de suas vidas e não apenas no exercício cotidiano das atividades relacionadas à sociedade.

Art. 8º- O conhecimento e assimilação deste Código de Conduta Ética é dever de todos os vicentinos, voluntários, dirigentes, colaboradores e fornecedores da SSVP, devendo cada um ser responsável pela supervisão e garantia dos procedimentos, visando assegurar o conhecimento e a divulgação dos princípios éticos aplicáveis aos relacionamentos internos e externos sob sua responsabilidade. ⁴⁵

Entre os pilares fundamentais presentes no texto, está à exaltação de valores como a honestidade, solidariedade, decoro, integridade, lealdade e transparência. Entre os principais exemplos de boa conduta do vicentino figuram a pontualidade com todas as obrigações perante SSVP; a participação nas reuniões (ordinárias e extraordinárias); a prática da visita ao pobre e o trabalho das Unidades Vicentinas; além da estrita obediência a todas as diretrizes da Regra, Instruções Normativas, Resoluções, Portarias, Ordem de Serviços e orientações oriundas do Conselho Nacional do Brasil da SSVP.

⁴⁴ Artigo terceiro do Código de conduta ética do vicentino e da administração da SSVP. Disponível em: <http://www.ssvpbrasil.com.br/wp-content/uploads/2016/08/novo.pdf>

⁴⁵ Oitavo artigo do Código de conduta ética do vicentino e da administração da SSVP. Disponível em: <http://www.ssvpbrasil.com.br/wp-content/uploads/2016/08/novo.pdf>

Ao longo de 15 capítulos e 40 artigos, o Código de ética da SSVP discorre sobre as mais diversas questões, como a conduta ética pessoal e profissional com relação às pessoas atendidas, sendo estas pacientes e/ou assistidos internos e/ou externos; sobre a conduta dos gestores, as relações com os colegas no ambiente de trabalho, os conflitos de interesses, a representação da sociedade e das entidades mantidas em reuniões e eventos externos, além da utilização de bens e instalações da SSVP e de suas entidades unidas; enfim, todo um conjunto de direcionamentos com o intento de padronizar o que é verdadeiramente “ser vicentino”.

3. POR TRÁS DOS MUROS DA INSTITUIÇÃO ASILAR: CONHECENDO A VILA VICENTINA JÚLIA FREIRE

Ao atravessar os portões de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, que tem uma história de décadas, como a Vila Vicentina Júlia Freire, invariavelmente entra-se em contato com múltiplas temporalidades. E, o exercício de pensar as transformações do lugar em si, se torna inevitável. As marcas deixadas pelos indivíduos e/ou grupos que a constituíram, em qualquer uma de suas fases, contribuíram para a formação da identidade visual do local, mas também ajudam a ditar os ritmos do cotidiano em seu interior. Isso porque, mudanças estruturais têm implicações diretas no funcionamento de uma instituição como essa. As adequações aos vários movimentos de (res)significação da velhice, que vão desde a legislação e políticas públicas voltadas ao idoso, até os saberes médicos específicos, geriátricos e gerontológicos, vão impactar de variadas maneiras a constituição deste espaço. Vale ressaltar que ao adentrar no âmbito dessas discussões, tomamos por empréstimo as considerações de Michel de Certeau acerca da distinção entre espaço e lugar.

Em suas famosas reflexões sobre as práticas culturais do cotidiano, Michel de Certeau (2014, p.184) concebe que o “espaço é um lugar praticado”. Para o autor, o lugar só se torna espaço uma vez que é vivenciado, apropriado e ocupado pelos sujeitos em seu cotidiano. Neste sentido ao se instalarem, seja na condição de idosos residentes ou de voluntários vicentinos e profissionais atuantes na Vila, os sujeitos desta pesquisa com suas “artes de fazer” constroem novos sentidos, significados e usos para o lugar do asilo que historicamente foi e é marcado por estereótipias das mais diversas, transformando-o.

O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam [...] O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, isto é quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente ou de um tempo e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas (CERTEAU, 2014, p.184).

Recorrendo a Merleau-Ponty, o autor discorre sobre a diferenciação entre o espaço geométrico, que seria análogo ao lugar, e o espaço antropológico, para o qual existência e experiência são pilares fundamentais. Sob essa perspectiva, para Certeau, entre as especificidades que transfiguram o lugar e o caracterizaria enquanto espaço, estão as ações

dos sujeitos que por ele transitam e sua consequente associação a uma história. O espaço é por este ângulo “existencial” e está atrelado às experiências. Sendo assim, “existem tantos espaços quanto experiências espaciais distintas” (2014, p. 185). Paul Virilio, em entrevista citada por François Dosse (2013, p. 88), acerca de uma conferência proferida por Certeau, em 1974, destaca a importância da perspectiva do autor para o estudo dos espaços urbanos, para quem “é a atividade humana que qualifica o espaço”.

O espaço está conectado ao relato na medida em que também, através do discurso, é construído pelos indivíduos. Assim, o relato é capaz de descrever, fixar ou remover limites. Ao percorrer as possibilidades facultadas pelas ordenações espaciais disponíveis, os sujeitos se apropriam do espaço tal qual o emissor/enunciador se apodera da língua (REIS, 2013, p. 141). Para Certeau (2014, p.185), “Os relatos efetuam, portanto, um trabalho que, incessantemente transforma lugares em espaços ou espaços em lugares”.

Em consonância com a perspectiva apresentada, o presente capítulo intencionou desenvolver um exercício de historicização da Vila Vicentina Julia Freire, mapeando e discutindo algumas das principais mudanças e permanências. Para tal, recorreremos às fontes institucionais e aos depoimentos de sujeitos que integram a instituição, constroem e praticam este espaço. No transcorrer do mesmo, a partir das entrevistas, pretendemos discutir como a perspectiva de “envelhecimento positivo”, que emerge enquanto tônica do cuidado com o idoso, no final do século XX está presente no cotidiano da instituição e ajuda a “desenhar” a Vila.

3.1. Um percurso histórico da Vila Vicentina Júlia Freire: mapeando mudanças e permanências

A Instituição de Longa Permanência para Idosos, Vila Vicentina Julia Freire, está localizada na Rua Etelvina Macedo de Mendonça, no bairro da Torre, em João Pessoa-PB. Ocupa uma área de aproximadamente 2.200 m², abriga 67 idosos de ambos os sexos, com idades que variam entre 60 e 109 anos, sendo alguns deles independentes e outros com variados graus de dependência física e psicológica. Este número se altera com certa frequência tendo em vista o alto índice de falecimentos ao ano e a longa lista de espera para adentrar na instituição, que segundo os membros da direção, gira em torno dos 580. Esporadicamente, a VVJF recebe algum idoso por determinação do Ministério Público,

encontrado em situação de vulnerabilidade, abandono ou maus-tratos; ainda segundo os membros da direção, embora grande parte do seu público tenha sido levada à instituição pela própria família, cerca de 50 % não recebe nenhuma visita de qualquer parente.

O surgimento da Vila Vicentina Julia Freire remonta ao ano de 1943, quando a família da senhora, Julia Freire, com o intuito de cumprir a manifestação expressa em testamento de sua última vontade, fez a doação de glebas de terra à SSVP. Os terrenos foram destinados à construção de residências para famílias carentes, que tomaram posse das áreas externas, sob o sistema de comodato⁴⁶. Já o centro do terreno, com o passar do tempo ficou reservado ao público específico dos idosos.

Em 1944, foi lançada a pedra fundamental para a construção de um casarão-abrigo que incorporou a Capela de Nossa Senhora da Conceição, que já foi administrada pela Vila Vicentina e pela Sociedade de São Vicente de Paulo; entretanto, no período de realização da pesquisa, encontrava-se sob os desígnios do Pároco responsável pela Paróquia São Judas Tadeu.

Figura 5: Entrada principal da Vila Vicentina Julia Freire e Capela Nossa Senhora da Conceição.



Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Vila+Vicentina+Júlia+Freire>

⁴⁶ O comodato é o empréstimo gratuito de coisas não fungíveis. Onde o comodatário tem por obrigação conservar a coisa emprestada, não podendo usá-la senão de acordo com o contrato ou natureza dela. No caso específico da Vila Vicentina, as casas no entorno do terreno são passadas por critério de hereditariedade. Quando não há membros da família vivos, necessitados e interessados em fixar residência nas casas, cabe a SSVP tomar decisões sobre os novos ocupantes (informação verbal, concedida em entrevista por um dos participantes da pesquisa).

Obra Unida a SSVP⁴⁷, a instituição atua no terceiro setor, sendo beneficente, filantrópica⁴⁸ e sem fins lucrativos. A sua direção e administração são compostos por cinco membros voluntários, todos vicentinos: diretor, único cargo eletivo⁴⁹, cujo mandato tem duração de dois anos, podendo haver uma reeleição; vice-presidente, tesoureiro e secretários, mas, dispõem ainda de cerca de 30 funcionários remunerados das áreas administrativa, da saúde e serviços gerais. Sendo estes, gerente, secretárias, auxiliares de almoxarifado, cozinha e limpeza, cozinheiras, lavadeiras, pedreiro, fisioterapeuta, nutricionista, psicólogo, enfermeiro, técnicos de enfermagem e cuidadores (diurnos e noturnos). Além disso, a instituição conta com a ajuda de profissionais e visitantes voluntários de variadas parcerias que desenvolvem atividades diárias com os idosos.

A fonte primordial de recursos da casa são as aposentadorias e proventos do idoso residente, embora nem todos possuam tal recurso. Os mesmos contribuem com até 70% de sua renda, que é insuficiente para cobrir todas as despesas diárias e mensais, sendo comum a prática de doações em dinheiro, roupas, bens materiais, alimentação e produtos de higiene. Como ressalta o ex-diretor e tesoureiro Marcelo Paulino, em entrevista concedida ao jornal *Correio da Paraíba*:

A Vila Vicentina está com 66 idosos (20% de outras cidades). Destas, 60 contribuem com 70% dos proventos (R\$ 616,00) Na Grande João Pessoa, a demanda é de 650 pessoas esperando vagas. Nossa maior fonte de renda vem dos proventos dos idosos. São 70%, o que dá R\$ 616,00 da aposentadoria. Temos funcionários, além das despesas com alimentação, energia e água. Recebemos medicamentos da Gemax e Cedmex, mas, nunca tem. E a maioria toma medicamentos e temos que arcar ou pedir ajuda aos familiares.⁵⁰

Em 1999, a Vila Vicentina Julia Freire adquiriu personalidade jurídica para fins legais. A estrutura da instituição é ampla, existem alas para os quartos individuais masculinos e

⁴⁷ De acordo com o item 1.12 da Regra da SSVP, são consideradas obras associadas (No Brasil também chamadas de obras unidas) e tendo como possibilidade de usar o símbolo da sociedade nos lugares e circunstâncias que serão considerados necessários. As obras em que a Sociedade de São Vicente de Paulo participe, em qualquer nível de organização, com a condição de esta participação implicar o controle efetivo, majoritário e real de confrades e consocias vicentinos da obra em questão.

⁴⁸ Para a obtenção do certificado de filantropia, os membros da direção não podem ser remunerados.

⁴⁹ Os demais membros da direção são escolhidos pelo próprio presidente eleito, que distribui os cargos de acordo com o que julgar necessário. A instituição atualmente conta com um vice-presidente, cargo ocupado por Maria Alice Celani, 84 anos, idosa residente há cerca de 10 anos.

⁵⁰ Matéria publicada no *Jornal Correio da Paraíba*, em 09 de março de 2016, por Bruna Vieira, com o título “Idosos enfrentam fila de espera em abrigos e escondem solidão do abandono”. Disponível em: <http://correiodaparaiba.com.br/cidades/idosos-enfrentam-filas-de-espera-em-abrigos-e-escondem-solidao-do-abandono/>

femininos, a maioria destes com banheiros próprios, com mecanismos antiderrapantes; Sendo que o primeiro bloco, chamado “José Luiz”, destinado ao público masculino e que contém apenas dormitórios individuais; o bloco “Anjos, Amigos e Benfeitores”, também masculino, apresenta quartos individuais e coletivos; o bloco chamado “Renascer”, possui leitos femininos coletivos, com quantidades variadas de idosas; e o último destes, é o bloco “João Felix”, que contém apenas dormitórios individuais femininos, onde se pode notar maior grau de independência das idosas. Existem ainda dormitórios femininos na área externa, na parte atrás do bloco.

Na maioria dos quartos em que pudemos entrar, além de móveis como cama, guarda-roupa e cadeiras/poltronas, observamos que a decoração é sempre composta por artigos religiosos, como terços, bíblias, livros de cânticos, imagens de santos e fotografias dos familiares - daqueles que possuem; ursos de pelúcia ou outros elementos de ornamentação, aparelhos de rádio, ventiladores e/ou televisão que proporcionam maior conforto e entretenimento aos residentes. Os espaços comuns, como os corredores, salão de eventos, pracinha, refeitório e os jardins, são transitados por ambos os gêneros.

Cabe mencionar que os idosos que apresentam maior grau de dependência⁵¹ e geralmente são cadeirantes, encontram-se no cômodo dormitório supracitado que é semelhante a uma enfermaria. Quarto amplo, com camas dispostas lado a lado, onde recebem os cuidados necessários realizados por cuidadores e profissionais especializados na área da saúde. A instituição também conta com um bloco de salas específicas para a administração, batizado como “Pavilhão administrativo João Timóteo Neto”, que contém quatro salas e um almoxarifado.

A Vila Vicentina dispõe de uma sala de atendimento multiprofissional, salas de repouso masculina e feminina, um ambulatório, depósitos de fraldas, depósitos de materiais de limpeza e construção, móveis, ferramentas e lavanderia. Para ter acesso aos demais espaços, caminhamos por um amplo corredor onde ficam dispostas algumas cadeiras e sofás,

⁵¹ O item 3.4 da Resolução da Diretoria Colegiada (RDC), Nº 283, de 26 de setembro de 2005, estabelece três níveis de dependência dos idosos em ILPI's: Grau de Dependência I – idosos independentes, mesmo que requeiram uso de equipamentos de autoajuda. Para esse nível é necessário, no mínimo, um cuidador para cada 20 idosos ou fração, com carga horária de 8 horas-dia; Grau de Dependência II – idosos com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária, tais como: alimentação, mobilidade, higiene; sem comprometimento cognitivo ou com alteração cognitiva controlada. Para este grau, é necessário um cuidador a cada 10 idosos, ou fração por turno; e o Grau de Dependência III – idosos com dependência que requeiram assistência em todas as atividades de autocuidado para a vida diária e ou com comprometimento cognitivo. Para este, é necessário um cuidador a cada 6 idosos, ou fração por turno. No item 3.5 o indivíduo considerado autônomo, é aquele que detém poder decisório e controle sobre a sua vida.

sobre os quais, os idosos descansam e conversam entre si e com os visitantes geralmente durante as tardes. Próximo da cozinha, que é frequentada apenas por funcionários e voluntários, existe a copa, a área de preparo dos alimentos e os refeitórios para funcionários e idosos, bem como uma pracinha onde existem tabuleiros de xadrez e damas, pintados em mesinhas de cimento, com banquinhos e cadeiras fixas e de balanço, nas quais é possível encontrar todos os dias algum idoso.

Figura 6: Praça Diógenes e Luiza e passarela de acesso da VVJF.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

No corredor da entrada do bloco administrativo e logo em frente ao portão, também fica um pequeno santuário com uma imagem de Nossa Senhora da Conceição e dois banquinhos, onde idosos e frequentadores podem sentar e realizar as suas orações. Na entrada do portão principal, ao lado do estacionamento (área externa), existem ainda outros cômodos, em dois deles funciona o brechó da Vila Vicentina, organizado por membros voluntários; e, outra sala que recebia as atividades do projeto de extensão responsável pelo arquivo.

No que se refere às condições de acessibilidade, estas são adequadas, tendo em vista a amplitude dos espaços e corredores, além do grande número de rampas e corrimãos, facilitando o trânsito dos idosos com maiores dificuldades de locomoção, inclusive daqueles que necessitam do auxílio de andadores ou cadeiras de rodas, o que por consequência, oferece

maior segurança em relação à ocorrência de acidentes cotidianos aos quais os idosos estão sujeitos, entre estes, as quedas figuram como o perigo mais iminente.

A estrutura física da instituição vem passando por uma série de transformações em decorrência da necessidade de adequação às normas e regras que estabelecem as condições para o funcionamento das ILPI's no Brasil, como também em função da arrecadação de recursos no decorrer dos anos. Exemplos destas alterações podem ser observados nas imagens abaixo, que mostram a entrada principal a partir de dois ângulos diferentes que retratam tais mudanças. A passarela da entrada principal é ladeada por um pequeno jardim, cuja vegetação toma formas diferentes com o avançar dos anos.

Figuras 7: Corredor de entrada principal e rampa de acesso no ano de 2009



Fonte: Acervo digital – Fanpage VVJF

Figura 8: Passarela de entrada principal em novembro de 2017 e placa em homenagem a Maria Alice Celani



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

O salão onde acontecem os principais eventos e atividades coletivas da instituição aparece abaixo (fig. 9 e 10) em duas ocasiões distintas de sua história. Na festa de solenidade de posses dos membros de uma de suas diretorias; e, recentemente na já considerada tradicional celebração comemorativa dos aniversariantes do mês. O salão está localizado ao lado do refeitório e de um pequeno jardim, fica em frente à ala feminina dos quartos; possui um espaço relativamente amplo com bancos e palco fixos e também apresenta rampas de acesso nas entradas; já foi cenário para as mais variadas manifestações culturais e artísticas, como peças teatrais, apresentações musicais e de dança, exposições fotográficas, desfiles, além de atividades e eventos religiosos, sempre em busca de entretenimento para os idosos.

Figura 9: Solenidade de posse da diretoria no ano de 2013



Fonte: Acervo digital – Fanpage/Facebook VVJF- Fotografia de Leonardo Aciolly

Figura 10: Festa em comemoração aos aniversários e festejos de carnaval / Fevereiro de 2018



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Tais transformações na estrutura física da Vila Vicentina Julia Freire aconteceram de forma gradativa no transcorrer das diversas administrações pelas quais passou.

Acompanhando a marcha das mudanças do tempo, do desenvolvimento econômico, do prestígio e reconhecimento que a instituição adquiriu ao longo dos anos, perante a sociedade paraibana, que impulsionou as doações necessárias não apenas à sua subsistência, mas também à sua ampliação, além, evidentemente, dos discursos de poder e saber que atuam sobre a velhice. Sendo assim, diversas mudanças e melhorias foram implementadas e são evidenciadas, por exemplo, na fala do participante da pesquisa e ex-gestor da instituição.

O depósito de alimentos, aquele dali foi pra acabar com um muído, a vigilância sanitária só vivia chateando, vai multar, vou multar porque as prateleiras que eu tinha feito do prédio era de madeira, e pau e tábua né! Aí eles disse que não podia ser daquele jeito, aí eu fiz, você já viu lá dentro? Eu fiz mesmo pra valer bem bonito, Pronto que aquilo era pra mostrar as pessoas que vinham onde era guardado tudinho e aí eu fiz daquele jeito, aquela parte de guarda de alimentos, Esses corrimão também tudinho foi eu que inventei. Muitas coisas aí foi inventado por mim, quando eles vieram ver já tava feito (TEMÓTEO NETO, 2018).

Em relatório apresentado no dia 02 de maio do ano de 2005, João Temóteo Neto, cujo nome aparece em placa a frente do atual prédio da administração (ver fig. 13), presta conta do trabalho desenvolvido por ele ao longo das várias gestões em que pode atuar na instituição. A primeira delas ocorreu no período de 16 de maio de 1996 a 31 de janeiro de 1997, onde ocupou o cargo de tesoureiro na presidência do confrade José Carlos do Nascimento; a segunda delas no período de 01 de fevereiro de 1997 a 28 de fevereiro de 1999, já como gestor, com portaria por indicação do presidente do Conselho Metropolitano de João Pessoa; e, a terceira no período de 01 de março de 1999 a 31 de janeiro de 2005, quando também ocupou o cargo de presidente, tendo como vice-presidente e tesoureiro, respectivamente, os senhores confrades João Ouriques e Marcos Evangelista. Este documento oferece um panorama acerca de modificações importantes na organização e infraestrutura no decorrer de 10 anos de história da instituição.

Vale acentuar que embora o supracitado relatório contemple apenas as três gestões das décadas de 1990 e 2000, a sua chegada à Vila Vicentina ocorreu ainda no final da década de 1960, mais especificamente em 1968, quando deixa a sua cidade natal, Cajazeiras, no sertão paraibano, e muda-se para a capital João Pessoa, a pedido do irmão, para trabalhar como contador - profissão na qual havia se formado um ano antes. Em João Pessoa, embora tenha conseguido trabalho na área de construção civil, continuou bastante atuante nas atividades da Igreja Católica, onde conheceu Zé Luiz do Nascimento, de quem se torna amigo e por quem é, posteriormente, convidado a integrar a Sociedade de São Vicente de Paulo. A partir deste

chamado, começou a participar das conferências vicentinas, tornando-se inclusive secretário do Conselho Metropolitano, colaborando paralelamente com os trabalhos na VVJF.

Neste período, a instituição abrigava apenas mulheres, idosas em condições de vulnerabilidade e baixa ou nenhuma renda; na década de 1980⁵², João Temóteo assume a sua primeira gestão como presidente e, segundo ele, neste período a principal fonte de renda da VVJF era uma casa mortuária, cujas atividades eram realizadas por dois funcionários, um deles encarregado pela fabricação dos caixões, cujo material era comprado pela direção e o outro era o motorista que dirigia o Carro mortuário, um Chevrolet 48, onde eram conduzidos os corpos para o sepultamento.

Não, tinha uma pessoa pra trabalhar lá, tinha o motorista, era o motorista e uma pessoa que fazia os caixão, caixãozinho simples, a gente comprava o material e ele fazia, seu Luiz, era Luiz da Silva, moreninho, quando eu cheguei aqui em 1968 já existia essa mortuária e era quem sustentava a Vila Vicentina (NETO, 2018).

A Casa Mortuária Frederico Osanam estava localizada no entorno da Vila Vicentina, funcionava em um prédio simples e matinha convênios com várias instituições de saúde e hospitalares da capital paraibana, ficando responsável por uma grande quantidade de funerais mensalmente.

o prédio caiu eu comprei uma kombi ainda pra substituir o outro carro que era muito velho, era um Chevrolet 48 uma caminhonete que foi transformada em carro mortuária, e tinha os convênios, a gente fazia todo sepultamento da cãndida Vargas, da maternidade, morria muita mulher (naquela época) de parto, e tinha os menino, sepultava os dois, eles já tinha um caixão já pensasse? Da Juliano Moreira, todo sepultamento (a gente fazia), do hospital Padre Zé, a gente tinha convênio com esses hospitais aí, e era suficiente pra gente manter (NETO, 2018).

As atividades da casa funerária foram encerradas apenas no final da década de 1980, tendo em vista que no decurso da sua administração, João Temóteo, com a colaboração de Nilton Novais⁵³, conseguiu agilizar o processo de aposentadoria de grande parte das residentes; sendo assim, após deixar o posto de diretor, não houve mais a necessidade de manutenção dessa atividade, já que, o movimento de ampliação estrutural estava se organizando, com o aumento do apoio da sociedade civil através das doações.

⁵² O entrevistado afirma não se recordar com precisão se o ano de sua posse nesta gestão foi 1983 ou 1984, sendo finalizada em 1987.

⁵³ Informação verbal. Entrevista concedida em março/2018

O quadro comparativo entre os períodos, apresentado no documento, é bastante elucidativo da proporção das alterações sofridas. Em maio de 1996, por exemplo, a VVJF abrigava um total de 40 idosos (as), sendo 26 mulheres e 14 homens, já em janeiro de 2005, a capacidade tem um aumento considerável e 63 idosos passam a residir na instituição, sendo 29 mulheres e 34 homens. Outra situação que mudou, de acordo com o relatório, diz respeito às condições de trabalho dos funcionários, já que segundo o relatório, após serem alvos de denúncia ao ministério do Trabalho, a Instituição foi obrigada a pagar um valor referente à multa pela falta de registro dos trabalhadores existentes na época. João Temóteo relata que a acusação foi feita por um cônjuge de umas das funcionárias em situação irregular e que o custo da multa seria maior, mas, eles conseguiram negociar, já que a instituição não dispunha de recursos para arcar com um prejuízo tão alto naquela ocasião. Posteriormente, apesar de manter basicamente a mesma quantidade de funcionários, os mesmos foram regulamentados de acordo com as leis trabalhistas em vigor.

Durante o mesmo período, as receitas mensais da instituição, referentes às contribuições dos próprios idosos, dobra de valor, passando de R\$ 6.000,00 em 1996, para R\$ 12.600,00 em 2005. Em ambos os períodos são registradas doações regulares dos funcionários do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE), e outras doações esporádicas de diferentes grupos. No que se refere às doações de alimentos e materiais de limpeza, o relatório descreve uma situação razoável quanto ao estoque, oscilando entre a superlotação e a suficiência de recursos. Escolas e faculdades particulares, clubes de oficiais da Polícia Militar e Corpo de Bombeiros e clubes de serviços, médicos, lojas maçônicas e a comunidade em geral, são apontados como os principais colaboradores/mantenedores dos provimentos necessários ao cotidiano.

Tabela 2: Dados comparativos do número de residentes e situação dos empregados do período 1996-2005

Número de idosos residentes	16 de maio 1996	31 de janeiro de 2005
Mulheres	26	29
Homens	14	34
Total	40	63
Situação dos empregados	16 de maio de 1996	31 de maio de 2005
Registrados	03	15
Não registrados	15	01
Total	18	16

Fonte: Adaptado do “Relatório sobre o Abrigo de idosos, Vila Vicentina Julia Freire, Gestão do Sr. João Temóteo Neto, 02 de maio de 2005”.

No que se refere aos imóveis, novas instalações e reformas que foram realizadas, o documento destaca a construção da passarela coberta do pavilhão feminino para o refeitório no ano de 1997 e da lavanderia de roupas com dois salões e tanques de água, no mesmo ano. Entre as maiores obras, está a reforma realizada no bloco feminino no transcorrer dos anos de 1997/98 e 99, com os auxílios financeiros das senhoras Iza Galiza e Graça Nassau, na qual, os 21 quartos já existentes, foram transformados em suítes, e, os pisos de cimento foram substituídos por cerâmica, assim como nas paredes dos banheiros também foi realizada a troca das portas e do telhado. Essas mudanças se estenderam às paredes das suítes e aos espaços de circulação, quando em 2003 foram revestidos e pintados com tinta lavável, além de serem colocados alças e corrimãos nos banheiros e corredores. Ainda no ano de 1998, a cozinha e o refeitório passaram por um processo de ampliação e modernização, com a substituição de boa parte dos utensílios, como fogão, cadeiras, mesas e pias de granito por pias de inox, a rede de esgotos refeita e o prédio pitado e retelhado.

Com relação aos imóveis externos, além das casas cedidas em comodato, o relatório sublinha a existência de um prédio na Avenida Barão da Passagem, também situada no bairro da Torre, que já havia servido como escola estadual e creche, sendo desocupado em 1996. No ano de 1998, o imóvel é novamente cedido em comodato, mas desta vez à Associação do Surdo; no mesmo período, existia um posto médico, onde trabalhavam alguns funcionários da secretaria de saúde do município, sendo desativado por solicitação do presidente da instituição, uma vez que o atendimento dos profissionais aos residentes da Vila Vicentina foi considerado insuficiente e insatisfatório.

Entre os anos de 2000 e 2002 foram construídos o Pavilhão Anjos, Amigos e Benfeitores e o salão de eventos, mencionado anteriormente, com subsídio financeiro e a doação de materiais de construção por parte de empresários locais e figuras famosas na sociedade paraibana⁵⁴, além de recursos próprios. Por sua vez, o pavilhão da administração, que por se encontrar em péssimo estado de conservação teve que ser demolido para que um novo prédio com instalações mais apropriadas às atividades de gestão da instituição pudesse ser erguido. Em meados de 2004, ainda existia um cômodo destinado para a criação de coelhos que foi abolido e transformado em depósito de materiais. Já o muro externo teve 80 metros de sua extensão recuperados.

⁵⁴ Entre os colaboradores do período citados no relatório, estão empresários e proprietários de fábricas de Cerâmica da cidade, famílias da sociedade paraibana; além personalidades políticas.

Cercada por muros rebaixados e grades que possibilitam uma visão frontal e parcial do seu entorno as pessoas que circulam em seu interior, o cotidiano na instituição asilar é ritmado por uma temporalidade própria, que segue o seu fluxo contínuo; ao mesmo tempo em que parece estar alheio ao mundo externo. A instituição tem uma rotina fixa estabelecida por uma série de convenções que levam em consideração o bem-estar do residente; os idosos levantam por volta das 5:00 ou 6:00 horas da manhã e aqueles que necessitam, por questões de saúde, fazem um desjejum antes do café, que acontece às 7:00 horas. Às 9:00 horas é servido um lanche.

Essa rotina de refeições é seguida nos horários da tarde e noite, com almoço, jantar e lanches intercalados, alcançando um número mínimo de seis refeições diárias para cada idoso. Nos intervalos, entre elas são realizadas outras ações com psicólogo, assistente social e outros profissionais. Todos os domingos, às 9:00h da manhã, acontece uma celebração da palavra ou missa, na Capela Nossa Senhora da Conceição e os idosos que desejam acompanhar são levados; a participação é majoritariamente feminina, poucos representantes do grupo masculino se dizem católicos praticantes. Boa parte destes homens opta pelo descanso ou buscam uma distração com jogos e brincadeiras como bingo, dominó, damas e baralho nos espaços comuns, praticados com frequência no salão e na praça.

No período da pesquisa, no último domingo de cada mês, após a missa, era realizado um almoço especial aberto a visitantes. Onde, geralmente, era servido rubacão ou feijoada e às 14h30min tem início as comemorações dos aniversários e demais festividades do mês. A festa é embalada por um pequeno conjunto musical, cuja maioria dos integrantes são vicentinos, e conta com vocalista, violonista, baixista e baterista, além de algumas participações extras, de forma eventual, como sanfoneiro, violinista, saxofonista, percussionista e outros cantores. Eventualmente outros grupos responsabilizam-se pela condução da festa.

Na VVJF também são realizados passeios culturais como visitas a museus e/ou pontos históricos e turísticos da cidade e/ou viagens de lazer com a presença dos idosos, cujas condições físicas permitam um fácil deslocamento. Para aqueles são independentes ou que contam com o acompanhamento familiar, são permitidas as saídas. A preferência de visitas se dá no período da tarde, pois o número de tarefas realizadas no turno da manhã é mais elevado e demandam maior atenção e esforço dos cuidadores e demais funcionários. Os banhos e outros cuidados da higiene pessoal do idoso, a assepsia das instalações que atende aos

critérios e orientações da ANVISA⁵⁵, são feitos aprioristicamente neste horário, todavia apesar disto, eventos e atividades como a participação de grupos, e a oferta de lanches podem ser agendados com antecedência também durante as manhãs.

Algumas atividades de caráter religioso acontecem em horários fixos e não somente as ligadas ao catolicismo, como no caso do grupo Servas de Maria, que promove reuniões as quartas-feiras; as igrejas evangélicas e a Federação Espírita também são habituais na instituição. O que, conforme a direção evidencia o lado ecumênico e reafirma os valores como o respeito e amor ao próximo, por eles propagados; durante as entrevistas e conversas informais realizadas no transcorrer da pesquisa, tanto os idosos, quanto os vicentinos enalteceram os benefícios que a participação destes grupos tem sobre o cotidiano da instituição; ainda segundo os membros da direção, apenas as religiões de matriz africana e afro-brasileiras são menos frequentes, tendo ao longo de sua história mais recente, apenas uma idosa candomblecista como residente.

Nós temos ao longo de toda semana visitas das mais diversas denominações, cristãs, evangélicas, das mais diversas igrejas, além disso, nós temos um dia especial aqui, nas quintas-feiras na parte da tarde das catorze as dezesseis a reunião da Federação Espírita que é parceríssima nossa na caridade, e em tudo que nós fazemos aqui, então nos ajudam e muitíssimo mesmo, pra você ver que nós não temos nenhum tipo de discriminação ou recriminação religiosa, muito pelo contrário, e nós já tivemos até uma idosa aqui que era da Umbanda, Candomblé, essa coisas de linha branca, linha preta que eu não entendo muito bem dessas coisas, mas ela acabou indo embora pra Rio Tinto que o pessoal do terreiro dela que veio convidá-la pra ir, ela foi, tá morando lá em Rio Tinto agora, dona Ana. Mas aqui ela tinha total liberdade ela só não envolvia o culto dela aqui por que era só ela então não tinha como, mas era visitada o pessoal levava ela pras solenidades, celebrações, não sei, pra os terreiros que tinham por aqui e tal, sem problemas nenhum, era tão bem tratada como qualquer um, alias, eu penso até o seguinte a gente pode até ter qualquer discriminação se aparecer aqui algum idoso que é adepto da missa negra, satanista ou alguma coisa assim, mas graças a Deus isso não aconteceu ainda, porque por lei a gente não pode discriminar mas também seria complicado⁵⁶

⁵⁵ A Agência Nacional de Vigilância Sanitária configura um dos órgãos responsáveis pela fiscalização de entidades governamentais e não governamentais de atendimento ao idoso, de acordo com o artigo nº 52, do Estatuto do Idoso. No caso específico das Instituições de Longa Permanência para Idosos é a Resolução de Diretoria Colegiada- RDC- Nº 283 de 26 de setembro de 2005 (publicada em DOU nº186, em 27 de setembro do mesmo ano), a principal responsável por estabelecer o padrão mínimo de funcionamento das mesmas. No documento são encontradas as definições técnicas básicas dos elementos constituintes das ILPI's no Brasil e suas respectivas funções e aplicabilidades, como cuidador de idoso e equipamentos de autoajuda. São encontradas ainda, as classificações que delimitam os graus de dependência do idoso. As normativas desta legislação estão de acordo com a PNI, indicando como responsabilidade da instituição propiciar o pleno exercício dos direitos humanos, civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e individuais de seus residentes.

⁵⁶ MELO, Marcelo Paulino. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, abril de 2017. 1 arquivo gravado. 22 min.

A valorização do ecumenismo no interior da VVJF é um preceito este que está em acordo com as normas estabelecidas na Regra da SSVP acerca das relações com outras religiões, onde segundo o item nº 6 é tarefa de cada vicentino o empenho na promoção do ecumenismo e da cooperação exercida através das obras de caridade e justiça que devem ser instrumentos da unidade plena da igreja

De acordo com o Magistério da Igreja Católica, a Sociedade São Vicente de Paulo reconhece aceita e encoraja o apelo a cooperação ecumênica e ao diálogo com outras religiões no quadro das suas atividades caritativas. Ela toma parte nas iniciativas da igreja no domínio do ecumenismo e da colaboração com outras crenças de cada país, mas permanecendo em harmonia com o Bispo em cada diocese. (SSVP, 2007, p. 30).

Isto posto, verifica-se que a instituição apresenta uma rotina relativamente estável, com permanências e alterações esporádicas de acordo com o período de sua história. A sua capacidade estrutural, com sujeitos e grupos que transitam no espaço, engendram discursos e práticas no cotidiano que formam os elementos constituintes da identidade da Vila Vicentina Julia Freire. As transformações supracitadas permanecem em curso e podem ser verificadas na construção de novos espaços ainda em andamento, que visam oferecer outras formas de sociabilidade e atendimento multiprofissional aos idosos.

Figura11: Instalações em construção da VVJF



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

As edificações acima, ainda estão (no período de realização da pesquisa) em processo de finalização e deverão comportar as atividades voltadas à prática de pilates e uma biblioteca. Projetos que dependem ainda da arrecadação de donativos e da colaboração de profissionais habilitados e/ou voluntários para desenvolvê-las. Para alcançar esse objetivo, ao longo do ano, a instituição realiza campanhas específicas como a “Adote um Idoso” divulgada nas mídias sociais, e conta com a ajuda de diversos grupos da cidade que vêm desenvolvendo promoções e eventos beneficentes em prol da Vila.

3.2. “*Só é velho quem quer, minha fia*”: concepções de envelhecimento positivo na Instituição de Longa Permanência para Idosos

Nesse momento do trabalho, analisaremos as concepções e perspectivas de envelhecimento positivo que a geriatria e gerontologia, enquanto saberes especializados disseminam e reverberam no cotidiano da VVJF. Na contemporaneidade, é bastante comum a utilização de expressões como “Terceira idade”, “Melhor idade”, ou ainda, “Idosos são como novas crianças”, a “velhice tá na cabeça”. Um conjunto de palavras que parece ressoar de maneira muito natural no transitar pelo espaço de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, mas, de onde será que essas nomenclaturas emergem? Quem as legitima?

Em contrapartida, há uma espécie de interdição a certos termos, como velho e asilo, rotulados como sinônimos do abandono e da solidão. Em que momento estas palavras se tornaram proibidas? Qual o impacto que a utilização das mesmas causa no cotidiano dos sujeitos que compõem a instituição? Tal substituição faz parte de uma rede multiforme de movimentos históricos que colocam a velhice em um lugar privilegiado nas preocupações sociais, econômicas e políticas em diversas sociedades humanas.

O desprestígio atribuído à velhice nas sociedades do ocidente, no contexto das transformações econômicas e sociais que ocorrem a partir do século XVIII, emerge a partir dos novos paradigmas de modos de produção. O reconhecimento e a inclusão dos indivíduos dependem quase que exclusivamente da sua força de trabalho e o velho, por não ser mais dotado desta capacidade, é relegado e marcado pela insígnia da improdutividade. Como notabiliza Barbieri (2012, p. 118), o próprio significado do termo “aposentar”, em alguns momentos históricos, adquire uma conotação estigmatizante, na medida em que se relaciona ao ócio e inatividade.

Em contrapartida, a repercussão do processo de envelhecimento demográfico, crescente nas últimas décadas do século passado, ganhou espaço nas discussões de inúmeras áreas. Os saberes médicos e jurídicos, principais autoridades, produziram o idoso enquanto sujeito de direitos suscetível de prescrições, numa profusão de discursos e procedimentos de normatização acerca dos corpos velhos por parte dos especialistas, de acordo com Cavalcanti (2013, p. 179), “desloca-se, então, de um silêncio para um barulho discursivo, composto por varias vozes, dos experts aos leigos, todos podem e devem falar e, suas vozes, se não atendidas em seus muitos projetos e apelos, serão, no mínimo, ouvidas”.

Segundo Debert (1999, p. 70), a expressão “curso da vida pós-moderno” foi adotada por Harry R. Moody, a fim de abranger as transformações que, a partir da década de 1970, vão delinear novas feições às etapas da vida, reconfigurar as fronteiras do que seriam os comportamentos adequados a cada faixa etária. O autor realiza este exercício através da análise de duas produções fílmicas de períodos diferentes, que retratam a experiência do envelhecimento de maneiras drasticamente contrárias. O primeiro filme, produzido na década de 1930, intitulado “Make Way for Tomorrow”, traduzido no Brasil como “A cruz dos anos”, tem como enredo principal a história dramática de um casal de idosos que endividado e impossibilitado de residir com os filhos, se vê obrigado a passar seus últimos dias de vida em um asilo; o segundo filme é “Cocoon”⁵⁷, uma produção de 1985, que mescla ficção científica e comédia dramática, na trama, um grupo de idosos que está instalado em um asilo, entra em contato com as técnicas de rejuvenescimento de seres extraterrenos e passam a experimentar novamente o vigor físico e o entusiasmo da juventude.

Retomando a argumentação de Moody, Debert (1999), pontua que a grande diferença não está entre os gêneros fílmicos retratados nas histórias, mas na abordagem escolhida para lidar com as questões relativas à velhice, denotando uma mudança profusa no curso da vida humana, que cada vez mais possibilita a diluição dos estereótipos, moldes e papéis de acordo com a fase da vida. Enfim, uma dissolução dos padrões comportamentais alicerçados nas idades. Neste sentido, de acordo com a autora, analisar as representações da velhice nas décadas subsequentes as dos filmes, é testemunhar a dicotomia que existe entre os dramas da velhice. Exemplo disso é o retrato dos inúmeros idosos solitários, abandonados e dependentes de uma aposentadoria ínfima, coexistindo com os variados projetos de envelhecimento ativo, positivo e saudável, que são indicados pelos novos peritos do saber geriátrico e gerontológico.

⁵⁷ Uma continuação do filme foi lançada em 1988, intitulado “Cocoon- o regresso”, onde os personagens visitam a Terra e devem decidir se retornarão para Antares onde ninguém envelhece.

Como já discutimos em outras oportunidades, o entendimento da velhice como etapa diferenciada da vida, surge em um contexto de transição, em consonância com um conjunto de mudanças e a reunião de diferentes discursos reivindicatórios e que colocam o velho como sujeito digno de atenção. Dentre esses fatores, merecem ser reparadas a institucionalização das aposentadorias e a elaboração dos saberes médicos que investigam o corpo velho (SILVA, 2008, p. 158). A consolidação da geriatria como saber científico e especialidade médica, aconteceu apenas no início do século XX. Todavia, como indica Silva (2008), recorrendo a Katz (1995), a medicina praticada nos séculos XVIII e XIX revela a existência de um saber pré-geriátrico⁵⁸, já que o corpo humano é tomado nesse período como lócus da doença e se torna, portanto, alvo do olhar médico, bem como, centro das mudanças que caracterizam a patologia. Desde então, a medicina moderna passou a tentar explicar o processo de deterioração e atrofia do corpo humano, pautada na anatomia patológica, com recursos de investigação científicos cada vez mais avançados, capazes de analisar o “micronível dos tecidos e das células”.

Em consonância, Correa (2009, p. 60) destaca como nesse período o corpo envelhecido constituía o destino comum a todo e qualquer ser humano. Sendo assim, esse corpo não necessitava de muitas medidas terapêuticas, embora, se admitisse que a velhice apresentasse características e moléstias específicas, isso não modificava a forma de tratamento para as doenças, considerada inevitáveis. A saúde frágil dos velhos era tida como uma condição irreversível e não um estado curável ou capaz de tornar-se minimamente aprazível.

O avanço da medicina moderna e a importância dos estudos celulares colocam os velhos em uma posição diferenciada e agora passível de intervenções. Como aponta Correa (2009, p. 61), a busca pelos vestígios da doença na superfície dos corpos, através do estudo da anatomia patológica, é um dos sinais das mudanças do olhar médico, que começa a enxergar nas marcas do tempo circunscritas na pele, os sinais da distinção e contraste entre o corpo jovem e o velho. Conforme Cavalcanti (2013, p. 182), o primeiro tratado acerca das doenças da velhice, surgiu em 1840 e é o que de certa maneira anunciaria o século XIX, como o

⁵⁸ Cavalcanti (2013, p. 182) pontua que esse movimento pré-geriátrico, intensificado nos séculos XVIII e XIX, é considerado por vários pesquisadores como anterior, já que os discursos sobre a senescência na antiguidade e no medievo apresentam formas diversas de lidar com a velhice. Sendo ela mitologizada, desprezada ou tratada como patologia.

“berço da geriatria”, especialidade essa que seria beneficiada pelo grande asilamento⁵⁹ do período e experimentos clínicos dele provenientes. Os pesquisadores da época passam a definir uma nova categoria de corpo, com patologias próprias, ou seja, um eixo clínico para a senescência.

É interessante notar as imagens evocadas tendo em vista a palavra final dada pela ciência a respeito da velhice: ela é um processo fatal irremediável, inevitável, tal como em uma tragédia grega. Um corpo marcado pelo tempo e por olhares produtores de sentidos. A singularização da velhice, por esse recorte médico, foi um marco no sentido de apontá-la como um estado patológico qualitativamente diferenciado, dotado de um funcionamento peculiar e com uma necessidade de intervenção terapêutica própria. (CORREA, 2009, p.62)

A ordenação desses saberes médicos foram adquirindo contornos cada vez mais definidos, até o surgimento da geriatria propriamente dita, no século XX, sendo que este termo especificamente foi utilizado pela primeira vez em um artigo no ano de 1909, pelo médico americano Ignatz Leo Nascher. Em 1914 ele publicaria um trabalho mais completo, seu livro acerca das doenças e tratamentos da velhice.

Embora tenha apontado a velhice como um problema complexo que abrangia matérias de cunho social, Nascher concentrou suas análises nos aspectos biomédicos, tendo pouca receptividade entre seus pares (PAIVA, 2011, p. 22). Um dos principais argumentos presentes na obra do médico consiste em atribuir à degeneração celular, uma gama de fatores típicos do processo natural de envelhecer, como a perda dos dentes e cabelo, o atrofiamento muscular, a decrepitude e outros tipos de disfunções. Para ele, a associação desses elementos causaria impacto nas características comportamentais e mentais dos velhos.

De acordo com Correa (2009, p. 64), esse início da geriatria enquanto saber médico específico foi marcado por impasses. Tendo em vista, as inúmeras contradições e propostas de intervenção terapêuticas inovadoras para a época, se comparadas a outros ramos da medicina. A indicação de atividades física, ocupacionais e de lazer, como ouvir músicas, ler ou conversar, como forma de “tratamento”, não era uma prática comum. Mas se outrora a

⁵⁹ Neste período, o número de idosos internados no hospital Salpêtrière, na França, estava em torno de 2 a 3 mil. O que facilitava a coleta dos dados para a pesquisa, sendo por isso, considerada sede da primeira instituição geriátrica na França. Foi nessa instituição que Jean Martin Charcot (médico e cientista francês, referência nos estudos neurológicos), proferiu palestras de imensa repercussão, redimensionando os paradigmas de atenção e cuidado com a velhice. Se anteriormente a intenção era prevenir, nesse momento, passa-se a pensar formas de cura e/ou terapias para amenizar as mazelas e o sofrimento dela originados. Sobre esse tema, ver: Correa (2009) e Cavalcanti (2013).

recomendação destas atividades no âmbito de um consultório médico era vista com pouca credibilidade e desconfiança, na contemporaneidade elas figuram no arcabouço das prescrições dos *experts* da velhice e têm seus benefícios amplamente reconhecidos entre eles. Sob esta perspectiva, a Vila Vicentina Julia Freire não configura uma exceção, como exemplifica a fala de um de seus especialistas:

É uma das coisas que deve haver todos os dias, a questão da dinâmica de grupo, a questão da música, a questão da pintura, a questão da brincadeira a questão da história, entendeu? Então todas essas dinâmicas que a gente trabalha a memorização, a coordenação motora, tudo isso faz com que eles se mantenham vivos, ativos e mais alegres tudo, o jogo todas as coisas, então tudo isso faz com que eles se mantenham vivos.⁶⁰

A especialista em questão, atua profissionalmente na VVJF há cerca de 7 anos, é psicóloga clínica e especialista em psicologia hospitalar. Durante o seu expediente, desenvolve exercício de escuta junto aos idosos no turno da manhã, e durante a tarde realiza diversas atividades de terapia ocupacional, de acordo com as singularidades do grupo ou idoso que acompanha. Para ela, a implantação deste tipo de atividade no cotidiano do idoso, é imprescindível, sejam elas de caráter lúdico, recreativo ou de relaxamento, pois, ajudam a desenvolver a sociabilidade entre eles e a retardar, ou em alguns casos, suavizar sintomas de enfermidades como Alzheimer, Parkinson e Depressão.

O surgimento da gerontologia, por sua vez, também se dá no início do século XX. Sendo que o termo cunhado pela primeira vez, pelo médico russo, Elie Metchnikoff, inicialmente utilizado para nominar o estudo das formas de mediação para o prolongamento da vida. Com o passar do século e os diversos movimentos nos campos político, econômico e social, ampliou-se a necessidade de um campo de saber sobre o envelhecimento de caráter multidisciplinar. A demografia, as ciências sociais, os saberes populares, a sociologia, a antropologia e a psicologia passam então a se preocupar com os velhos, seus hábitos e suas necessidades, voltando a sua atenção para os aspectos bio, psico e sociais da velhice. Vale ressaltar que a expansão do cuidado destas disciplinas, está intimamente ligada ao processo de institucionalização das aposentadorias (SILVA, 2008, 159).

⁶⁰ BEZERRA, Cacilda de A. Entrevista concedida a pesquisadora a pesquisadora Jessica Gleyce dos Reis Felix, Maio de 2018. João Pessoa. 1 arquivo gravado.64 min. A entrevistada ocupa o cargo de psicóloga da Vila Vicentina Julia Freire.

Segundo Debert (2012, p. 196), essas disciplinas passam a dedicar maior espaço a velhice, a partir de sua percepção enquanto problema social na década de 1930. Esse interesse consolidou não somente a gerontologia como campo legítimo do saber, mas, possibilitou um novo fôlego nos estudos e pesquisas da área médico geriátrica. Entretanto, é apenas na década de 60 que as questões relativas à saúde dos velhos passam a figurar entre as publicações médicas de prestígio no país, em concomitância com a instituição de formações universitárias e a criação das sociedades e associações de geriatria. Assim, é fundada no Brasil, no ano de 1961, a primeira sociedade de geriatria. Em 1978, a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), é aberta para gerontólogos, sendo que quatro anos mais tarde, na década de 1980, surge uma associação do gênero específica para estes profissionais não-médicos, a Associação Nacional de Gerontologia (ANG).

Em consonância, Cabral (2002, p.42) recorrendo aos estudos de Anne Guillemarde (1989), acerca do nascimento da Terceira Idade, mostra como no contexto francês a constituição de um campo do envelhecimento está diretamente conectada a política de seguridade francesa. As pessoas velhas, consideradas economicamente frágeis nas décadas de 1940 e 1950, passaram a partir dos anos 60, a constituir uma nova classe, ociosa, mas, garantida de recursos, o termo *troisième âge* é fabricado metaforicamente para representar a nova condição da velhice francesa, acompanhado por uma série de outros eufemismos.

Acompanha o crescimento desse mercado a criação de uma nova linguagem em oposição às antigas formas de tratamento dos velhos e aposentados: a terceira idade substitui a velhice; a aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria; o asilo passa a ser chamado de centro residencial, o assistente social de animador social e a ajuda social ganha o nome de gerontologia. (DEBERT, 1999, p. 78).

É interessante pontuar, como destaca Correa (2009, p. 66), que a constituição de um campo de saber como a gerontologia não se dá sem conflitos e disputas; neste caso específico, o discurso dos gerontólogos brasileiros é uníssono com o intento de transformar a velhice em uma questão de política pública, propondo práticas de envelhecimento saudável e o rompimento com o “pacto de silêncio”, denunciado por Beauvoir.

Para Debert (2012, p. 198), essa denúncia elaborada pelo discurso gerontológico se fundamenta em quatro pilares fundamentais. O primeiro deles consiste no “terrorismo” sobre a elevação dos gastos públicos para atender a população idosa, proveniente da tão anunciada explosão demográfica, que prevê um prolongamento considerável das expectativas de vida,

resultando na diminuição da população jovem e no aumento do número de idosos. Lançando mão dos argumentos de Simões (1995), a autora elucida como as projeções dos especialistas em contabilidade nacional, convertem-se em uma “crônica da crise anunciada” para tratar da questão das aposentadorias, mas, também fazem parte dos discursos interessados em certificar uma preocupação teórico-acadêmica com a velhice.

O segundo fator diz respeito a uma crítica sobre a maneira como o sistema capitalista, na sociedade brasileira, desvaloriza e descarta aqueles que não configuram mão de obra apta para o trabalho. Sendo assim, a pobreza, o abandono e a exclusão que já acompanham diversas parcelas da população, se acentuam ainda mais na velhice. O terceiro elemento dialoga com o segundo, pois, elabora uma crítica à cultura brasileira que supervaloriza a juventude, negligencia tradições e exporta valores de outras nacionalidades.

A ideia de um país sem memória, que despreza o seu passado, usada por historiadores e políticos, é para o discurso gerontológico a prova do descaso com que os velhos são tratados pela sociedade e uma justificativa central para os trabalhos interessados em recuperar a memória dos idosos. (DEBERT, 2012, p. 200)

Conforme essa premissa, tudo que é considerado velho é tomado como obsoleto e atrasado. Apenas o jovem é visto como produtor e consumidor em potencial. Todavia, é preciso acrescentar que na atualidade, essas críticas ao capitalismo merecem algumas ponderações, uma vez que a transformação no sentido de aposentadoria obedece ao valor de mercado, significativo para alguns segmentos empresariais (CORREA, 2009, p. 67).

O quarto elemento configura uma crítica ao Estado e a sua incapacidade de resolução de problemas fundamentais da população, desencadeando a vulnerabilidade da pessoa idosa. Para a autora, enquanto nos países desenvolvidos o declínio da família extensa correspondeu à criação de um “estado de bem estar” social, no Brasil, a diminuição da composição familiar geraram também o declínio do apoio social e respeito aos velhos. É a junção destes quatro elementos, que emergem do discurso gerontológico, que constroem uma representação da velhice, no lugar de vítima do sofrimento.

No transcorrer das décadas subsequentes, um contraste com a imagem midiática se acentua e o idoso passa a ser retratado como fonte de recursos, a partir dos quais, pode buscar formas criativas de superação aos obstáculos do envelhecimento. Diante desses variados aspectos, que mesclam pessimismo e otimismo, a gerontologia adotou uma postura

conciliadora em seu discurso, no sentido de reconhecer a velhice como um estágio marcado pela ocorrência mais elevada de doenças; mas também, de apresentá-la como possibilidade de manutenção da atividade. Sendo assim, mesmo com algumas limitações, seria viável ter um envelhecimento saudável apenas seguindo as instruções dos saberes autorizados.

Seguindo esse movimento, em todo o país se proliferam iniciativas de socialização e promoção do bem estar social do idoso, os clubes e grupos para a terceira idade, as universidades abertas e as próprias Instituições de Longa Permanência para Idosos, que cada vez mais buscam formas de engajamento e enquadramento social para os idosos residentes, haja vista por exemplo, a intensa rotina de atividades realizadas no cotidiano da VVJF.

A cidade de João pessoa não se configura isenta nesse movimento nacional e conta na atualidade com iniciativas de diversas entidades, como grupos culturais, atividades de dança, pintura, entre outras manifestações artísticas. O Clube da Pessoa Idosa⁶¹ e o Programa Cidade Madura, cujos condomínios são projetados para as necessidades das pessoas idosas, dispõe de unidades habitacionais de saúde e lazer para os idosos residentes; bem como, algumas instituições semelhantes à Vila Vicentina Julia Freire. Entre estas instituições congêneres, podemos destacar: o Lar da Providência Carneiro da Cunha, situada no Bairro dos Estados; a Casa da Divina Misericórdia, localizada no bairro Jardim Cidade Universitária; e a Associação Promocional do Ancião Dr. João Meira de Menezes (ASPAN), no bairro do Cristo Redentor, algumas delas com maior e outras de menor capacidade funcional.

No que se refere ao discurso de diferenciação da VVJF em relação às mesmas, é consoante entre os voluntários, a perspectiva de que o acolhimento e a rede de amparo familiar oferecida na instituição têm impacto direto na vida dos idosos e no comportamento deles perante o mundo.

Aí a gente chega aqui dentro da Vila Vicentina, eu já desafiei algumas pessoas a fazerem isso, quase fazendo uma experiência, e ninguém conseguiu acertar. E o desafio, eu vou até lançar pra você esse desafio. Sem você perguntar pras pessoas a respeito dos seus parentes, você ficar como você fica aqui normalmente na Vila Vicentina e depois você vem me dizer, ou então até agora, você pegar aí um pedaço de papel e escrever pra mim o nome de 10 pessoas que não tem ninguém no mundo, ninguém, que não tem

⁶¹O referido clube localiza-se no Bairro no Altiplano, as suas atividades são administradas pela Prefeitura de João Pessoa (PMJP), por meio do Instituto de Previdência do Município (IPM). No local, são realizadas diversas práticas que estimulam tanto o bem-estar da saúde física, como a mental. Entre as principais atividades, estão: natação, alongamento, hidroginástica, yoga, pilates, artesanato, coral, oficina da memória. Os idosos além de terem acesso a serviços de saúde, como fisioterapia, nutrição, psicoterapia e serviço de enfermagem, podem assistir a exibição de filmes uma vez por mês, além de palestras temáticas mensais e passeios programados.

nenhuma visita, que ninguém vem aqui vê-los. E vê se você consegue acertar 10. Ninguém conseguiu (MELO, 2018).

Embora esta perspectiva de envelhecimento otimista e ativo esteja também entre os principais objetivos dos discursos profissionais e dos voluntários, a perda gradual das habilidades cognitivas e da capacidade de controle físico e emocional, é uma realidade vivenciada pela quase totalidade dos idosos. Tem influência direta na percepção dos mesmos acerca do seu envelhe(ser), em especial naqueles com idade avançada e problemas de saúde mais graves. Tais dificuldades comumente são negligenciadas pelas imagens satisfatórias do envelhecimento positivo, que não dispõe de instrumentos suficientemente capazes de solucioná-las (DEBERT, 1999, p. 80). Esses problemas podem ser identificados na fala da entrevistada.

Cada pessoa aqui tem uma patologia e dentro dessa patologia eu tenho que trabalhar criando em cima da patologia dele, Alzheimer, Parkinson, doença psíquica, coordenação motora, AVC, aí tem várias patologias que a gente tem q detectar, olhar no prontuário, detectar, fazer o acompanhamento médico e dentro do acompanhamento se trabalhar a memória, trabalhar coisas que concentre ele dentro daquela patologia dele, ela, por exemplo, tem Alzheimer então eu sei que eu tenho que ter esse jogo de cintura com ela, ela vai fazendo atividade daqui a pouco ela faz: olha o passarinho (BEZERRA, 2018).

Dentre as principais práticas terapêuticas e de envolvimento, desenvolvidas pela profissional da Vila Vicentina, ela cita essencialmente as atividades voltadas ao movimento e ao exercício da memória; para os quais utiliza variados recursos, como brinquedos de montagem, massas de modelar, cartas, pinturas e principalmente as músicas, cuja receptividade entre os idosos é bastante significativa.

Essa aceitação pode ser verificada através das cirandas realizadas entre eles, mas que também são práticas comuns durante as festividades. Os visitantes, familiares, funcionários e especialmente os idosos, são convidados a ocupar o salão, formar um grande círculo com todos de mãos dadas, onde são entoadas diversas canções populares. Entre elas, figura uma espécie de hino da Vila Vicentina. A letra da canção apresenta uma série de características intrínsecas ao cotidiano da instituição e exalta traços positivos do convívio com os idosos, retratados como detentores do saber, oriundos das experiências de vida.

Vila Vicentina é meu querer, A vila Vicentina é meu cantar é meu viver (2x)

A vicentina é um lugar de alegria,

A gente canta, a gente dança, a gente ri;

Nossos amigos servem com alegria,

Seja noite, seja dia como é bom estar aqui

Vila Vicentina é meu querer, A vila Vicentina é meu cantar é meu viver (2x)

Cada dia é um aprendizado a mais

Quantas histórias a gente tem pra escutar

De uma vida cheia de recordações

Quantas lições de vida eles tem para nos dar

Vila Vicentina é meu querer, A vila Vicentina é meu cantar é meu viver (2x)

Como é bom viver a fraternidade

Um convite nós fazemos pra você

Venha conosco, sentir essa alegria

Seja noite, seja dia como é bom estar aqui

Vila Vicentina é meu querer, A vila Vicentina é meu cantar é meu viver (2x)⁶²

A partir dos variados aspectos discutidos, podemos notar que no espaço de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, como a Vila Vicentina Julia Freire, é possível encontrar múltiplas representações acerca do envelhecimento e da velhice. As perspectivas de envelhecimento positivo e as imagens das perdas relativas a esta fase da vida, transitam lado a lado e não dificilmente podem fazer parte das percepções dos sujeitos que a compõem.

⁶²Acervo pessoal da pesquisadora. Letra transcrita de Arquivo gravado em áudio e vídeo durante as festividades da VVJF. Novembro/2017.

4. “VIVÊNCIAS NA VILA”: MEMÓRIAS E SUBJETIVIDADES DA VELHICE INSTITUCIONALIZADA

Mas o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens.

Ecléa Bosi

A epígrafe⁶³ que inaugura este capítulo, da famosa obra de Ecléa Bosi “Memória e Sociedade: Lembranças de velhos” foi eleita tendo em vista a inquietação que produz. Afinal, tratar a velhice como lugar de memória é uma prática comum em sociedades de múltiplos contextos históricos. A ideia do velho como recordador natural do passado parece impregnada em nossa forma de lidar com esses sujeitos cujas marcas do tempo formam um relevo distinto em seus corpos. Dialogando com diversos intelectuais que se debruçam sobre o estudo da memória, como William Stern e Henri Bergson, Bosi (1994, p. 54) confere especial ênfase às contribuições de Maurice Halbwachs e ao objeto por ele estudado, “os quadros sociais da memória”.

De acordo com a autora, ao situar o indivíduo no âmbito das instituições sociais e relações interpessoais as quais pertence, Halbwachs enfatiza como o desencadear do curso da memória, ou seja, o exercício de lembrar está diretamente relacionado ao presente. Isso porque as recordações sobre o passado são geralmente impulsionadas pelos sujeitos integrantes dos grupos de convívio deste indivíduo, como a família, a escola, a comunidade, a igreja e o trabalho. Neste sentido, para o autor o caráter espontâneo da memória é excepcional e a lembrança não constitui um ‘reviver’ das experiências do passado, mas uma tentativa de reconstrução a partir do conjunto de representações que habitam o hoje. São as imagens e ideias do presente e a consciência atual do indivíduo que elaboram novas percepções do passado. Sendo assim, a conservação total deste passado na memória se apresenta como uma impossibilidade, tendo em vista que o sistema de representações, relações sociais, hábitos e ambiente que o sujeito tem na infância se transfiguraram ao longo da sua vida.

Ainda recorrendo a Halbwachs, Bosi (1994, p. 63) discute a função social da atividade mnêmica⁶⁴ exercida pelo sujeito que lembra, diferenciando o adulto ativo do idoso. Para o

⁶³BOSI, 1994, p. 82

⁶⁴ Referência a *Mnemosyne*, divindade no panteão grego. Ver: Bosi (1994, p.89).

adulto ativo, ainda ocupado com uma série de atividades produtivas social e economicamente, o exercício de lembrar estaria relacionado ao lazer, ao repouso. Nesta acepção, “a memória é fuga”, uma breve vontade de escape da realidade. Para os idosos, por sua vez, rememorar o passado é praticamente uma obrigação, uma atividade para o qual está apto por ter mais experiências que os outros sujeitos. Ele é o responsável por conservar as tradições e manter viva a memória das instituições as quais se vincula e da própria sociedade. Lembrar não é uma alternativa de fuga das lides cotidianas, é, antes de tudo, um exercício consciente de afirmação da sua existência.

Haveria, portanto para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os outros homens de outras idades: a obrigação de lembrar e lembrar bem. Convém, entretanto matizar a afirmação de Halbwachs. Nem toda sociedade espera ou exige dos velhos que se desencarreguem dessa função. Em outros termos, os graus de expectativa ou de exigência não são os mesmos em toda parte. O que se poderia, no entanto verificar na sociedade em que vivemos é a hipótese mais geral de que o homem ativo se ocupa menos de lembrar [...] ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais proeminentes do cotidiano se dá mais habitualmente a refacção do seu passado (BOSI, 1994, p. 63).

Em consonância com estas perspectivas, as reflexões propostas por Roger Chartier (2015), ao analisar as contribuições da obra “A memória, a história e o esquecimento”, do filósofo Paul Ricoeur, no que concernem as representações sobre o passado histórico e as distinções entre memória e história também são de extrema relevância. Pois, fornecem os elementos necessários para questionar e categorizá-las no seio do debate historiográfico, “[...] o testemunho da memória é fiador da existência de um passado que foi e não é mais. O discurso histórico encontra ali a certificação imediata e evidente da referencialidade de seu objeto” (CHARTIER, 2015, p. 23).

Subdividindo o seu trabalho em três partes, de acordo com o tema e o método, como esclarece em advertência inicial, Ricoeur (2007, p. 17) dedica à memória espaço primordial em suas análises. Sob a égide de uma perspectiva da fenomenologia, discute a partir dos diversos elementos que compõe a lembrança. Como aponta Ivano (2015), ao analisar a sua obra, a diversidade de sentidos atribuídos à memória e ao esquecimento extingue a possibilidade de estabelecer relações mecânicas entre os exercícios de lembrar e esquecer. A percepção do contexto e condições históricas em que a memória está inserida é essencial para pensar as múltiplas questões que a orientam e envolvem. Atenta que, “para Ricoeur, a fundamentação dessas condições passa pelo entendimento do tempo, isso quer dizer, do modo

como os sujeitos compreendem a si como históricos com suas posturas diante do passado e do futuro” (IVANO, 2015, p. 09).

A metodologia principal desta pesquisa é a história oral. Um exercício inequívoco de alteridade. De maneira que, para uma operacionalização adequada dos seus pressupostos, nos apropriamos das concepções indicadas por historiadores e profissionais de outros campos com experiência no tema. No ano de 2008, o professor, historiador e especialista em relatos orais, Antônio Torres, concedeu à revista *Saeculum*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, intitulada “Memórias, percursos, reflexões”, onde discorre sobre questões intrínsecas ao fazer historiográfico, como a memória, a pesquisa e o ensino de história. Entre principais os problemas que envolvem o uso do termo história oral, Montenegro é enfático ao considerar:

[...] a história oral não existe enquanto área do conhecimento- eu pelo menos estou alinhado com pesquisadores e historiadores que veem no uso das fontes orais apenas uma forma de produzir uma fonte para o trabalho do historiador- e nisso continuo discordando frontalmente daqueles que dizem que publicar entrevista é fazer um tipo diferente de história chamado história oral. Para mim, publicar um documento [...] é um trabalho técnico, mas a pesquisa, o cruzamento de fontes, enfim tudo que enseja a complexa operação historiográfica, só ocorre na hora em que se faz uma análise, quando se constrói uma narrativa histórica (MONTENEGRO, 2008, p. 194).

Segundo Lozano (2006), aplicada em pesquisas nas diversas áreas do conhecimento, a prática da história oral também se utiliza dos instrumentos teóricos de várias disciplinas das ciências humanas, e, assim como outros procedimentos metodológicos, contempla com rigor as mesmas fases da análise histórica. De modo que exige do historiador/pesquisador uma postura ética e reflexiva para o desenvolvimento da entrevista, “O historiador oral é mais que um gravador que registra os indivíduos sem voz, pois procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e consequentemente a análise histórica” (LOZANO, 2006, p. 17).

Para Verena Alberti (2008, p. 155), a história oral permite o acesso à história dentro da história, estendendo possibilidades de interpretação do passado; já Meihy & Holanda (2015, p. 17), entre algumas das perspectivas apresentadas em profícuo trabalho, pontuam que a História Oral é sempre uma história do tempo presente. Na medida em que o seu produto é sempre elaborado por colaboradores vivos em seus exercícios de rememoração com a mediação do pesquisador, que, por sua vez, segue um conjunto de regras e procedimentos

específicos. De todo modo, como sugere a autora, entrar em contato com o cotidiano de sujeitos comuns através das entrevistas, possibilita agregar uma dimensão de vida ao trabalho. Dimensões de humanidade, a partir das quais, os sujeitos idosos que também são a razão de ser de um trabalho como este, oferecem as ferramentas para pensar o que é ser velho na sociedade contemporânea.

Destarte, utilizando a argumentação de Stern, Bosi (1994) pontua como o autor, do ponto de vista metodológico, concilia posturas que admitem tanto a existência de uma memória “pura” que seria mantida no inconsciente; quanto à pressuposição de que são os valores do presente que refazem as lembranças do passado, se aproximando das perspectivas de Halbwachs e Bartlett. Para a autora essa dualidade complexifica o entendimento acerca do que seria a forma preponderante de memória em um indivíduo. Sendo necessário para sabê-lo que o sujeito produzisse a sua autobiografia, “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (BOSI, 1994, p. 68). É sobre essas memórias que discorreremos a partir de agora.

4.1. Trajetórias e narrativas: Ser velho e envelhecer na Vila

A chegada em uma Instituição de Longa Permanência é um processo marcado por múltiplos elementos que envolvem percepções diversas. Inclui desde as motivações e causas que levam os idosos a residir neste espaço, até a receptividade e vontade de permanecer no que se pretende como um novo lar. A ILPI é, por conseguinte, um lugar de encontros com narrativas e algumas histórias de vida permeadas por sentimentos de solidariedade, gratidão, fé, alegria, felicidade, além de novas relações de sociabilidade; mas também de abandono, tristeza, decadência, solidão, desprezo e em alguns casos, violência.

Pautado nisto, o presente capítulo pretende apresentar e discutir as principais representações que permeiam e se constroem acerca da velhice e do processo de envelhecimento no espaço da instituição asilar, a partir da pesquisa de caráter qualitativo, da observação participante e das falas dos idosos - cujas identidades serão mantidas em sigilo. Com base em entrevistas e conversas informais realizadas ao longo destes dois anos de pesquisa, pretendemos nos debruçar sobre diversas questões entrelaçadas ao tema; afinal como sugere Graeff (2005, p. 101), as narrativas do depoente configuram um texto onde o

sujeito busca através da descrição de suas opções, êxitos e derrotas, a formulação de um sentido para o seu público ouvinte, que no caso de um trabalho acadêmico, é o pesquisador.

Cabe mencionar que as narrativas dos sujeitos serão utilizadas de maneira pontual e definidas de acordo com as necessidades de elucidação dos temas abordados. No tocante à identidade, como fora mencionado anteriormente, preferimos preservá-las designando pseudônimos para os idosos participantes, como também substituindo nomes de lugares e pessoas citadas embora preservando o conteúdo principal. Optamos então por elencar nomes cuja letra inicial seguiu a ordem da sequência alfabética, sendo que estes não mantêm qualquer referência como os nomes verdadeiros.

Tabela 3: Relação dos pseudônimos dos idosos participantes com idade e período de residência

Nº de idosos	Nome fictício	Idade	Período como residente da VVJF
Idoso 1	Ana	82	2 anos e 10 meses
Idoso 2	Carlos	83	2 anos
Idoso 3	Laura	73	1 anos e 7 meses
Idoso 4	Maria	76	4 anos

Dona Ana nasceu em João Pessoa, no ano de 1933, reside na Vila Vicentina Júlia Freire há cerca de 3 anos. É uma figura carismática e muito dada ao diálogo com os visitantes. Anda sempre muito bem agasalhada pelos corredores e com frequência participa das atividades de socialização que ocorrem na instituição. É comum encontrá-la pelos corredores conversando com outras idosas, jogando alguma partida de dominó ou outro passatempo fornecido pelas profissionais que atendem no espaço. Mulher negra, viúva, semianalfabeta, reconhece algumas poucas letras, já que não teve a oportunidade de frequentar a escola por muito tempo. Caçula de três filhas, passou boa parte da infância e adolescência na cidade onde muito cedo começou as suas atividades laborais, principalmente nas funções de empregada doméstica ou babá. Sobre esta última profissão, fala com bastante satisfação e nostalgia, tendo em vista o afeto que demonstra sentir por crianças em todas as conversas. Assiduamente cita os nomes daquelas as quais mais se afeiçoou. Foi a partir da

responsabilidade de cuidar das duas filhas de um casal de médicos da cidade que se processou a primeira grande mudança em sua vida: a ida para o Rio de Janeiro, onde viveu por mais de 20 anos.

O encontro com o marido na “Cidade Maravilhosa” – um também nordestino, natural de Natal, no Rio Grande do Norte -, é narrado por ela como um presente do destino. Ambos em busca de uma vida melhor em um lugar de promessas se uniram em matrimônio com o objetivo de “fazer a vida” e retornar a terra de origem. Motorista, o esposo de Ana teve uma vida curta, deixando-a solitária na cidade grande sem filhos ou parentes. Quando as crianças dos seus primeiros patrões cresceram, ela passou a residir com uma amiga até conseguir outro emprego como cuidadora de outro menino chamado Marcelo, filho de um casal de advogados.

Em uma destas tardes de conversa, onde aguardava ansiosamente a chegada de um casal de voluntários com quem costuma passear e que a levaria para comprar os seus remédios de gastrite, conta que o nome Marcelo a acompanha há muitos anos e por todos os sujeitos que o portavam ela nutriu um carinho especial. Entre eles, o vicentino que a recebera na instituição e que sempre a ajudou com as demandas burocráticas do cotidiano. O sonho da maternidade biológica interrompido pela morte precoce do marido, em certa medida parece ter se concretizado através da adoção simbólica das crianças que cuidou. Todavia, ao passo que se sente responsável pela criação dos filhos e filhas dos seus empregadores, também relata algum pesar por ter seus serviços descartados quando a sua presença já não cumpria os requisitos necessários para o convívio familiar de outrem.

Eu gostava demais de cuidar dessas crianças, era igual mãe besta, peguei Marcelinho desde os oito meses fiquei com ele até uns sete anos, mas depois que ele cresceu a mãe botou na escola e foi trabalhar menos, aí ela já num me tratou do mesmo jeito, as mãe fica com ciúme porque as crianças se apegam na gente, dava banho, arrumava, brincava com ele, penteava o cabelo, eu criei bem demais, ele era um menino danado, buliçoso que só, mas era carinhoso demais também (ANA, 2018).

A entrada de Ana no espaço institucional se dá por motivos de saúde. Há mais de 15 anos residia sozinha em um apartamento que havia herdado da irmã mais velha e já falecida. Conta que essa parenta foi a responsável pelo seu retorno à cidade de origem, porque até então ela estava habituada com a vida que matinha no Rio de Janeiro. Quando a irmã faleceu, se viu solitária e a saúde já não era a mesma. Os problemas de circulação e varizes despertavam nela o receio de que em uma situação de risco não conseguisse socorro imediato,

e o seu corpo já não conservava a energia necessária para subir e descer os lances de escada que levam ao primeiro andar do prédio. Além disso, necessitava do auxílio dos vizinhos para realizar atividades mais complexas como ir ao banco ou aquelas que exigiam um esforço físico maior, como arrastar móveis ou lavar roupas de cama. A diminuição gradativa de sua autonomia e independência a incomodavam bastante e levaram-na a aceitar as sugestões dos amigos e vizinhos preocupados, “eu num gosto de aperrear os outros não, era uma perturbação só”, relata. A partir disso, passou a procurar uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, até que com o auxílio de um amigo com quem mantém contato, chegou a VVJF.

As falas de Ana denotam gratidão e alívio por encontrar, no que considera a fase final de sua vida, um abrigo confortável onde se sente segura e pode contar com ajuda 24 horas por dia. Entretanto, sempre que possível ela recorda com saudosismo a vida que levava em seu apartamento e enfatiza que se a saúde e as pessoas lhe permitissem estaria no mesmo. Pois, aprendeu desde cedo a se virar sozinha e gosta de resolver as “suas coisas” no ritmo que lhe convém, na hora que “dá na telha”. Ademais o impedimento de realizar os afazeres domésticos também a incomodam, como é possível constatar em seu depoimento:

Eu gosto muito daqui porque tem gente o tempo todo, as menina são muito boazinhas, fazem muita coisa pra gente, eu só não acostumei, porque a gente é acostumada a dormir no quatinho na casa da gente acha ruim ter que sair, ainda tem negócio de louça, de comida que eu não posso fazer, e também não tem lugar pra cozinhar, eu gostava de fazer minhas coisas, eu passei 15 anos morando nesse apartamento, então eu passava minha comida tudo no liquidificador a hora que eu queria por causa do meu dente e do refluxo e aqui eu não posso lavar louça, essas coisas (ANA, 2018).

Tais aspectos suscitados na narrativa da depoente exemplificam como a condição de residente numa Instituição de Longa permanência pode ser marcada por significações diversas e que oscilam entre positividade e negatividade, mesmo quando a decisão é tomada de forma consciente e “espontânea” pelo próprio idoso. Neste sentido, como pontua Graeff (2005, p. 147), retomando a argumentação de Turner (1982), a escolha pelo “asilamento” constitui um drama social. Isso porque, além das rupturas (ou afastamento) com os grupos de pertencimento e as redes sociais exteriores à instituição, o indivíduo precisa lidar com as novas percepções que a ILPI enquanto lugar da velhice produz. Estar em contato com as doenças ou com os sinais de decrepitude que não raramente acometem alguns de seus companheiros de residência faz parte deste processo.

Mas, o espaço asilar também pode se apresentar como lugar onde o velho pode viver de maneira mais completa a sua autonomia e relações de sociabilidade, quando nem mesmo o círculo familiar oferece esta possibilidade. Concepções estas que também podem ser identificadas nos depoimentos dos profissionais da VVJF acerca da inserção/ingresso dos idosos na instituição.

Os que vem consciente por que querem, dizem: eu quero ficar aqui e pronto, com esses eu não tenho trabalho, choram as vezes porque é normal chorar de saudade né? Mas não é aquele choro convulsivo de tristeza profunda, do deprimido do ansioso, do que entra em pânico, eu já tive idoso aqui que entrou em pânico de querer ir embora, mas a família disse que não porque mora em apartamento, enfim que não tem dinheiro pra pagar empregado, que não tem dinheiro pra pagar o cuidador, são muitos os motivos (BEZERRA, 2018).

Consoante com essa ponderação, Siqueira e Moi (2015, p. 180), salientam que o processo de institucionalização pode ser extremamente estressante para o idoso de início, considerando que corresponde a perda de alguns papéis sociais outrora exercidos. Não obstante, quando se verifica a manutenção da condição de estresse na rotina do idoso, é necessário que a instituição reconheça esse problema e encontre formas de atenuá-lo. A adaptação aos novos hábitos institucionais, a obrigatoriedade de coabitação com pessoas desconhecidas e às vezes com anciões de alta dependência são os principais fatores que dificultam a integração total do idoso ao espaço.

São olhares diversos que apresentam os elementos constituintes de uma cultura asilar⁶⁵ vivenciada no interior da instituição pesquisada. Outro ingrediente importante para pensar o cotidiano na Vila Vicentina e as perspectivas dos idosos em relação a ele, se dá pela escassez de visitas não dos voluntários, mas das próprias famílias. Sendo uma reclamação consoante entre os residentes e profissionais que trabalham na instituição. Observa-se que com o passar do tempo, a ida dos familiares vai se tornando cada vez mais espaçadas. Para se ter uma ideia do nível de “evasão”, segundo a psicóloga, nas reuniões destinadas às orientações, ao incentivo a participação, ao acolhimento das famílias, que acontecem bimestralmente, a presença dificilmente supera o índice dos 50%.

⁶⁵ Tomamos de empréstimo o termo em questão, utilizado por Graeff (2005, p. 148), para designar o esforço de elaboração de sentidos e interpretações realizadas por sujeitos que vivem um determinado espaço institucional de longa permanência. De acordo com o autor, para tomar parte da “cultura asilar”, é necessário compreender o conjunto de maneiras de pensar e agir que se instituem no espaço social habitado. Uma das particularidades dessa cultura asilar seria determinada códigos de identificação e diferenciação definidos como “carreiras da velhice”, expressão usada por Debert (1999), que faz alusão à noção de trabalho e sobrevivência.

Infelizmente tem familiares que vêm visitar como se tivesse visitando um amigo qualquer e vão embora, não querem interagir [...]Mas na reunião da família, esse ano eu fiz uma em março, foi a última vez, e em janeiro eu fiz outra e só vieram 17 no meio de 30/35, quer dizer é um pingão d'água no oceano, já é uma reunião que acontece esporadicamente e ainda com uma participação pequena é complicado, mas a gente não desiste não, a gente olha pra frente e vai, vai conversando, conversando e vamos ajudando um ao outro. (BEZERRA, 2018).

Cenário de descuido e abandono por parte dos familiares que já foi abordado várias vezes pela imprensa local, em diferentes oportunidades. Em matéria publicada pelo jornal A União, no ano de 2009, por exemplo, com o título “Esquecidos e Abandonados”, o texto da repórter Natália Ferreira traz um panorama acerca da condição em que vivem os idosos assistidos pela Vila Vicentina Julia Freire e outras instituições similares da capital paraibana, como a Casa da Divina Misericórdia. Introduzindo a discussão do tema, a matéria descreve a situação de uma idosa que sofre os efeitos da senilidade, sem recordar o próprio nome ou a idade, foi levada a VVJF por uma ambulância porque se encontrava em situação de vulnerabilidade, vagando pelas ruas sobrevivendo das esmolas que os transeuntes lhe ofertavam.

Em um dos trechos que ressalta a importância do trabalho realizado pela ILPI se lê: “De acordo com Arimatéia⁶⁶, na Vila há 65 idosos. Muitos deles estão doentes e precisam de atenção médica. Desses, 35 foram esquecidos pelos parentes e teriam sérios problemas, caso o asilo viesse a fechar”. Em outra passagem onde se narra o esquecimento dispensado a uma idosa, que fora empregada doméstica e vivia na casa dos patrões mesmo após a aposentadoria, em condições indignas para qualquer ser humano, deparamo-nos com uma narrativa semelhante à anterior “Desde que chegou aqui, ela não recebe visitas e não temos notícia dos parentes dela. Ela só tem a nós, constata a diretora”.⁶⁷

A continuidade da matéria apresenta dados de uma pesquisa sobre a violência doméstica a qual o idoso é, muitas vezes, submetido e que se constitui como uma das principais motivações pela opção de residir em ILPI's no Brasil. Além de outras entrevistas

⁶⁶ Diretor da instituição no período de publicação da matéria.

⁶⁷ Trecho de depoimento da diretora da Casa da Divina Misericórdia M. A. de L. na reportagem supracitada. Disponível em: <http://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/jornal-a-uniao/2011-a-2015/2009/junho/14-06-2009.pdf>

que abordam como a pouca ou nenhuma participação das famílias na vida dos idosos institucionalizados pode ocasionar traumas que reverberam de maneira avassaladora no cotidiano e conclui que entre as variantes formas de violência, o abuso psicológico, financeiro e o abandono são os mais comuns. E, mesmo passíveis de punição através de leis específicas que regem o direito do idoso no país, ainda apresentam índices alarmantes. São testemunhos práticos da condição de desamparo da velhice na sociedade contemporânea.

Figura 12: Jornal “A UNIÃO” – edição de 14 de junho de 2009

4

JOÃO PESSOA, DOMINGO, 14 DE JUNHO DE 2009

GERAL

A UNIÃO
“Paraíba democrática, terra amada”

Esquecidos e abandonados

■ Muitos idosos que moram em abrigos são o retrato vivo do descaso dos familiares. Resgatados das ruas da cidade, os abrigos são o refúgio

Nathielle Ferreira
REPORTER

Maria Souza da Penha desconhece a própria idade. Não sabe dizer seu nome completo e nem se tem algum parente vivo. Ela desconfia que teve filhos, mas também não consegue afirmar isso com precisão. Apesar do sorriso fácil e da conversa simpática, as informações desencontradas denunciam que a mulher sofre de confusão mental.

Morando há seis anos na Vila Vicentina, um abrigo para idosos, localizado no bairro da Torre, em João Pessoa, ela não recebe visitas há mais de dois anos e se tornou o retrato vivo do abandono que os familiares praticam contra os velhos. “Ela tem 67 anos e foi trazida aqui por ambulância porque vivia pelas ruas, pedindo esmolas”, diz o presidente do asilo, José de Arimatéia.



Trinta e seis anciões moram na Vila Vicentina. Dona Maria Souza da Penha (D) desconhece a própria idade



© FOTOS: BRANCO LUCENA

Cidadania após humilhações e maus tratos

Abandono é considerado crime punido com cadeia

Ainda não cheguei ao extremo de sofrer um espancamento. O idoso também sofre de outras formas de maus tratos. O mais grave dele é o abandono. Por isso, “esquecer” o pai, a mãe ou outro parente maior de 60 anos em asilo é considerado crime, punível com cadeia.

O curador do Cidadão Valberto Lira explica que a lei é clara e não abre exceção nem se o ancião estiver sendo bem tratado. “Os idosos não podem ser deixados nos asilos e esquecidos pelos parentes, ainda que seja em instituição de assistência de saúde, como asilo ou hospital.

Fonte: <http://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/jornal-a-uniao/2011-a-2015/2009/junho/14-06-2009.pdf>

A percepção da velhice enquanto vítima da ingratidão dos jovens ativos e saudáveis está presente não apenas nos sujeitos que transitam no espaço, mas nos próprios idosos que nutrem sentimentos diversos e repercutem, muitas vezes, com entonação de mágoa e até

revolta “eu cuidei de muita gente, mas no final da vida ninguém cuidou de mim, a minha sorte foram esses anjos daqui, no meu caminho” (ANA, 2018).

Na contramão desta realidade, quando interpelada sobre essa questão, Maria, aos 76 anos, ao contrário de muitos idosos, afirma receber com frequência a visitas dos filhos e netos e até passar as datas comemorativas do ano, como natal, réveillon e aniversários com seus familiares e amigos. Todavia, reconhece que o seu caso é praticamente uma exceção entre os residentes, pois, avalia que a metade deles não recebe visitas de conhecidos ou parentes e mesmo entre aqueles que os tem, poucos são os que estabelecem contato frequente. Assim como Ana, Maria é viúva e morava sozinha em uma casa. E, já que não tinha condições de se cuidar sem ajuda de terceiros, considerando especialmente os problemas na visão e suas dificuldades para realizar as atividades do dia a dia, um de seus filhos resolveu levá-la para morar na instituição, mas ela reitera sempre que a decisão só foi tomada com o seu consentimento.

A presença da família na instituição é exposta por Maria com orgulho e constitui uma espécie de sinal de distinção entre a sua velhice amparada e a dos demais; como assinala Cavalcanti (2013, p. 65), a família enquanto herança afetiva e cultural, símbolo de status social, é uma construção histórica e atinge de modo mais intenso as gerações anteriores, pois, elas experimentaram um modelo mais inflexível e hierarquizado de família. Uma pedagogia moral que consolidou a inspiração no padrão de sagrada família cujo núcleo é formado por pai, mãe e filhos. Segundo a autora, embora o transcorrer das últimas décadas do século XX e início do XXI, tenha sido acompanhado por um conjunto de mudanças que reconfiguraram as estruturas e relações familiares, promovendo mais dinamismo, igualdade de gênero e geracionais, e uma crise do modelo tradicional, isso não se traduziu necessariamente no declínio do valor social da instituição familiar, nem na libertação total dos sujeitos deste vínculo.

Meu filho trabalha, mas ele num me deixa passar muito tempo sozinha não, ele vem pelo menos de 15 em 15 dias tem outros que mora mais longe no interior e que vem menos, mas ele liga, o meu filho daqui sempre vem trazer as minhas comprinhas que ele faz, umas frutas diferentes e outros lanches e perfume, que ele sabe que eu gosto de ter minha coisinhas, quando ele não vem uns de meu neto vem, até pra festa ou pra me levar no médico ou alguma coisa assim, então eu to tranquila (MARIA, 2018).

A entrada na instituição é narrada por Maria como um momento de alegria, uma dádiva por poder desfrutar do espaço e da convivência tanto com sujeitos na mesma condição que ela, quanto com os visitantes, profissionais e voluntários que constituem a VVJF. A integração em um novo grupo, a fuga da solidão, os cuidados e vigilância diárias e a formação de sua “família adotiva”, cujos sujeitos passaram a constituir os seus principais laços afetivos, são tidos e comemorados como uma benção divina. Signos da sua religiosidade/espiritualidade são acionados sempre que possível para elucidar a valorização das benesses que recebeu ao ser acolhida neste lar.

Gostei demais de ter vindo pra cá, se eu soubesse tinha era vindo há mais tempo, a pessoa morar numa casa sozinha é muito ruim, é complicado, e aqui não, é mesmo que tá em casa de família ou até melhor. Graças a Deus e a Nossa senhora que sempre guia o caminho certo, aqui quando a gente se sente mal verifica a pressão na mesma hora, as vezes dá 18 por 10, se eu tivesse em casa sozinha podia ser muito pior, faz oito dias hoje que a minha subiu aí as enfermeiras resolveram logo, eu mesma só saio daqui pra morrer, devia era ter vindo antes que é bom demais, todo mundo olha a gente. (MARIA, 2018).

As doenças e patologias da velhice são consoantes entre boa parte dos idosos. Sendo aquelas mais visíveis encaradas por muitos como prelúdios da morte, “esse aí coitado, daqui apouco Deus chama”; “a coitada só vive na cama”; são apenas alguns dos discursos com os quais nos deparamos ao estabelecer um diálogo com idosos em instituições de longa permanência; “Tá vendo essas dores, piora de noite, eu já acho que é mais ou menos um chamado”, Carlos em tom melodioso e às vezes quase inaudível durante as várias conversas que estabelecemos, inclusive informalmente, se queixa das dores que o acompanham há muitos anos. Conta que é muito bem atendido pelos cuidadores e enfermeiros responsáveis, mas considera a doença como um mal inevitável, “vida de velho é assim mesmo minha fia, tem pra onde correr não”, os remédios receitados pelos médicos já não surtem os mesmos efeitos de antes e pouco amenizam o sofrimento que as dores da doença lhe causam.

Vale ressaltar que os problemas de saúde de natureza física pelos quais Carlos e outros idosos passam, são por ele narrados assim como pelos demais como preferíveis aos “problemas da cabeça”, o que denota uma produção de hierarquias nas condições de envelhecer de cada sujeito. O estado de fragilidade do companheiro do lado muitas vezes serve como parâmetro de afirmação para sua condição de idoso capacitado e “autônomo”. Debert (2004, p. 121) descreve suas impressões ao realizar pesquisas com velhos, tanto em suas unidades domésticas, quantos em instituições asilares. A autora aponta que a ideia de que

“o velho é sempre o outro” também está presente de forma mais veemente no segundo espaço e que os idosos residentes em lares e abrigos especializados tendem a categorizar uns aos outros em três tipos básicos, de acordo com os graus de dependência, a partir dos quais elegem como vão estabelecer a sua convivência e sociabilidade.

A primeira categoria seria a dos velhos propriamente ditos, distinguíveis facilmente. São aqueles que se encontram num movimento contínuo e inconvertível em direção à senilidade, que já perderam a capacidade de movimento, de reconhecer as pessoas, de estabelecer relações e dependem totalmente dos cuidados alheios, conseqüentemente, esses idosos são dignos de complacência e piedade. O segundo grupo compreende aqueles indivíduos que se encontram em boas condições do ponto de vista físico, conservando sua independência funcional, mas cujo estado de deterioração mental se encontra em estágio avançado, sobre este grupo Debert (2004, p.123) registra que, “ficar senil é o grande temor dos residentes, tão grande quanto a invalidez e maior do que a morte. Demonstrar que não se é senil é um desafio que parece ocupar cada momento do cotidiano dos idosos”. Por conseguinte, é com relação a este grupo que alguns idosos procuram manter certo grau de afastamento, apontando os elementos que os diferem dos signos da senilidade.

A terceira e última categoria é formada pelos residentes lúcidos, aqueles que se comportam de acordo com as regras de “etiqueta e sociabilidade”, consideradas adequadas e comuns para esta fase da vida. No âmbito deste grupo a solidariedade se exterioriza através dos cuidados e gentilezas básicas no dia a dia, como por exemplo, questionar se seu vizinho passou a noite bem, se tomou os remédios nos horários corretos, ou se está interessado em participar de alguma atividade de lazer/recreação. Tais concepções indicadas pela autora podem ser identificadas nas falas de Carlos e Maria ao analisar os comportamentos dos seus companheiros de residência institucionalizada.

Você fala com o “fulano”⁶⁸ e pensa que ele tá entendendo tudo, mas ele não tá entendendo é nada, ele só olha pra você, mas tá no mundo dele, mundo da lua mesmo, daqui a pouco ele começa a lixar as colunas com uma folha, você vai ver, tem pouco juízo, acho q ele lembra de algum trabalho que ele fez quando era novo, né? Olhe, mas Deus que me livre de ficar assim, é melhor me levar, eu sofro um pouco com as dor, mas dá pra aguentar, eu posso conversar pelo menos, jogar alguma partida de carta pra não ficar com tédio, e assim a gente vai levando a vida, mas e esses que não entende nada, quero isso pra mim não, melhor Deus me levar (CARLOS, 2018).

⁶⁸ Optamos por omitir também a identidade do sujeito citado na narrativa do depoente.

Eu gosto de ajudar do meu jeito, quem tá na situação pior que a minha, converso muito com as meninas, chamo lá pra o salão pra gente fazer alguma coisa, que as cuidadora sempre deixa umas coisa pra gente brincar, mas não é todo mundo que sabe, aquela ali você conversa mas ela lembra de pouca coisa, as vezes esquece até de mim que to aqui todo dia, vê se pode? Problema sério na memória dela, aí fica andando o dia todinho, passeando pelo corredor (MARIA, 2018).

Carlos nasceu no ano de 1935, em Alhandra-PB, hoje com 83 anos, é filho de servente e dona de casa e passou boa parte da infância em municípios da região metropolitana de João Pessoa. Conta que mesmo não tendo nascido na cidade propriamente, acabou sendo registrado nela por questões burocráticas. As narrativas de Carlos são a todo o momento cruzadas por suas memórias de trabalho, motorista de ônibus e caminhão de carga durante maior parte de sua existência. As suas falas são sempre marcadas por nostalgia e certa amargura por não poder exercer a profissão que tanto lhe causava orgulho, verificando-se “a fusão do trabalho com a própria vida” (BOSI, 1994, p. 475).

Sem saber ler, conta que aprendeu a assinar o nome apenas para conseguir a primeira habilitação e que na sua juventude esse processo era mais fácil. Até hoje guarda todas as que possui na carteira como recordação e comprovação da atividade que exercera por tanto anos e que possibilitou que ele conhecesse praticamente metade dos estados do país. Em quase todos os encontros que estabelecemos Carlos fez questão de mostrá-las e associar as datas de validade de cada documento aos eventos mais importantes de sua vida, enfatizando a cada nova conversa, no seu exercício de historiar “Eu sou um cara que andei muito. Graças a Deus”.

Foi em uma destas viagens, como caminhoneiro de uma transportadora, que ele conheceu a esposa, um casamento por conveniência sobre o qual afirma ter péssimas recordações, “foi tudo horrível, mas eu ainda passei mais de 20 anos casado”. Recorrentemente deposita nela a responsabilidade pelos infortúnios que lhe alcançaram, em especial nas duas últimas décadas, com ela teve apenas um filho que já faleceu e não teve a oportunidade de se despedir, haja vista que, segundo seus relatos, a esposa o abandonou e fugiu para o Rio de Janeiro com boa parte dos seus pertences quando ele já estava com problemas de saúde oriundos de uma inflamação na perna. Foi também através destas andanças que Carlos conheceu aquela a quem confere o título de grande amor de sua vida, e que não foi capaz de esquecer, a mulher, residente de Vitória no Estado do Espírito Santo e descendente de uma família tradicional italiana. Ele conta que a instabilidade no emprego,

junto com a antipatia e o preconceito que a família dela nutria por ele foram os fatores determinantes para o final do romance.

Ela era capixaba de Vitória do Espírito Santo. Só que ela é filha de italiano legítimo. Lá dá muito italiano naquelas serras. Vitória é muito serrana é a terra de café. Trabalhei lá dentro, até em ônibus, desses grandes. Ela estudava no centro de vitória, colégio grande. Era colégio do estado, mas era muito bom, só estudava gente de boa condição. E esta mulher foi a mulher que Deus me deu pra casar com ela, mas o mundo atrapalhou. Eu falo mas fica faltando um pedaço assim, e você sabe que sempre o seu caminho tem uns galho de espinho. Quem trabalha em companhia não tem canto certo, a minha sede era no Rio de Janeiro. Eles me mandava pra todo canto, passei uns tempo em vitória, sai de lá e fiquei em ônibus... é a sorte do peão, nesse tempo ela tava terminando o pedagógico, ela muito inteligente, e nós namoramos como noivos, mas os pais não queria por causa da raça. Ele não queria casar a filha dele com essa gente (CARLOS, 2018).

Apesar das dificuldades, Carlos faz questão de afirmar que o casal sempre encontrava estratégias para manter o relacionamento, mas a personalidade forte de sua companheira até então, não foi suficiente para superar as dificuldades de comunicação da época, as dificuldades financeiras e as transferências constantes resultaram no afastamento definitivo de sua companheira.

Na capital eu fazia duas linhas, fazia dois pontos. Vamos supor, oitizeiro-centro aqui... eu fazia lá “Santo Arocato”, era um bairro que tem muita maré, muita água de maré, muito caranguejo, muito siri, “Santo Arocato” era tipo um bairro tipo uma favela. O ponto do ônibus que eu fazia era terminal, dali eu apanhava passando no centro, e inclusive passava no ponto dela. Aliás, não era o dela, mas ela vinha pra me ver. Aí apanhava o ônibus só pra mim dá um beijo nela. Ai quando nós tava já com a aliança, o pai disse que não queria, ninguém queria, mas ela falava: “Carlos, quem quer você sou eu”, ela era destemida e de maior já. Eu teimei com a aliança, a gente escolheu acho que isso foi em 63. Eu lembro como se fosse hoje, ela dizia “Carlos, se Deus quiser, eu vou me formar agora no fim do ano”... aí quando nós tava com quase tudo pronto o negocio quando tem de ir de água a baixo, vai... quando foi naquele mesmo ano, a companhia me transfere pra fazer o trecho São Luis– Fortaleza. Passando por dentro de Teresina, sem telefone, sem comunicação já viu, né? Eu até hoje nem em Vitoria passei. Eu tive perto, tive em São Mateus. Tive em Linhares, mais perto ainda. Ainda hoje eu, falo assim com uma pessoa que nem você que merece, mas eu não gosto de falar não. Porque, sei lá, me dá uma tristeza grande. (CARLOS, 2018)

Esses eventos que geralmente são recordados com certo embargo de sua voz fazem parte da memória afetiva mais remota de Carlos. Estão conectados à sua memória de trabalho

e constituem recursos que participam da definição e fixação de sua identidade social. Carlos foi levado a VVJF por familiares, irmãos e sobrinhos que ocasionalmente lhe fazem visitas, mas afirma que mantém vínculo forte com colegas/amigos de profissão; e que até prefere a companhia destes com os quais compartilha mutuamente suas lembranças. Neste sentido as práticas de rememoração de Carlos e seus companheiros de trabalho elucidam o que afirma Bosi (1994) sobre a importância do trabalho na vida do indivíduo, sobretudo, quando este já não é capaz de desenvolvê-lo.

Todo e qualquer trabalho, manual ou verbal [...] acaba-se incorporando na sensibilidade, no sistema nervoso do trabalhador, este ao recordá-lo na velhice investirá na sua arte uma carga de significação e valor talvez mais forte do que a atribuía no tempo da ação (BOSI, 1994, p. 480).

De acordo com a autora, o trabalho tem diferentes dimensões e significações para além de sua natureza corpórea, permeando a vida psicológica do sujeito, e instaura uma espécie de adestramento das práticas que terminam por se misturar com a identidade e o cotidiano desse indivíduo; o trabalho/emprego é antes de tudo a demarcação do seu lugar na hierarquia social e no mundo dividido por classes e grupos. Um signo de status e diferença entre o eu e o outro.

Por sua vez, nas narrativas de Dona Laura, o trabalho não adquire destaque, mas sim as lembranças e os vínculos afetivos de sua vida em um pequeno município localizado na região geográfica imediata de Guarabira. Nascida em 1945, teve um casamento curto sobre o qual não gosta muito de falar e não teve filhos, todavia, recebe a visita de alguns poucos membros da família, como primas e sobrinhas que residem em João Pessoa e que eventualmente a levam a passeios e comemorações diversas. Lúcida e alfabetizada, com frequência viaja até a sua cidade para inspecionar o estado da sua antiga casa e amenizar a saudade do lugar e das pessoas que conhece há muitos anos; tomou a decisão de procurar uma Instituição de Longa Permanência por não se sentir segura o suficiente morando sozinha em uma casa, apesar do bom estado de saúde e por não querer incomodar os parentes.

Dona Laura, relata como a manutenção de sua individualidade foi imprescindível na escolha pela VVJF em detrimento de outras instituições, conta que chegou a visitar algumas delas e que quase cogitou a possibilidade de residir em outro lar que tivesse uma programação de atividades religiosas católicas ainda mais intensas que a Vila Vicentina, todavia, nesses lugares teria que compartilhar o quarto com outra idosa, fator que acabou desmotivando-a. Ativa e consciente faz questão de frisar como se sente bem disposta para a idade e narra como o ambiente e a nova rotina de atividades modificaram seus hábitos e lhe proporcionam novos

prazeres, na instituição aprendeu a jogar dominó e damas, montar quebra-cabeças e a apreciar melhor a música que faz parte das dinâmicas de sociabilidade com as quais geralmente se ocupa durante as tardes.

Eu já ia ficando lá, por que tem uma capela bem bonita na parte de dentro e tem freiras, mas tinha que dividir o quarto, era pra morar duas pessoas e aqui só era uma, aí eu conversei com minha sobrinha e pensei melhor, tira a privacidade, porque pode dar a sorte de você gostar da pessoa, mas também pode dar azar, a gente já sabe lidar com as dificuldades da gente, mas às vezes não sabe com as dos outros, e tem também as visitas, porque às vezes vem a família e você fica ocupando o lugar do outro; mas graças a Deus eu tive a sorte de conseguir ficar aqui que também é maravilhoso, sempre tem coisas pra fazer, pra distrair, é só você ter força e disposição, não pode se entregar e ficar só na cama sentado o dia todo tem que se distrair também, só fica velho quem quer, eu tô jovem (LAURA, 2018).

Segundo Dona Laura, foi na instituição que aprendeu como lidar melhor com a perda de pessoas queridas, já que o luto e a despedida são possibilidades sempre a vista em um lugar onde a velhice faz morada, tal perspectiva é ratificada tanto em seu depoimento, quanto na fala da profissional que trabalha na VVJF.

Olhe, eu conheci tanta gente boa aqui, pena que não passaram muito tempo, mas a vida é assim né? A gente só pode atender o chamado de Deus não hora que vier. Já conheci outras pessoas, fiz amigas novas muito boas também e assim vamos levando até quando for a minha vez, mas com a graça vai demorar porque tenho muita coisa pra fazer (LAURA, 2018).

A despedida é o seguinte, geralmente com eles eu procuro muito que eles vivam o luto porque a negação pra mim dói mais do que o luto, então ele vivendo o luto eles vão chorar, ele vão falar daquela pessoa eles vão ter lembranças boas e lembranças ruins, mas eu pergunto; ah lembra de fulano? Lembro... fulano foi muito bom, fulano é meu amigo [...]então cada um tem um comportamento diferente, mas eu prefiro que eles vivam o luto do que a negação, eu não trabalho com a negação (BEZERRA, 2018).

Em harmonia com essas particularidades acerca do processo de institucionalização de Julia, Siqueira e Moi (2015, p. 177) destacam como o ambiente é um dos fatores intervenientes ao bom desempenho intelectual e psicossocial do idoso e apontam alguns princípios norteadores para intervenções ambientais em Instituições de Longa Permanência. Entre os quais figuram a privacidade, a personalização, a oportunidade de escolha, interação e autonomia, a familiaridade, a estimulação, a estética e aparência, a segurança, funcionalidade e a adaptabilidade. Para as autoras, é necessário que as instituições desenvolvam mecanismos

para a manutenção quanto possível da liberdade e independência do idoso, orientando e encaminhando mudanças em atitudes, discursos e práticas inspiradas nos princípios citados.

Isto posto, cabe mencionar que os aspectos discutidos formulam uma tentativa de apreender como os idosos atribuem significados as suas experiências de vida e envelhecimento institucionalizado, trazendo perspectivas heterogêneas que mesclam realismo, otimismo e pessimismo, e que constituem parte das representações que os sujeitos que integram o espaço da ILPI constroem acerca da própria velhice e das múltiplas temáticas a ela vinculadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por eles.

Ecléa Bosi

Os movimentos de significação da velhice experienciados no transcorrer do final do século XX ao início do XXI, que questionam os lugares comuns da inatividade e proximidade da morte, relegados ao idoso; foram acompanhados pelo crescente interesse de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento humano. O surgimento de saberes específicos geriátricos e gerontológicos, voltados a este público, é pontual neste sentido. As ciências humanas e sociais não configuram uma exceção, embora ainda de caráter lacunar, trabalhos nos campos da Sociologia, Antropologia, Psicologia e, mais recentemente da História, tem se debruçado sobre as múltiplas possibilidades de abordagens relacionadas à temática. No caso da historiografia, proporcionado pelo revisionismo de paradigmas e ampliação de olhares quanto às fontes e métodos postulados pelos Annales e a Nova História Cultural.

A presente pesquisa se enquadra neste panorama, uma tentativa de entender o cotidiano de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos e a infinita rede de representações, práticas, símbolos e significados que nela se constroem. A Vila Vicentina Julia Freire tem uma história longa que se insere em variados contextos, acompanhando os processos de ressignificação da velhice, do envelhecimento e das concepções de amparo e cuidado para com os velhos, alvos dos discursos de saber e poder religioso, caritativo, médico e jurídico.

No transcorrer do trabalho, procuramos entender como se operou o processo de institucionalização dos velhos no Brasil, um exercício complexo que envolve a investigação de múltiplos fatores, entre os quais, podemos citar o discurso modernizador e higienista associado às práticas caritativas, disseminadas pela atuação das ordens religiosas de orientação católica. Ambos foram basilares nesse processo, separando os corpos velhos dignos de piedade, dos “vadios” por opção ou destino. A velhice ganhou então um lugar no espaço urbano que se desenhava.

As demarcações etárias e o entendimento da velhice, enquanto fase diferenciada da vida, que demanda a formulação de áreas do saber e intervenções particulares, também constituíram elementos de análise importantes. A articulação destes discursos em sociedades e

associações organizadas nas décadas de 1960 em diante; como a SBGG e a ANG vão produzir o idoso enquanto categoria social, com demandas legais, e como alvo de prescrições. Neste momento, novas expressões são fabricadas e outras são interditadas. O asilo se torna ILPI e surgem a “terceira”, a “melhor” e até a “quarta” idade. A partir do cruzamento de um imprescindível corpus documental, que vão desde as fontes institucionais, do acervo digital, dos documentos de formação ético e administrativo da Sociedade de São Vicente de Paulo, a legislação brasileira acerca dos direitos do idoso, até os depoimentos dos voluntários vicentinos, idosos residentes e profissionais que compõem a Vila Vicentina Julia Freire; buscamos empreender, não apenas um historiar da instituição asilar, mas desenvolver uma compreensão acerca dos significados do envelhe(ser) neste espaço.

Com o desenvolvimento da pesquisa, pudemos observar como as perspectivas de envelhecimento positivo, ativo e saudável, extensivamente publicizadas no século XXI, convivem com as concepções de velhice desvalida, desamparada e que necessita do amparo familiar. Esse acolhimento afetivo e adotivo é proporcionado pelos voluntários vicentinos, que encontram na coexistência com idosos vulneráveis, uma forma de vivenciar o carisma de São Vicente, por eles pregado. Afinal, “o serviço dedicado ao outro que sofre, é o serviço dedicado a Deus”. Como indica Almeida (2013), tais discursos servem como indicadores de pertença, pertencimento a uma determinada classe ou grupo, que expressam uma pedagogia cristã que visa a normatização das práticas dos seus fiéis. A reputação da SSVP, enquanto entidade idônea e digna de confiança depende da atuação de seus confrades e consocias, nas suas variadas obras espalhadas pelo Brasil e pelo mundo.

Circunscrita por uma variedade de sentidos e temporalidades, a Instituição de Longa Permanência para Idosos é praticada de diferentes formas pelos sujeitos que nela transitam. Por fim, os idosos, personagens protagonistas de sua emergência e existência na contemporaneidade, relataram as suas experiências de envelhecimento, marcadas pela ambivalência entre tristeza e alegria, ressentimento, mágoa e gratidão, solidão e sociabilidade, opostos e complementares que variam de acordo com o dia de visita e o estado de ânimo dos depoentes.

Isto posto cabe ressaltar que as problemáticas oriundas das discussões sobre a velhice e o envelhecimento estão longe de estarem esgotadas, ao contrário, ainda parecem estar em fase embrionária, em especial no campo da história. Nesse sentido, as reflexões aqui encontradas intencionam preencher minimamente esse caráter lacunar em nosso fazer e

suscitar novas dúvidas e inquietações. Envelhe(ser) no século XXI é um desafio que se apresenta em inúmeras instâncias, do qual ninguém pode fugir, inclusive o conhecimento.

6. FONTES

6.1. Fontes Orais:

CARDOSO, Washington do Nascimento. Entrevista concedida a pesquisadora Jessica Gleyce dos Reis Felix, Maio de 2017. João Pessoa. 1 arquivo gravado. 56 min.

_____. Entrevista concedida a pesquisadora Jessica Gleyce dos Reis Felix, Maio de 2017. João Pessoa. 1 arquivo gravado. 56 min.34 min

CELANI, Maria Alice. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, maio de 2017. 1 arquivo gravado.78 min.

MELO, Marcelo Paulino. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, abril de 2017. 1 arquivo gravado. 22 min.

_____. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix,João Pessoa, maio de 2017. 1 arquivo gravado. 64 min.

TEMÓTEO NETO, João. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, março de 2018. 1 arquivo gravado. 48 min e 56 seg.

_____. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, janeiro de 2018. 1 arquivo gravado. 55min.

BEZERRA. Cacilda de A. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, abril de 2018. 1 arquivo gravado. 64min.

IDOSO 1. Nome fictício: Ana. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, fevereiro de 2018. 1 arquivo gravado. 82 min.

IDOSO 2. Nome fictício: Carlos. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, fevereiro de 2018. 1 arquivo gravado. 94 min.

IDOSO 3. Nome fictício: Laura. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, março de 2018. 1 arquivo gravado. 59 min.

IDOSO 4. Nome fictício: Maria. Entrevista concedida a Jessica Gleyce dos Reis Felix, João Pessoa, março de 2018. 1 arquivo gravado. 49 min.

6.2- Fontes digitais

Acervo digital - VVJF- Fanpage/Facebook

<https://pt-br.facebook.com/vilavicentina.juliafreire>

6.3. Fontes impressas

SSVP. Sociedade São Vicente de Paulo. SSVP. Regra da Sociedade São Vicente de Paulo - 30 edição. Rio de Janeiro/RJ – CNB DA SSVP, 2007.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). Diário Oficial da União. Resolução da Diretoria Colegiada no 283, de 26 de setembro de 2005. Brasília, 2005. Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/RDC_283_2005_COMP.pdf.

BRASIL. Lei Nº 8.842 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm.

BRASIL. Lei Nº 10.741 de outubro de 2003. Dispõe sobre o “Estatuto do Idoso” e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.741.htm.

BRASIL. Lei Nº 12.303 de 12 de janeiro de 2012. Dispõe sobre a criação do Conselho Municipal dos Direitos do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pb/j/joao-pessoa/>

7. REFERÊNCIAS

- AFFELDT, Marco Aurélio Feltrim. *O asilo enquanto espaço e lugar: A institucionalização da velhice em Santa Maria-RS*. Universidade Federal de Santa Maria Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, 2013.
- AGRA DO Ó, Alarcon. *Velhices imaginadas: Memória e envelhecimento no Nordeste do Brasil (1935, 1937, 1945)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em História. UFPE, 2008.
- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- _____. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- _____. Fontes orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p.155-202.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo: Edusc, 2007.
- ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira. Da política Nacional do Idoso ao Estatuto do Idoso: A difícil construção de um sistema de garantias de direitos da pessoa idosa. In: *Política nacional do idoso: velhas e novas questões / Alexandre de Oliveira Alcântara, Ana Amélia Camarano, Karla Cristina Giacomini (Org) - Rio de Janeiro : Ipea, 2016*
- ALMEIDA, Vanessa Bezerra de. *Cuidados e Cuidadores: Trajetórias de afeto e sensibilidades para com os idosos (Cajazeiras, 1990 – 2013)*. Dissertação (Mestrado em História) PPGH, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande- PB, 2013.
- ARAÚJO, Claudia Lysia de Oliveira; SOUZA, Luciana Aparecida de; FARO, Ana Cristina Mancussi e. *Trajetória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil*. História da enfermagem, Rev. eletrônica; 1(2): [250-262], Jul-Dez. 2010.
- BARBIERI, Natália Alves. *Velhice: melhor idade?*. O Mundo da Saúde, São Paulo - 2012;36(1): pp. 116-119
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice: a realidade incômoda*. 6ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: *Magia, Técnica, Arte e Política*. Ensaios sobre Literatura e história da Cultura. Tradução Paulo Sérgio Rouanet. (Obras escolhidas). 1º vol. São Paulo: Brasiliense, 1987. P. 222-233.
- BENELLI, José Silvio. *Goffman e as instituições totais em análise*. In: A lógica da internação: Instituições totais e disciplinares (des)educativas [online], Editora Unesp, 2014, pp. 63-84.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos – 3ª Ed-* São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A juventude é apenas uma palavra* In: BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 112-121.
- _____. *Coisas Ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S. A., 1989.

BRITO, Suerde Miranda de Oliveira et al. *Memória da Vila Vicentina: Organização e difusão do acervo fotográfico de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos*. Árius, Campina Grande, v. 21, n. 2, pp. 154-177, Jun./dez. 2015.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Trad. de Sérgio Goes de Paula. 2.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CABRAL, Benedita Edna da Silva Lima. *Recrutar laços: estudo sobre idosos e grupos de convivência nas classes populares paraibanas*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas. SP, 2002.

CAMARANO, A. et al. ; *As instituições de Longa Permanência para idosos no Brasil*. In: _____ (org.) *Cuidados de Longa Duração para a população Idosa: um risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: IPEA, 2010, pp. 187- 212.

CAMARANO, A; SCHARFSTEIN, E. *Instituições de Longa Permanência para Idosos: abrigo ou retiro?* In: CAMARANO, A. et al. (org.) *Cuidados de Longa Duração para a população Idosa: um risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: IPEA, 2010, pp. 163- 186.

CASTRO, Anacília Correa. *Proposta de descrição e seleção de fotografias para o repositório digital Vila Vicentina Julia Freire*. Trabalho de Conclusão de Curso- Arquivologia, UEPB, 2016.

CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. *Corpos tristes, Velhices alegres: Do velho instituído pelo discurso da caridade e da higiene ao idoso saudável inventado pelos saberes gerontogeriátricos*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em História. UFPE, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 21 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Portugal: DIFEL, 1990.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHRISTOPHE, Micheline. *Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil: uma opção de cuidados de longa duração?* Dissertação. Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Programa de Pós-graduação em estudos populacionais e pesquisas sociais. Rio de Janeiro, 2009.

COCENTINO, Jamille. *O amor nos tempos da velhice: perdas e envelhecimento na obra de Gabriel Garcia Marquez*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

CORREA, Mariele Rodrigues. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Editora Unesp: Cultura acadêmica, 2009.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do Envelhecimento*. 1 ed. 2 reimp.- São Paulo. Edusp: Faspep, 2012.

_____. *Velhice e o curso da vida pós-moderno*. REVISTA USP, São Paulo, n.42, p. 70-83, junho/agosto, 1999.

DOSSE, François. *O espaço habitado segundo Michel de Certeau*. ArtCultura, Uberlândia, v. 15, n. 27, p. 85-96, jul.-dez. Trad.: Giovanni Ferreira Pitillo, 2013.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos –seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FELIPE, Thayza Wanessa Silva Souza e SOUSA, Sandra Maria Nascimento *A construção da categoria velhice e seus significados*. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. <http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs> ISSN 1984-4352 Macapá, v.7, n. 2, p. 19-33, jul.-dez. 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: editora Vozes, LTDA, 1987.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Editora Perspectiva, Rio de Janeiro, Tradução: Dante Moreira Leite, 1961.

GRAEFF, Lucas. *O mundo da velhice e acultura asilar Estudo antropológico sobre a memória social de velhos no Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Antropologia. 2005.

GROISMAN, Daniel. *Asilo de velhos: passado e presente*. Estudos Interdisciplinares envelhec. Porto Alegre, v2, 1999, pp. 97-87.

_____. *Duas abordagens aos asilos de velhos: da Clínica Santa Genoveva a história da institucionalização da velhice*. Cadernos pagu, 1999, pp. 161-190.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. *Infância e velhice: Desafios da Multiculturalidade*. In: Infância e velhice: pesquisa de ideias, Neusa Gusmão (org.) Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

IVANO, Rogério. *Memória e esquecimento: argumentos de Paul Ricoeur*. In: II Congresso Internacional de História. UEPG-UNICENTRO, 2015. p. 1-10.

LANZA, Fabio; SILVA, Claudia Neves da. Sociedade de São Vicente de Paulo: Caridade católica aos problemas sociais?. História [online]. 2010, vol 29, n.1. pp. 40-55. ISSN: 1980-4369. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v29n1/04.pdf>

LOZANO, José Eduardo Aceves. *Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea*. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Maraita de Moraes (orgs.), Usos e abusos da história Oral., 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MARQUES, Ana Maria. *Velhices problematizadas: discursos sobre envelhecimento em Santa Catarina, no Brasil e no contexto das décadas de 1970 e 1990*. Tese (Doutorado em História). UFSC, Florianópolis, 2007.

MARTINS, Célia Soares. *O trabalho voluntário: da caridade à busca da cidadania*. In: III Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luis, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom & HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer como pensar*. São Paulo: Contexto, 2015.

MINAYO, M. Cecília de Souza. *Envelhecimento demográfico e o lugar do idoso no ciclo da vida brasileira*. In: Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa/ organizado por Belkis Trench, Tereza Etsuko da Costa Rosa. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

MINAYO, M. Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, C.E.A., orgs. *Antropologia, saúde e envelhecimento* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Antropologia & Saúde collection, 209 p. ISBN:978-85-7541-304-3.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

_____. *Memórias, percursos, reflexões*. Saeculum – Revista de História, ano 14, n. 18 (2008). João Pessoa: Departamento de História/ Programa de Pós-Graduação em História/ UFPB, jan/jun. 2008, p. 187-208.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. Revista do Programa de Pós-Graduados de História. PUCSP, 1993, pp. 07-28.

PAIVA, Wanderléia da Consolação. *Os sentidos do envelhecer: memórias e identidades de idosas*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São João del-Rei. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. 2011.

PASINATO, Maria Tereza de M. ;KORNIS, George E. M. *A inserção dos cuidados de longa duração para idosos no âmbito dos sistemas de seguridade social: experiência internacional*. In: CAMARANO (org.) *Cuidados de Longa Duração para a população Idosa: um risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: IPEA, 2010, pp. 39-67

PESSOA, Stefanea Cartaxo. *Corpo e velhice: um estudo da qualidade de vida de idosos da Vila Vicentina Julia Freire em João Pessoa*. (Tese) Doutorado em Ciências da Saúde. PPGCS, UFRN, 2008.

REIS, Breno Maciel Souza. *Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé: perspectivas de análise a partir da interação simbólica no Foursquare*. Contemporânea. N.21 | Ano 11 | Vol.1 | 2013.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Lizete de Souza; SOARES, Geraldo Antonio. *Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea*. Revista Ágora, Vitória, n.4, 2006, p. 1-29.

ROZENDO, A.da S. & JUSTO, J.S. (2012, dezembro). Institucionalização da velhice e regressão: um olhar psicanalítico sobre os asilos de velhos. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(8), pp.25-51. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

SETTON, Maria da Graça Jachinto. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. Revista Brasileira de Educação. nº 20, Mai/Jun/ Jul/Ago; 2002.

SILVA, Claudia Neves. *Caridade e ação social da igrejas: a quem se destinava?*. SSRevista, Universidade Estadual de Londrina, 2008. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2008/30_Caridade_acao_social.pdf

_____. *Igreja católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências*. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, n° 15, jan/jun 2006, p. 326-351

SILVA, Luna Rodrigues de Freitas. *Da velhice a terceira idade: o percurso histórico das identidade atreladas ao processo de envelhecimento*. História, Ciências, Saúde, Rio de Janeiro: V. 15, n, 1, 2008, pp. 155-168.

SILVA, Kátia Ramos. *Velhice e alteridade: relações entre os asilados e as senhoras da caridade*. Dissertação Programa de Pós-graduação em Sociologia, UFPB, 2012.

SIQUEIRA, Maria Eliane; MOI Regiane Cristina. *Estimulando a memória em Instituições de Longa Permanência*. In: VON SIMSON, O.R. NERI, A. L., CACHIONO, M. (orgs.). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2015.

RAMOS, Keila Queiróz e Silva. *Os corpos enrugados e meus outros espelhos etários*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, UFPB, 2008.

REIS, Breno Maciel Souza. *Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé: perspectivas de análise a partir da interação simbólica no Foursquare*. Contemporânea. N.21 | Ano 11 | Vol.1 | 2013

WACQUANT, Loic. *Esclarecer o habitus*. Educação e linguagem, Ano 10, n° 16, 63-71, Jul-Dez, 2007.

8. APÊNDICES

APÊNDICA A

TERMO DE ANUÊNCIA

A ILPI Vila Vicentina Julia Freire está de acordo com a execução da pesquisa: **“ENVELHE(SER) NA VILA VICENTINA: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA SOBRE VELHICE, FÉ E CARIDADE NA INSTITUIÇÃO ASILAR”** que está sob a orientação da Prof.^a Dr. Élio Chaves Flores, desenvolvida por Jéssica Gleyce dos Reis Felix, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Da Universidade Federal da Paraíba, cujo objetivo principal é analisar as representações construídas sobre a velhice no espaço delimitado da instituição de Longa Permanência para Idosos “Vila Vicentina Julia Freire” a partir das subjetividades e olhares dos sujeitos gestores e idosos residentes. A presente pesquisa acarretará contribuições tanto de caráter acadêmico quanto social, na medida em que possibilitará uma ampliação de discussões referentes à temática da velhice e do envelhecimento, cuja inserção nas produções do campo histórico e historiográfico ainda é tímida e incipiente, bem como conferir visibilidade ao espaço institucional pesquisado em outras esferas.

Declaramos conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/2012 do CNS. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

João Pessoa, _____ de _____ de _____

Presidente da Vila Vicentina Julia Freire

OBS: Para fins de adequação aos objetivos da pesquisa, modificamos o título para **“ENVELHE(SER) NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE SOBRE VELHICE, FÉ E CARIDADE NA VILA VICENTINA JULIA FREIRE (JOÃO PESSOA-PB)”**

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa de título **“ENVELHE(SER) NA VILA VICENTINA: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA SOBRE VELHICE, FÉ E CARIDADE NA INSTITUIÇÃO ASILAR”** está sendo desenvolvida pela pesquisadora Jessica Gleyce dos Reis Felix mestrandanda do Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Élio Chaves Flores.

O objetivo principal da pesquisa é analisar as representações construídas sobre a velhice no espaço delimitado da instituição de Longa Permanência para Idosos “Vila Vicentina Julia Freire” a partir das subjetividades e olhares dos sujeitos gestores, voluntários e idosos residentes.

A finalidade deste trabalho é contribuir tanto em questões de caráter acadêmico quanto social, na medida em que possibilitará uma ampliação de discussões referentes à temática da velhice e do envelhecimento, cuja inserção nas produções do campo histórico e historiográfico ainda é tímida e incipiente, bem como conferir visibilidade ao espaço institucional pesquisado em outras esferas.

Solicitamos a sua colaboração para participar de entrevistas gravadas em áudio e/ou vídeo pelo(a) pesquisador(a), como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de ciências humanas e publicar em revista científica. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde, apenas riscos mínimos e imprevisíveis de caráter não físico, na forma de vergonha ou ainda de comprometimento de sua rotina, todavia garantimos flexibilização máxima dos horários de acordo com suas necessidades.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

O(a) pesquisador(a) estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

ou Responsável Legal

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Jessica Gleyce dos Reis Felix

Endereço eletrônico: gleyce.jes@gmail.com / gleyce_jes@hotmail.com

Telefone: (83)98791-0194 / (83)99687-2034

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador(a) Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

OBS: Para fins de adequação aos objetivos da pesquisa, modificamos o título para **“ENVELHE(SER) NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE SOBRE VELHICE, FÉ E CARIDADE NA VILA VICENTINA JULIA FREIRE (JOÃO PESSOA-PB)”**

APÊNDICE C**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Jessica Gleyce dos Reis Felix, mestranda do Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, a realizar as fotos e vídeos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

A presente autorização abrange exclusivamente o uso de imagens e depoimentos para os fins de caráter científico e de estudo aqui estabelecidos, que incluem elaboração de dissertação de mestrado, publicações em revistas e congressos entre outros eventos de mesma natureza.

Tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de ética em Pesquisa que dispõe sobre a ética em pesquisa que envolve seres humanos.

Participante da pesquisa

Responsável pela pesquisa

APÊNDICE D

Roteiro de entrevista semiestruturada - Voluntários Vicentinos

Nome:

Idade:

Sexo:

Profissão:

1- Como você se tornou Vicentino?

2- Há quanto tempo trabalha na Vila?

3- Quais são as suas principais motivações?

4- Qual a sua relação com a fé e/ou religião e como esta interfere no seu cotidiano dentro e fora da instituição?

5-Quais são as atividades que você desenvolve na instituição?

6- Como é sua relação com os idosos residentes na instituição?

7- Como é o cotidiano no interior de uma ILPI?

8- Qual a importância das atividades de lazer e festas para os idosos?

9-Em sua opinião, qual a importância do trabalho que vocês desenvolvem? Você se sente realizado?

10-O que é a velhice pra você? Existem variadas formas de envelhecer?

APÊNDICE E

Figura 13- João Temóteo Neto, ao lado placa em sua homenagem, no bloco do prédio da administração.



APÊNDICE F

Figura 14- Maria Alice Celani, ao lado de idosos residentes da VVJF



APÊNDICE G

Figura 15- Festa de carnaval e Comemoração dos aniversários do mês



9. ANEXOS

ANEXO A

Figura 16: Folder informativo VVJF

